NUEVAMERICA

Nº 93

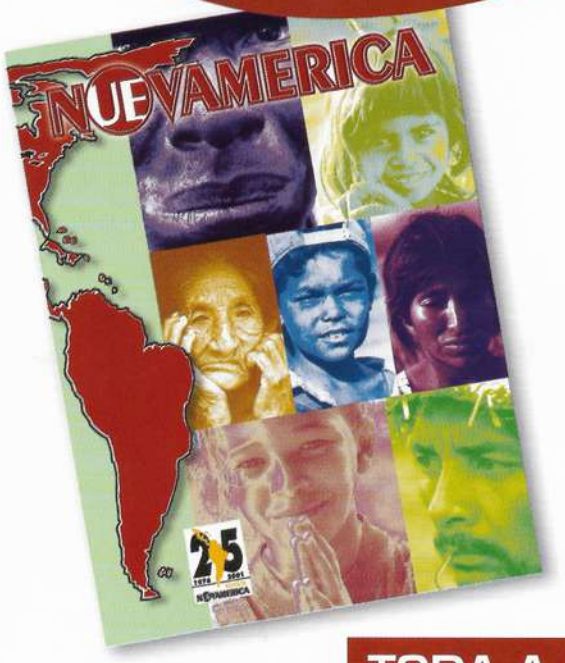
LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE



Pluralismo Religioso

Brasil: R$40,00
Otros Países Latinoamericanos y África: U$15,00
Asia y Estados Unidos: U$30,00
Europa €35,00

Assine agora!



93 Fundamentalismo e pluralismo religioso.

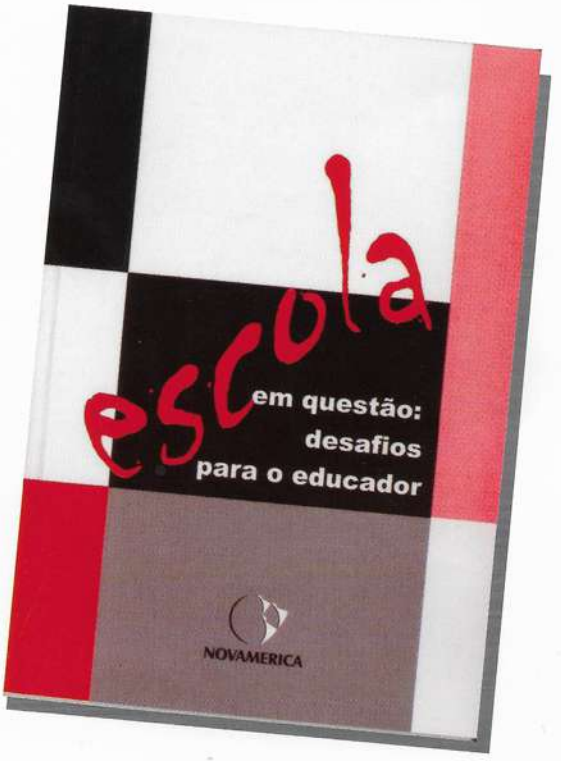
94 Relações internacionais, poder e democracia.

95 Terrorismo, violência e direitos humanos.

96 Cultura/culturas: choque de civilizações?

TODA A REALIDADE LATINO-AMERICANA EM UMA SÓ REVISTA!

Conheça o último lançamento NOVAMERICA





Editorial

Pluralismo religioso

El pluralismo es una característica fundamental del mundo en que vivimos. La globalización, por más que muchas veces esté asociada a lo uniforme, convive, y según varios autores, refuerza las diferentes identidades y culturas. El pluralismo tiene muchas manifestaciones y expresiones. Es fácil afirmar sus valores. Difícil y complejo es vivir esos valores en la cotidianeidad de nuestras sociedades, así como también en la cotidianeidad de las relaciones políticas, económicas, sociales y culturales. Principalmente porque el pluralismo no se da fuera de contexto sino que está impregnado de relaciones de poder.

En el ámbito religioso, el pluralismo es realmente un desafío. Los recientes acontecimientos en el plano internacional ponen en evidencia, con real dramatismo, esta dificultad. Las diferentes tradiciones religiosas, que se constituyen en caminos de búsqueda de sentido y afirmación de la vida, más de una vez han negado al «otro», se han presentado en disputas por los fieles y han competido para multiplicar el número de sus adeptos. Los fundamentalismos se expresan de diferentes maneras. Pueden estar unidos a movimientos de resacrilización del espacio público; de enfrentamiento con la modernidad; de intolerancia como estilo de relación con lo diferente; de cierre y defensa intransigente de sus «fundamentos», hasta incluso llegar al fanatismo.

En este contexto, es imperioso afirmar una cultura de diálogo y de construcción de la paz; de reconocimiento de las especificidades y riquezas de cada tradición religiosa; de respeto a las diferentes manifestaciones de trascendencia y espiritualidad. Solamente en este clima de abertura y valoraciones mutuas es posible construir un mundo diferente.

El diálogo interreligioso presenta diversos niveles, todos necesarios e interrelacionados. *El diálogo de la vida* permite compartir alegrías y tristezas, dificultades, problemas y realizaciones. Se da y se crea en el tejido de la cotidianeidad de los espacios vitales. *El diálogo de las obras* supone colaboración mutua, compromiso en la construcción de sociedades más justas y humanas. En las acciones cotidianas, en los proyectos y programas orientados al desarrollo sustentable de pueblos y culturas, en el intercambio de saberes y experiencias, se van creando puentes y espacios de encuentro. *El diálogo de los intercambios teológicos* se produce cuando los especialistas profundizan en sus propias tradiciones espirituales y aprecian los valores que se hallan presentes en las diferentes religiones. *El diálogo de la experiencia religiosa*, espacio en donde se comparten los caminos de oración, contemplación y búsqueda de Dios, ocupa un lugar privilegiado.

Se trata de un camino en donde la mística es fundamental. Creemos que ésta es imprescindible para la construcción de un lenguaje común que permita la comprensión mutua y el compromiso conjunto para la afirmación de la paz, de la justicia y de la solidaridad, teniendo en cuenta una perspectiva planetaria. Tod@as estamos llamados a hacer esto posible y a vivir en nuestro día a día esta cultura del diálogo.

Pluralismo religioso

O pluralismo é uma característica fundamental do mundo em que vivemos. A globalização, por mais que muitas vezes seja associada à uniformização, convive e, para vários autores, reforça as diferentes identidades e culturas. O pluralismo tem muitas manifestações e expressões. É fácil afirmar seus valores. Muito mais difícil e complexo é vivê-los no dia a dia de nossas sociedades, assim como nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais. Principalmente porque o pluralismo não se dá de modo descontextualizado e está permeado por relações de poder.

No âmbito religioso, o pluralismo se faz especialmente desafiante. Os recentes acontecimentos no plano internacional evidenciam com especial dramaticidade esta dificuldade. As diferentes tradições religiosas, caminhos de busca de sentido e afirmação da vida, em não poucas vezes negam o "outro", disputam fiéis e competem por multiplicar adeptos. Os fundamentalismos se expressam de diferentes maneiras. Podem estar unidos a movimentos de ressacralização do espaço público. De confronto com a modernidade. De intolerância como estilo de relação com os diferentes. De fechamento e defesa intransigente de seus " fundamentos", podendo chegar ao fanatismo.

Neste contexto, se faz urgente afirmar uma cultura do diálogo e da construção da paz. De reconhecimento das especificidades e riquezas de cada tradição religiosa. De respeito às diferentes manifestações de transcendência e espiritualidade. Somente neste clima de abertura e valorização mútuas é possível construir um mundo diferente.

O diálogo inter-religioso apresenta diversos níveis, todos necessários e interrelacionados. O diálogo da vida permite compartir alegrias e tristezas, dificuldades, problemas e realizações. Acontece e se tece na rede cotidiana dos espaços vitais. O diálogo das obras supõe colaboração mútua, compromisso com a construção de sociedades mais justas e humanas. Nas ações cotidianas, em projetos e programas orientados ao desenvolvimento sustentável de povos e culturas, na troca de saberes e experiências vai criando pontes e espaços de encontro. O diálogo dos intercâmbios teológicos acontece quando especialistas aprofundam nas suas próprias tradições espirituais e apreciam os valores presentes nas diferentes religiões. O diálogo da experiência religiosa, onde a partilha dos caminhos de oração, contemplação e procura de Deus ocupam um lugar privilegiado.

Trata-se de um caminho onde a mística é fundamental. Acreditamos que ela é imprescindível para favorecer a construção de uma linguagem comum que permita a compreensão mútua e o compromisso conjunto na afirmação da paz, da justiça e da solidariedade na perspectiva planetária. Tod@s estamos chamados a torná-lo possível. A viver no nosso dia a dia esta cultura do diálogo.

Sumário

EM DESTAQUE/EN DESTAQUE

Compromisso comum com a paz 3

ENTREVISTA/ENTREVISTA

As questões religiosas e o mundo atual 4
Cecília Mariz

CONSTRUINDO CAMINHOS/ CONSTRUYENDO CAMIÑOS

O mundo tornou a começar 14
Pedro Casaldáliga

Religión étnica, modernización y procesos identitarios en América Latina - un análisis sobre el conflicto interétnico en Araucanía 22
Dr. Ricardo Salas Astrain

La teología india en la globalización actual 30
Eleazar López Hernández

Diálogo inter-religioso no Brasil: minorias e educação nacional 36
Roseli Fischmann

EM DEBATE/EN DEBATE

Religión y fundamantalismo 42
Consuelo Vélez

Toda religião tem um componente fundamentalista? 48
Brenda Carranza

IDÉIAS EM REDE/IDEAS EN RED

El diálogo interreligioso 52
Juan Luis Martín

O diálogo inter-religioso 56
Juan Luis Martín

Ecumenismo 2002
Un acercamiento de hermanos 60
Patricio Rodé

MOSAICO/MOSAICO 66

En Destaque
Em Destaque

Reunidos no **11° Encontro para a Nova Consciência***, nós, homens e mulheres, religiosos e religiosas, ministros e crentes, membros de diversas religiões e diferentes caminhos espirituais, acreditamos que a Paz é um bem fundamental da vida e é direito de toda a humanidade que nos vem do amor divino. Reafirmamos a paz como único caminho espiritual. A guerra é sempre um crime contra a humanidade e contra o planeta Terra.

Por isso, em nome do Espírito Divino, energia de amor universal na qual cremos, com os mais diversos nomes e das mais diferentes formas, condenamos todo tipo de guerra, violência e terrorismo, seja de grupos particulares, seja dos Estados que se põem acima das leis internacionais, seja ainda de um sistema econômico que condena à morte milhões de seres humanos e aterroriza os povos com suas intervenções desumanas.

Por isso e para aprofundarmos em nós e no mundo a experiência de intimidade com a Divindade, nós nos comprometemos entre nós, com a humanidade e com o universo ao qual pertencemos a:

1. Perdoar-nos uns aos outros os erros e preconceitos do passado, como corrigir os do presente e a nos apoiar mutuamente no esforço para vencermos o egoísmo, o desamor e para construirmos juntos um mundo de paz.

2. Dialogar entre nós com sinceridade e paciência, não considerando o que nos diferencia como um muro intransponível, mas ao contrário, reconhecendo que o

Compromisso comum com a paz



Foto João Ripper

confronto com a diversidade do outro pode se tornar ocasião de aprofundamento da nossa própria visão espiritual e de uma melhor compreensão recíproca.

3. Defender o direito de toda pessoa humana viver dignamente conforme sua própria identidade cultural e religiosa e também poder unir-se a outros e formar sua própria família religiosa ou cultural.

4. Testemunhar que, qualquer que seja a religião e tradição espiritual que sigamos, recebemos em nós o Espírito Divino, quando nos abrimos à compaixão-solidariedade para com os nossos semelhantes e para com todo o universo.

5. Colocar-nos sempre do lado das pessoas que sofrem na miséria e no abandono, procurando agir de todos os modos possíveis para superar tais situações.

6. Promover a cultura do diálogo para que cresçam a solidariedade, a compreensão e a confiança recíproca entre as pessoas e povos, como bases de uma paz autêntica.

Reconhecemos na iniciativa das organizações sociais e cívicas que promovem o Fórum Social Mundial uma inspiração da Fonte Divina da Vida e da Justiça e nos comprometemos a sempre colaborar com todas as iniciativas que atestem e promovam a transformação deste mundo para uma terra de paz, de fraternidade e de comunhão universal. "Um outro mundo é possível".

"Bem-aventuradas as pessoas que constróem a paz".

** O Encontro para a Nova Consciência já é uma realidade consolidada em Campina Grande – PB, Brasil. Cada ano, promovido pela prefeitura municipal e com apoio de várias entidades, este encontro reúne representantes religiosos de diversas tradições e pessoas que buscam uma espiritualidade ecumênica em uma grande festa de paz e diálogo que dura da 6a feira antes do Carnaval à noite até o final do Carnaval.*

Presentes, bispos católicos, rabinos, sheiks muçulmanos, líderes hindus e budistas, mães de santo e bruxas do Wicca, grupos do movimento Nova Era e grupos indígenas, todos juntos formando um grande coro pela Paz, Justiça e Comunhão com o Universo.

Neste ano, os palestrantes da noite inaugural foram o professor Pierre Weil, reitor da Universidade da Paz em Brasília e o Irmão Marcelo Barros, prior do Mosteiro da Anunciação em Goiás. O tema deste ano era Tolerância e Paz como fundamentos de uma espiritualidade para o terceiro milênio.

Um ponto alto do encontro foi o Ato Ecumênico que reuniu em um culto comum em um anfiteatro ao ar livre todos os participantes do evento no domingo de Carnaval, à tarde. O culto foi coordenado por Marcelo Barros e durante quase três horas, todas as tradições espirituais presentes oraram, cantaram e dialogaram. No final, o ator Caio Blat proclamou um compromisso comum pela Paz que todos aceitaram respondendo a cada frase, de mãos dadas, "Nós nos comprometemos".

CARTA DO LEITOR

Rubén Delgado
Professor de Historia/Quilmes, Argentina

"Amigos de Nuevamerica. Hace unos ocho años que soy suscriptor de la revista, lo cual me alegra muchísimo por varias razones. Una de ellas se debe a la posibilidad de reflexionar afuera del "pensamiento único" neoliberal que cotidianamente nos invade, en segundo lugar por apreciar que existen bolsones pensantes e inteligentes de personas que creen en un mundo solidario y fraterno, y por último, por la posibilidad de utilizar el material de la revista en mi tarea cotidiana en la escuela o en algunas notas periodísticas y en un programa de radio que se emitió hasta hace un par de meses en una FM comunitaria de mi ciudad, Quilmes, provincia de Buenos Aires.

Desde ya mi agradecimiento por el esfuerzo y prometo colaborar con ustedes."

ENTREVISTA

CECILIA MARIZ



Pesquisadora Brasileira, Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. Graduada em Ciências Sociais, é Doutora e Mestre em Sociologia da Religião e da Cultura, área em que concentra suas pesquisas. Membro da Associação dos Cientistas Sociais do Mercosul, da Sociedade Internacional de Sociologia da Religião (SISR), da ABA, e SBS. Autora do livro Coping with Poverty: Pentecostals and Base Communities in Brazil Philadelphia: Temple Univeristy Press,1994.

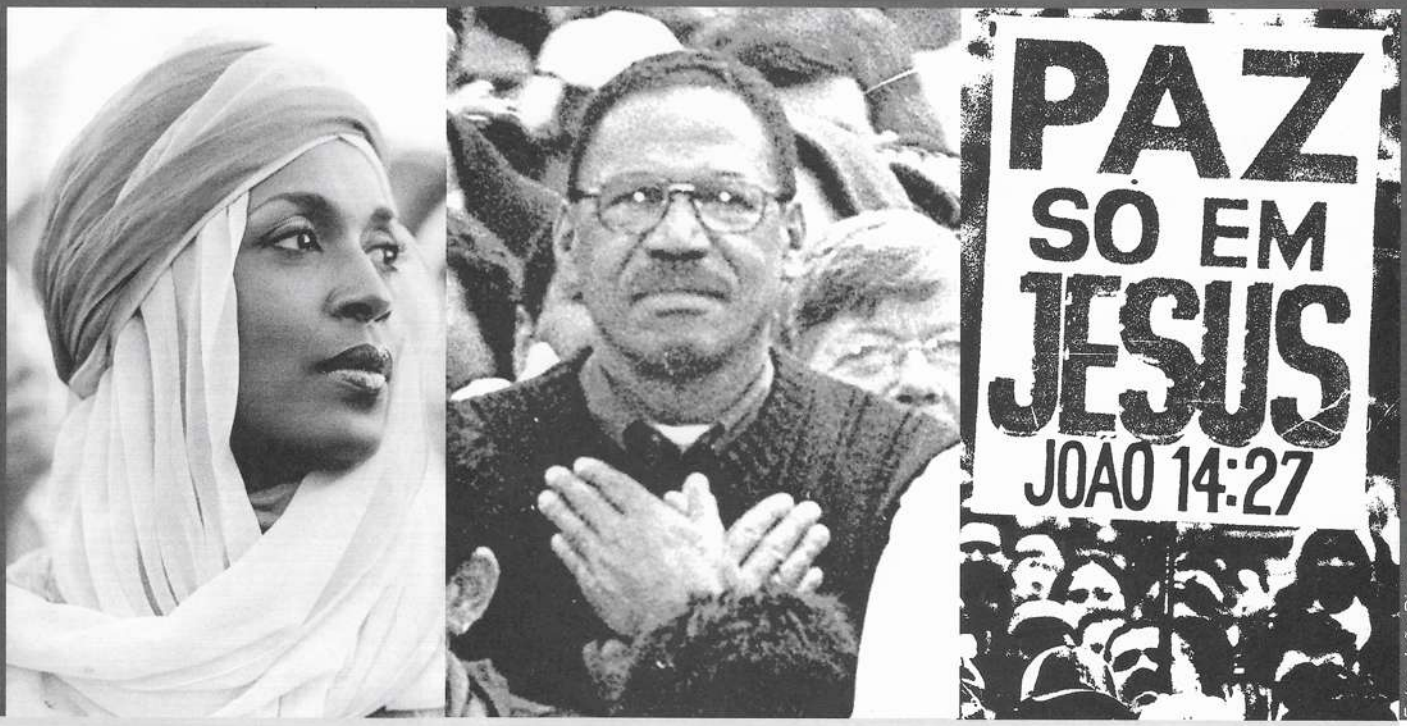
Investigadora brasileña, profesora adjunta del Dpto. de Ciencias Sociales de la Universidad del Estado de Río de Janeiro – UERJ. Es Doctora y Master en Sociología de la Religión y de la Cultura, área en que centra sus investigaciones. Es miembro de la Asociación de los Científicos Sociales del Mercosur, de la Sociedad Internacional de Sociología de la Religión (SISR), de la ABA y de la Sociedad Brasileña de Sociología. Entre sus obras se destaca el libro Coping with Poverty: Pentecostals and Base Communities in Brazil Philadelphia: Temple University Press, 1994.

NA - Você tem trabalhado muito as questões religiosas. Considera que no mundo atual têm uma importância especial? Estão configuradas de uma forma diferente de outros momentos históricos?

Cecilia Mariz - As questões religiosas sempre tiveram muita importância na vida dos indivíduos e na das sociedades, bem mais no passado do que no mundo atual, a história nos tem mostrado isso. Com o advento da Idade Moderna essa importância foi declinando na sociedade ocidental a tal ponto que surgiu a hipótese de que a religião se tornaria apenas um fenômeno marginal na vida das pessoas e da sociedade. No entanto, observa-se que na verdade isso não ocorreu. Não é que a importância das questões religiosas na atualidade seja especial, apenas surpreendeu os que esperavam que a religião jamais tivesse novamente qualquer relevância social. É verdade que a modernidade tem solapado e solapa os alicerces das religiões, mas ao fazer isso está também dialeticamente criando novas expressões religiosas. Assim é a própria modernidade que alimenta essas reações religiosas que denunciam os limites éticos e as lacunas da razão moderna na condução da vida política, social, e individual. Observa-se na atualidade dois tipo opostos de reações. O primeiro é uma religiosidade que se opõe às grande tradições históricas do Ocidente, as quais julga culpada pela própria modernidade. Ao contrário dessas tradições e da própria modernidade, essa forma religiosa não reinvidica nenhuma universalidade nem nenhum papel para o religioso no espaço público. Numa via totalmente oposta, surgem expressões fundamentalistas que têm como projeto restaurar o antigo poder de sua tradição religiosa e ressacralizar a sociedade. Esse tipo de reliogisidade con-

AS QUESTÕES RELIGIOSAS E O MUNDO ATUAL

LAS CUESTIONES RELIGIOSAS Y EL MUNDO ACTUAL



Fotos João Ripper

NA - Usted ha venido trabajando mucho sobre cuestiones religiosas. ¿Considera que en el mundo actual éstas tienen una importancia especial? ¿Cree que se encuentran configuradas de una forma diferente en relación a otros momentos históricos?

Cecilia Mariz - Las cuestiones religiosas siempre tuvieron mucha importancia en la vida de los individuos y en la de las sociedades, mucho más en el pasado que en el mundo actual, la historia nos ha mostrado eso. Con la llegada de la Edad Moderna esa importancia sufrió un declive en la sociedad occidental al punto que surgió la hipótesis de que la religión se convertiría simplemente en un fenómeno marginal en la vida de las personas y de la sociedad. Sin embargo, podemos ver que realmente esto no ocurrió. Entonces, no se trata de que la importancia sobre las cuestiones religiosas sea especial en la actualidad, sino de que todos los que esperaban que la religión nunca más tuviese cualquier relevancia social, quedaron sorprendidos. Es verdad que la modernidad ha solapado y aún continúa solapando los cimientos de las religiones, pero al hacer esto está también dialécticamente creando nuevas expresiones religiosas. Así es la propia modernidad que alimenta esas reacciones religiosas que denuncian los límites éticos y las lagunas de la razón moderna en la conducción de la vida política, social e individual. En la actualidad, pueden observarse dos tipos opuestos de reacciones. El primer tipo es una religiosidad que se opone a las grandes tradiciones históricas de Occidente, a las cuales culpa de la propia modernidad. Contrariamente a esas tradiciones y a la propia modernidad, esa forma religiosa no reivindica ninguna universalidad ni ningún tipo de papel para el religioso en el espacio público. En una vía totalmente opuesta, surgen expre-

fronta abertamente a modernidade porque partilha de pressupostos similares aos dela. Ambos reivindicam universalidade e defendem bandeiras de luta coletiva e projetos de transformação do mundo.

NA - Devido aos acontecimentos de setembro de 2001 nos Estados Unidos e suas consequências, o fundamentalismo está na ordem do dia. O que se entende por fundamentalismo?

Os fundamentalistas se caracterizam pela aversão à modernidade e por um estilo intolerante em relação a qualquer crença ou estilo de vida que se afastem do que crêem ser os "fundamentos" de sua fé.

Cecilia Mariz - A expressão "fundamentalismo" foi usada inicialmente para se referir a um movimento protestante norteamericano que defendia a volta ao que considerava os "fundamentos" de sua fé. Era uma reação à modernidade e às diferentes vertentes protestantes que dialogavam com ela. Seu projeto era conservar sua tradição religiosa e a moral a ela relacionada através de uma interpretação literal das Escrituras. Também tinha como projeto restaurar a força moral de sua fé na sociedade mais ampla. Atualmente, se denominam "fundamentalista" os diferentes movimentos religiosos que, em nome do que alegam ser seus fundamentos e tradições, lutam contra certos valores da modernidade e cobram de seus fiéis um comportamento oposto àquele predominante na sociedade moderna. Esses movimentos se prendem a uma reelaboração que fazem de sua tradição. São antiintelectualistas. Rejeitam qualquer reflexão crítica, e assim não refletem criticamente sobre o processo que fazem de reelaboração do que consideram fundamentos e tradição originais. Também esses movimentos por vezes são associados a movimentos políticos de ressacralização do espaço público. Os fundamentalistas se caracterizam assim pela aversão à modernidade e por um estilo intolerante em relação a qualquer crença ou estilo de vida que se afastem do que crêem ser os "fundamentos" de sua fé. Possuem assim uma proposta de confronto. Mas apesar dessas características em comum, os diferentes fundamentalismos vão variar bastante. Primeiro, se distinguem por serem diferentes aquilo que consideram seus fundamentos. Em segundo lugar, podem variar quanto ao grau de seu fundamentalismo, ou seja, o grau de sua aversão aos que sentem como ameaça.

NA - Toda religião tem um componente fundamentalista?



Foto João Ripper

siones fundamentalistas que tienen como proyecto restaurar el antiguo poder de su tradición religiosa y resacralizar a la sociedad. Ese tipo de religiosidad confronta abiertamente a la modernidad porque comparte con ella presupuestos similares. Ambas reivindican la universalidad y defienden las banderas de lucha colectiva y los proyectos de transformación del mundo.



Los fundamentalistas se caracterizan, de esta manera, por la aversión hacia la modernidad y por un estilo intolerante en relación a cualquier creencia o estilo de vida que se aleje de lo que creen que son los «fundamentos» de su fe.

NA - Debido a los acontecimientos de septiembre en los Estados Unidos y a sus consecuencias, el fundamentalismo está a la orden del día. ¿Qué se entiende por fundamentalismo?

Cecilia Mariz - La expresión «fundamentalismo» fue usada inicialmente para referirse a un movimiento protestante norteamericano que defendía la vuelta a lo que consideraban los «fundamentos» de su fe. Era una reacción a la modernidad y a las diferentes vertientes protestantes que dialogaban con ella. Su proyecto era conservar su tradición religiosa y la moral a ella asociada, a través de una interpretación literal de las Escrituras. También tenía como proyecto restaurar la fuerza moral de su fe en la sociedad más amplia. Actualmente se denominan «fundamentalistas» los diferentes movimientos religiosos que, en nombre de lo que ellos alegan ser, sus fundamentos y tradiciones, luchan contra ciertos valores de la modernidad y le exigen a sus fieles un comportamiento opuesto al que predomina en la sociedad moderna. Estos movimientos se apegan a una reelaboración que hacen de su tradición, son antiintelectualistas. Rechazan cualquier reflexión crítica, por lo cual no reflexionan críticamente sobre el proceso que hacen de reelaboración de lo que consideran fundamentos y tradiciones originales. A veces a esos movimientos también se los asocia con movimientos políticos de re sacralización del espacio público. Los fundamentalistas se caracterizan, de esta manera, por la aversión hacia la modernidad y por un estilo intolerante en relación a cualquier creencia o estilo de vida que se aleje de lo que creen que son los «fundamentos» de su fe. Poseen, de esta forma, una propuesta de enfrentamiento. Pero a pesar de estas características en común, los diferentes fundamentalismos varían bastante. En primer lugar, se diferencian en que aquello que consideran sus fundamentos, son distintos. En segundo lugar, pueden distinguirse por el grado de su fundamentalismo, es decir, de su aversión por los que considera una amenaza.

Cecilia Mariz - Não exatamente. Sempre é possível ser fanático por qualquer religião, crença ou ideologia, mas não se pode ser sempre fundamentalista. Algumas religiões não possuem princípios universais e únicos, são mais plurais e ecléticas. Daí não podem, por sua essência, se tornarem fundamentalistas. Não possuem "fundamentos únicos" que justifiquem e unam sua causa. Além do mais, para uma religião se tornar fundamentalista, ela tem que assumir uma crença em um bem supremo absoluto que se oponha a um mal absoluto. Há religiões que não relacionam a idéia de um deus ao bem absoluto. Religiões assim, e também as politeístas, dificilmente se tornam fundamentalistas. Outro ponto é que a religião fundamentalista exige a presença da fé em todas esferas da vida do sujeito. Cobra que seus fiéis expressem a fé na vida cotidiana. Religiões mais ritualistas e menos ideológicas, menos éticas ou amorais, também são antifundamentalistas por essência. Assim vemos que o fundamentalismo está mais relacionado às chamadas "Religiões do Livro" em suas diferentes expressões (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). As tradições do Oriente (extremo) e África por sua natureza tenderiam a não aceitarem o fundamentalismo. Podem aparecer grupos fanáticos nessas tradições, mas não propostas fundamentalistas. Como falei antes, o fundamentalismo e a modernidade são bastante similares em certos aspectos. Eles têm a mesma origem.

Outro ponto é que a religião fundamentalista exige a presença da fé em todas esferas da vida do sujeito. Cobra que seus fiéis expressem a fé na vida cotidiana.

NA - Fundamentalismo e fanatismo estão relacionados? Trata-se de uma questão exclusivamente religiosa?

Cecilia Mariz - Na liguagem cotidiana o fanatismo e fundamentalismo aparecem associados, mas não é necessariamente assim. Pode se ser fanático em relação a qualquer coisa na vida inclusive adotar um fanatismo antireligioso, ou ser fanático em relação à modernidade. O "fundamentalismo", ao menos nas ciências sociais, tem sido usado para se referir a movimentos religiosos específicos, como já falei antes, que reagem à modernidade. Mas como, nos parâmentos de uma visão de mundo moderna contemporânea, alguém que integre sua fé totalmente em sua vida e rejeite valores modernos é considerado como religiosamente fanático, há essa tendência de identificar qualquer fundamentalista com fanático. Certamente há muitos fundamentalistas fanáticos, mas não se é assim por definição.

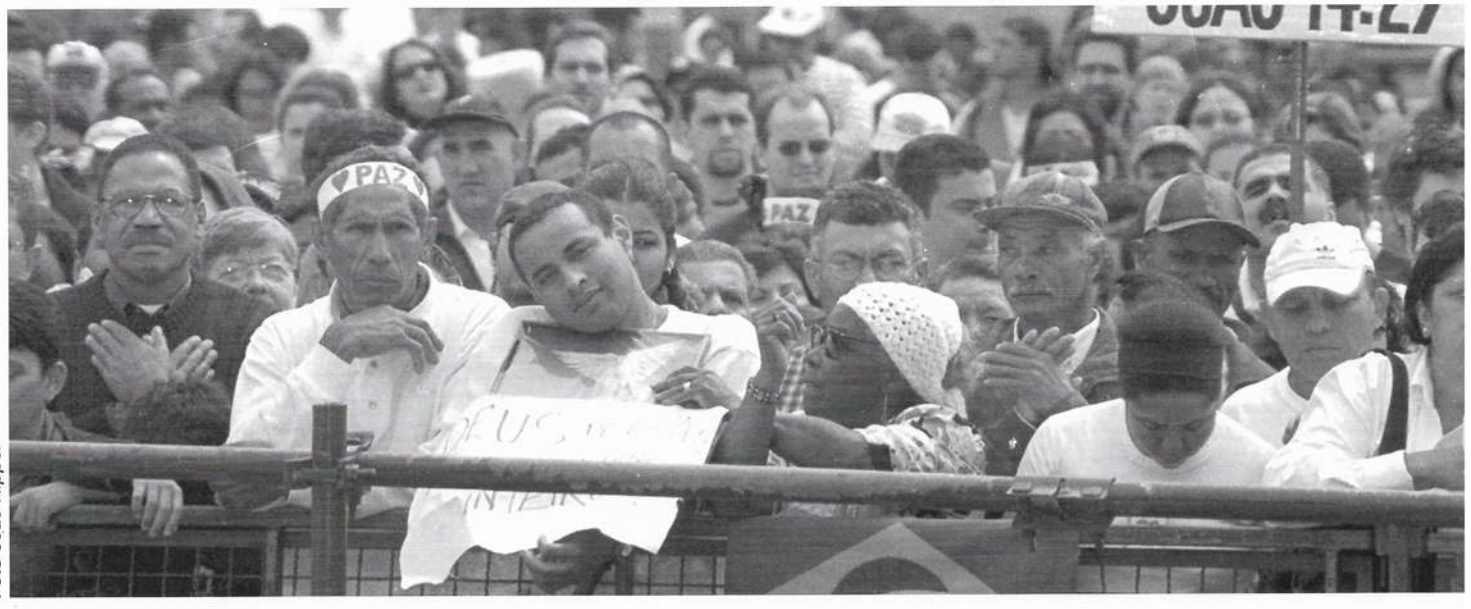


Foto João Ripper

NA - ¿Toda religión posee un componente fundamentalista?

Cecilia Mariz - No precisamente. Siempre es posible ser fanático por cualquier religión, creencia o ideología, pero no se puede ser siempre fundamentalista. Algunas religiones no poseen principios universales y únicos, son más plurales y eclécticas, por lo que no pueden -dada su esencia- convertirse en fundamentalistas. No poseen «fundamentos únicos» que justifiquen y unan su causa. Además, para que una religión se convierta en fundamentalista, tiene que asumir una creencia en un bien supremo absoluto que se oponga a un mal absoluto. Hay religiones que no relacionan la idea de un dios al bien absoluto. Estas religiones, junto con las politeístas, difícilmente puedan convertirse en fundamentalistas. Otro punto es que la religión fundamentalista exige la presencia de la fe en todas las esferas de la vida del sujeto. Exige que sus fieles expresen su fe en la vida cotidiana. Las religiones más ritualistas y menos ideológicas, menos éticas o amorales, también son antifundamentalistas por esencia. De esta manera vemos que el fundamentalismo está más relacionado a las llamadas «Religiones del Libro» en sus diferentes expresiones (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). Las tradiciones del Oriente (extremo) y África tenderían por naturaleza a no aceptar el fundamentalismo. Pueden aparecer grupos fanáticos en esas tradiciones, pero no propuestas fundamentalistas. Como dije antes, el fundamentalismo y la modernidad son bastantes similares en ciertos aspectos. Ellos tienen el mismo origen.



Otro punto es que la religión fundamentalista exige la presencia de la fe en todas las esferas de la vida del sujeto. Exige que sus fieles expresen su fe en la vida cotidiana.

NA - ¿El fundamentalismo y el fanatismo están relacionados? ¿Se trata de una cuestión exclusivamente religiosa?

Cecilia Mariz - En el lenguaje cotidiano el fanatismo y el fundamentalismo aparecen asociados, pero esto no es necesariamente así. Se puede ser fanático en relación a cualquier cosa en la vida, inclusive adoptar un fanatismo antirreligioso o ser fanático en relación a la modernidad. El «fundamentalismo», al menos en las ciencias sociales, a sido usado para referirse a movimientos religiosos específicos, como ya dije antes, que reaccionan contra la modernidad. Pero como según los parámetros de una visión de mundo moderna contemporánea, quien integra su fe totalmente a su vida y rechaza los valores modernos es considerado un fanático, en términos de religión, existe esa tendencia de identificar cualquier fundamentalista con un fanático. Por supuesto que hay muchos fundamentalistas fanáticos, pero no es así por definición.

NA - ¿Y en qué consiste el pluralismo religioso? ¿Cómo se sitúa en este universo religioso actual tan complejo?

Cecilia Mariz - El pluralismo religioso es el fruto de la propia modernidad la cual, por un lado, integró sociedades distintas, y por el otro, defiende la idea de la libertad individual y la posibilidad de elegir en todas las esferas de la vida. De esta manera, con la intensificación de los intercambios entre las distintas sociedades y culturas y la defensa de la libertad individual, surge la pluralidad en varias esferas de la vida. La religión es una de ellas.

En efecto, el pluralismo presenta grandes proble-

NA - E o pluralismo religioso, em que consiste? Como se situa neste universo religioso atual tão complexo?

Cecilia Mariz - O pluralismo religioso é fruto da própria modernidade que, por um lado, integrou sociedades distintas, e por outro, defende a idéia da liberdade individual e a possibilidade de escolha em todas esferas da vida. Assim, com a intensificação das trocas entre sociedades e culturas distintas e a defesa da liberdade individual surge a pluralidade em várias esferas da vida – a religião é uma delas.

Com efeito, o pluralismo coloca grandes problemas para todas as religiões que se julgam a detentora da única verdade. Como conviver com outras religiões que também se julgam única verdade? Tentar convertê-los, aceitá-los como são e assim abrir mão de ser detentora única da verdade? Mas esse é um problema para os teólogos que buscam uma linguagem comum para diálogos ecumênicos e mesmo inter-religiosos. Já a dificuldade do pluralismo na vida cotidiana talvez passe menos por questões doutrinárias e teológicas de cunho propriamente religioso. O que nos sugerem as análises sociológicas é que uma convivência pacífica tem sido possível quando não há opressão cultural, política e econômica de um grupo por outro. Os conflitos religiosos (e o fundamentalismo seria uma expressão desse conflito) não são compreendidos com uma análise no nível do discurso religioso apenas. Assim, o fundamentalismo é bem mais do que uma reação ao racionalismo e individualismo da modernidade, mas é antes uma reação a distintas formas de opressão cultural e social.

O pluralismo religioso é fruto da própria modernidade que, por um lado, integrou sociedades distintas, e por outro, defende a idéia da liberdade individual e a possibilidade de escolha em todas esferas da vida.

NA - Como você vê o papel do catolicismo neste cenário?

Cecilia Mariz -Bem, o discurso oficial do Papa exemplifica o que falei acima. Na medida que a Igreja Católica e o Papa gozam de alto prestígio do mundo contemporâneo (não são nem oprimidos nem excluídos nessa sociedade), eles conseguem dizer que sua fé é a única que oferece o verdadeiro caminho da salvação, criticar a modernidade, e ainda respeitar o outro e se manter aberto para o diálogo com outros grupos religiosos e com o mundo moderno. O difícil é fazer isso quando se é oprimido. Essa afirmação tende a excluir o já exlcluído. Aquele desrespeitado e rejeitado em suas crenças e identidade passa a reagir se apegando com força a uma tradição e passados míticos e rejeitando a todo o resto do mundo indiscriminadamente.

Mas há vários catolicismos. Alguns grupos católicos podem ganhar características fundametalistas, mas a política unificadora da Igreja tenta evitar esses casos que poderiam levar a rupturas internas.

NA - Perante as manifestações de intolerância e agressividade proselitista de diversos grupos religiosos, quais são os mecanismos, canais e dispositivos que as igrejas e a sociedade civil podem ativar para criar uma cultura de diálogo?

Cecilia Mariz - É difícil tentar dialogar com quem não quer. Além do mais eles tendem a reagir a qualquer argumento racional e prática crítica e reflexiva. E são essa prática reflexiva e argumentos racionais os únicos instrumentos que parece haver para uma linguagem comum entre culturas distintas. Por isso, é improdutivo tomar esse caminho. É muito importante não reagir com a mesma intolerância deles, e tentar evitar a polêmica religiosa que não vai levar a lugar nenhum. Pode ajudar mostrar-se aberto para escutar e entender o que querem dizer por debaixo do discurso religioso radical. É preciso não esquecer que os fundamentalistas já estão reagindo a uma agressão sofrida anteriormente que nem sempre eles sabem explicitar. É importante, assim, tentar descobrir as causas sociais da adesão de tal grupo ao fundamentalismo. Em geral os fundamentalistas são de grupos excluídos, cuja tradição, identidade e autoestima têm sido pisoteadas, menosprezadas em diferentes ocasiões. São grupos

mas a todas las religiones que se juzgan las dueñas de la única verdad. ¿Cómo convivir con las otras religiones que también se creen ser las únicas verdaderas? ¿Debemos intentar convertirlos o aceptarlos como son y ceder nuestra posición de «Únicos dueños de la verdad»? Pero ese es un problema para los teólogos que buscan un lenguaje común para los diálogos ecuménicos e incluso interreligiosos. En cambio, la dificultad del pluralismo religioso en la vida cotidiana tal vez pase menos por cuestiones doctrinarias y teológicas de cuño propiamente religioso. Lo que nos sugieren los análisis sociológicos es que una convivencia pacífica es posible cuando no hay opresión cultural, política y económica de un grupo hacia el otro. Los conflictos religiosos (y el fundamentalismo sería una expresión de ese conflicto) no pueden comprenderse teniendo en cuenta un análisis del discurso religioso, solamente. Así, el fundamentalismo es más que una reacción al racionalismo y al individualismo de la modernidad, es antes que nada una reacción a las distintas formas de opresión cultural y social.



Foto Fernando Rabelo/Imaginatta

El pluralismo religioso es el fruto de la propia modernidad la cual, por un lado, integró sociedades distintas, y por el otro, defiende la idea de la libertad individual y la posibilidad de elegir en todas las esferas de la vida.

NA - ¿Cómo ve usted el papel del catolicismo dentro de este escenario?

Cecilia Mariz - Bien, el discurso oficial del Papa ejemplifica lo que dije más arriba. En la medida en que la Iglesia Católica y el Papa gozan del alto prestigio del mundo contemporáneo (no son ni oprimidos ni excluidos en esta sociedad) consiguen decir que su fe es la única que ofrece el verdadero camino de salvación, criticar a la modernidad y, además, respetar al otro y mantenerse abierta al diálogo con otros grupos religiosos y con el mundo moderno. Lo difícil es hacer esto cuando se es oprimido. Esta afirmación tiende a excluir lo ya excluido. Aquel al que se le niega el respeto y es rechazado por sus creencias e identidad, reaccionará apegándose con fuerza a una tradición y pasados míticos y rechazará a todo el resto del mundo, de forma indiscriminada. Pero hay varios catolicismos. Algunos grupos católicos pueden adquirir características fundamentalistas, sólo que la política unificadora de la Iglesia intenta evitar el caos que podría llevar a rupturas internas.

NA - Frente a las manifestaciones de intolerancia y a la agresividad proselitista de diversos grupos religiosos, ¿cuáles son los mecanismos, canales y dispositivos que las iglesias y la sociedad civil puede activar para crear una cultura de diálogo?

Cecilia Mariz - Es difícil intentar el diálogo con quien no quiere. Además, ellos tienden a reaccionar ante



Foto João Ripper

que historicamente foram desrespeitados e que se insurgem contra esse desrespeito invocando sua fé.

Os fudamentalistas norteamericanos (os "Evangelicals"/evangélicos) são de camadas sociais com baixo nível de instrução. Já o fundamentalismo islâmico cresce também entre intelectuais e grupos com mais rendimentos, mas que sofrem outro tipo de opressão. Em geral se sentem desprezados pela cultura ocidental moderna que invade seus países, e quando no exterior se sentem discriminados pelos representantes do mundo ocidental. Os mecanismo e canais para o diálogo seriam lutar contra qualquer tipo de preconceito e de exclusão, seja essa econômica, étnica, cultural, racial. Uma política internacional mais sábia por parte dos países centrais, um respeito pela tradição cultural diferenciada dos povos evitariam essa reação de ódio à

Os mecanismo e canais para o diálogo seriam lutar contra qualquer tipo de preconceito e de exclusão, seja essa econômica, étnica, cultural, racial.

modernidade. É preciso ter claro que uma luta contra esse desrepeito cultural precisa ser feita no cotidiano através de uma autocrítica. Muito inconscientemente podemos, ao lidar com os excluídos socialmente, reforçar essa exclusão do ponto de vista cultural pela prepotência da razão moderna. Por vezes, profissionais de diferentes campos (professores, médicos, jornalistas, entre outros), podemos, sem nos dar conta e em nome de uma boa causa (boa instrução e boa saúde, etc), estar desrespeitando valores culturais fundamentais de um grupo. É uma situação muito delicada.

NA - Neste início de século quais são as mudanças que o fundamentalismo latino-americano tem sofrido? Quais as suas perspectivas de futuro?

Cecilia Mariz - Penso que concordamos sobre o que podemos chamar de "fundamentalismo latino-americano". Estou me referindo a um conjunto de igrejas pentecostais com uma proposta de moralidade rígida e com um discurso de demonização de outros grupos religiosos, e consequentemente, com postura contra o diálogo ecumênico e inter-religioso. No entanto, é preciso lembrar que o fundamentalismo dessas igrejas se distancia muito daquele dos evangélicos norte-americanos, ou dos islâmicos. Essas igrejas não têm nem o projeto político e moral tão explícito nem tão integrado como os outros fundamentalistas mencionados, tampouco têm os mesmos recursos políticos e econômicos. Além disso, não chegaram a reconstruir de forma coordenada e coerente o que seriam sua tradição e fundamentos. Em relação ao futuro desses grupos, o que observamos, ao menos no Brasil no caso de igrejas como Assembléia de Deus, é que tem havido uma maior abertura para o resto da sociedade. O enriquecimento das igrejas e também o elevamento do nível de instrução dos fiéis têm contribuído para isso. Em termos políticos e sociais vemos mais participação dos fiéis dessas igrejas em projetos que englobam gente de outros grupos religiosos. Em termos religiosos, a aproximação tem sido até agora apenas com outras igrejas protestantes. •

cualquier argumento racional o práctica crítica y reflexiva. Y esa práctica reflexiva y esos argumentos racionales son los únicos instrumentos que parece haber para un lenguaje común entre culturas distintas. Es por eso que no es productivo tomar ese camino. Es muy importante no reaccionar con la misma intolerancia de ellos e intentar evitar la polémica religiosa que no nos lleva a ningún lugar. Mostrarse abierto puede ayudarnos para escuchar y entender lo que quieren decir por debajo del discurso religioso radical. No debemos olvidar que los fundamentalistas ya están reaccionando a una agresión sufrida anteriormente que no siempre supieron explicitar. Es importante intentar descubrir las causas sociales de la adhesión de un cierto grupo al fundamentalismo. En general, los fundamentalistas son de grupos excluidos, cuya tradición, identidad y autoestima han sido pisoteadas, menospreciadas en diferentes ocasiones. Son grupos a los que históricamente se les negó el respeto y que se levantan reaccionando contra el rechazo, invocando su fe.

Los fundamentalistas norteamericanos (los «Evangelicals» / evangélicos) son de camadas sociales de bajo nivel de instrucción. En cambio el fundamentalismo islámico crece también entre intelectuales y grupos con más recursos, pero que sufren otro tipo de opresión. En general se sienten despreciados por la cultura occidental moderna que invade sus países, cuando en el exterior se sienten discriminados por los representantes del mundo occidental. Los mecanismos y canales para el diálogo serían luchar contra cualquier tipo de prejuicio y exclusión, sea esta económica, étnica, cultural, racial. Una política internacional más sabia por parte de los países centrales y el respeto por la tradición cultural diferenciada de los pueblos, evitarían esas reacciones de odio a la modernidad. Es necesario tener claro que la lucha contra la negación del respeto a las culturas tiene que llevarse a cabo día a día a través de la autocrítica. Muy inconscientemente podemos, al lidiar con los excluidos socialmente, reforzar esa exclusión desde el punto de vista cultural a través de la prepotencia de la razón moderna. A veces, los profesionales de diferentes campos (profesores, médicos, periodistas, entre otros) podemos, sin darnos cuenta y en nombre de una buena causa (una buena instrucción, y una buena salud, etc), negarle el respeto a los valores culturales fundamentales de un grupo. Es una situación muy delicada.

NA - En este comienzo de siglo, ¿cuáles son los cambios que el fundamentalismo latinoamericano ha venido sufriendo? ¿Cuáles son sus perspectivas para el futuro?

Cecilia Mariz - Pienso que concordamos sobre lo que podemos llamar de «fundamentalismo latinoamericano». Me estoy refiriendo a un conjunto de iglesias pentecostales con una propuesta de moralidad rígida y con un discurso de afirmación de la presencia demoníaca en otros grupos religiosos. Sin embargo, es preciso recordar que el fundamentalismo de esas iglesias está bien distante del fundamentalismo de los evangélicos norteamericanos o de los islámicos. El proyecto político y moral de estas iglesias no es ni tan explícito ni tan integrado como el de otros fundamentalistas mencionados. Tampoco tienen los mismos recursos políticos y económicos. Por otra parte, no llegaron a reconstruir de forma coordinada y coherente lo que serían su tradición y sus fundamentos. En relación al futuro de estos grupos, lo que puede observarse, al menos en Brasil y en el caso de las iglesias como Asamblea de Dios, es que han tenido una mayor apertura en relación al resto de la sociedad. El enriquecimiento de las iglesias y también el crecimiento del nivel de instrucción de los fieles ha contribuido para esto. En términos políticos y sociales vemos más participación de los fieles de esas iglesias en proyectos que abarcan gente de otros grupos religiosos. En términos religiosos, el acercamiento ha sido, hasta ahora, sólo con otras iglesias protestantes. •

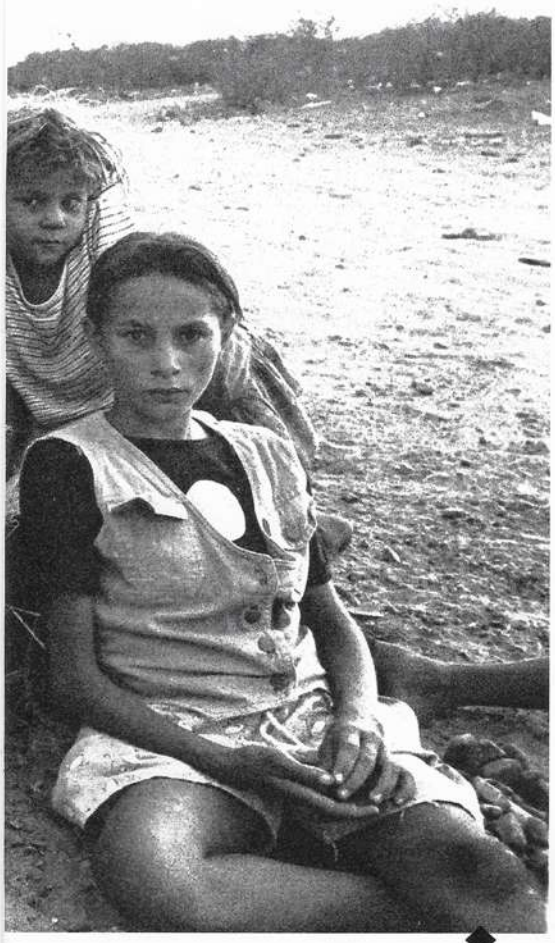
Los mecanismos y canales para el diálogo serían luchar contra cualquier tipo de prejuicio y exclusión, sea esta económica, étnica, cultural, racial.



Foto João Ripper

construindo construyendo

Desde los acontecimientos del 11 de septiembre, el occidente se ha visto obligado a reconocer que el mundo árabe y el islán existen y que congregan a más de un millon de milliones fieles de diferentes pueblos y culturas. Es necesario reconocer que existen cuatro tipos de terrorismo: el individual, el grupal, el del Estado y el del Sistema. Éste último, se halla representado actualmente por el capitalismo neoliberal.
En este contexto, le cabe a la Iglesia Católica asumir tres desafíos principales: la descentralización mundializada, la participación corresponsable y el diálogo solidario. Es posible comprobar esta tendencia en la Agenda Latinoamericana Mundial, que tendrá temas anuales relacionados al diálogo interreligioso.



O mundo tornou a começar

Pedro Casaldáliga
Mato Grosso - Brasil

caminhos
caminos

Os comentários –cautelosos ou apocalípticos ou clarividentes- acerca da conjuntura, proliferam, nestes dias, nos meios de comunicação. Não vou repetir "o óbvio ululante". O problema está em saber ler a conjuntura à luz dos sinais dos tempos, descobrindo causas, interesses, "efeitos colaterais", jogos de vida ou morte para a família humana.

OS TERRORISMOS, NO PLURAL

Creio, entretanto, que a toda a Humanidade e concretamente à Igreja, toca-nos tomar nota de urgência e assumirmos, corresponsavelmente, os desafios desta hora.

Começou um novo milênio, um tempo novo, que chamam de "uma mudança de época". Nem tanto, precisamente, pelas torres gêmeas do 11 de setembro, pois há muitos outros dias, muitas torres, e muitos terrorismos, antes e depois desse 11 de setembro. Quatro terrorismos, sem dúvida, é para destacar com o fim de podermos entender e julgar corretamente os atos terroristas e as guerras de terror, os terrorismos enlouquecidos e as sistemáticas guerras imperiais. Há um terroris-

mo individual, cometido por qualquer assaltante em qualquer esquina ou vereda; outro terrorismo, grupal, perpetrado por qualquer facção; o terrorismo de Estado, que por vezes é do Estado de cada país ou é dos prepotentes Estados imperialistas e colonizadores, sobre tudo do mais terrorista de todos eles, ao longo dos dois últimos séculos; e o terrorismo do Sistema, hoje de capitalismo neoliberal, que é o terror econômico e social para a maior parte da Humanidade, submetida à fome, à marginalização e ao desespero.

OS DESAFIOS DESTA HORA

Três desafios, concretamente, deve assumir com ousadia profética e liberdade evangélica a Igreja de Jesus, para ser crível e evangelizadora hoje:

- a descentralização mundializada;
- a participação corresponsável;
- o diálogo solidário.

A mundialização, pela graça de Deus e pelo humano processo da história, é inevitável. E essa mundialização exige o reconhecimento dos vários mundos como povos, culturas, religiões, dentro de um só mundo humano; sem primeiro, sem terceiro, sem quarto. Esse reconhecimento reclama, para que seja real e não apenas escrito, a descentralização das instâncias de planificação e de decisão. O que deve ser exigido tanto à ONU e demais organismos mundiais como à Santa Sé e às cúrias eclesiásticas. Somente esta descentralização fará possível a participação corresponsável e efetiva dos vários povos e estamentos. Quem concretamente pede só a democratização da Igreja, está pedindo pouco demais. À Igreja deve se lhe pedir, e na Igreja devemos dar, mais do que democracia: vida fraterno-sororal, cogestão adulta, ministerialidade plural, liberdade evangélica.

O muito provado teólogo Juan Antônio Estrada declara lucidamente: "Hoje o catolicismo está lastrado com uma institucionalização que já não mais corresponde nem às necessidades atuais nem às exigências ecumênicas nem à sensibilidade dos fiéis. Também não conta com o consenso global da teologia, pois cada vez abundam mais as correntes e escolas que impugnam o modelo vigente e propõem mudanças a partir de um conhecimento renovado da Escritura e da Tradição".

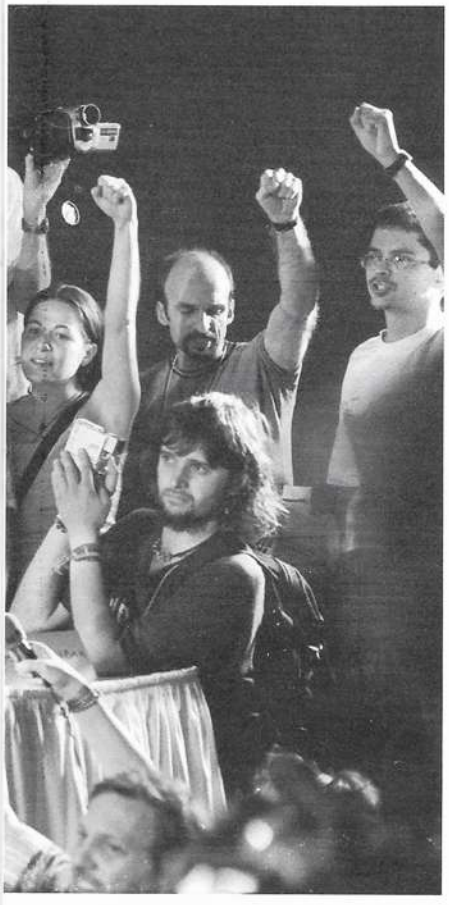


Foto João Ripper

A propósito da participação adulta na Igreja, acaba-se de celebrar o Sínodo dedicado ao ministério episcopal. Um Sínodo que se supunha coroação de todo um serial de Sínodos por temas e até por continentes. A verdade é que este último Sínodo tem confirmado a decepção que o instrumento Sínodo vem provocando desde sua aplicação, por não ser deliberativo e decisório. Permito-me contestar fraternalmente a satisfação que o cardeal Ratzinger manifestava pelo curso dos debates deste último Sínodo: "Podia-se temer –diz o purpurado alemão- que o Sínodo se bloqueasse em torno às relações entre a cúria romana e os bispos, sobre os poderes da assembléia sinodal ou a estrutura das conferências continentais e nacionais, estrangulando deste modo a vida da Igreja". O que estrangula a vida da Igreja é precisamente, senhor cardeal, a falta de revisão em profundidade das relações da cúria romana e os bispos, o modo de eleição dos mesmos, a restringida ministerialidade, a inculturação não efetivada, a inteira problemática da colegialidade e da cor-

responsabilidade. O fato de que tenham sido tão pacíficas e concordes as sessões sinodais poderia se dever à sistemática negativa de espaço oficial e à omissão resignada dos participantes. Talvez daria mais para um "nostra culpa" que para um "Te Deum" de ação de graças.

Felizmente, o Espírito e a Igreja continuam caminhando, e as bases



se movimentam. A consciência e a prática de que "somos Igreja" não é apenas um movimento, é uma movimentação ao longo e largo de toda a Igreja de Jesus, que são as várias Igrejas que professam seu nome e anunciam seu Reino. Nunca como hoje, na prática e às vezes forçando barreiras, diferentes setores da Igreja e concretamente o laicato masculino e feminino têm sido tão livres e criativos, tão adultos e corresponsáveis, na leitura bíblica, no pensamento teológico, na liturgia, nos ministérios, nas pastorais, na ação social...

A queda das torres devería ser também a queda de umas escamas que embaçam os olhos do Ocidente cristão frente ao mundo árabe e muçulmano.

Estão crescendo, no mundo, um clamor e também uma ação em torno a um verdadeiro processo conciliar. Que continue e atualize e amplie o Vaticano II; que responda às grandes urgências eclesiais e às grandes expectativas da Humanidade, filha de Deus.

Essa mobilização das bases dá-se também em maior escala, dentro da Sociedade como um todo. Vão sendo cada vez mais os movimentos e ações de cidadania, cooperação, solidariedade; os vários fóruns livres e alternativos à economia, ao pensamento e à política neoliberais, passando da simples contestação à proposta, da impotência à convocação eficaz.

Nesta hora kairós de mundialização e de maturidade de consciência, que é simultaneamente uma hora nefasta de novas prepotências, de macroditaduras, de fundamentalismos e de radicalizações, se impõe para nós, como um dom e como uma conquista, o diálogo, interpessoal, intercultural, ecumênico e macroecumênico. Um diálogo de pensamentos, de palavras e de corações. Não a simples tolerância, que se parece demais com a guerra fria, mas a convivência cálida, a acolhida, a complementariedade.

A queda das torres devería ser também a queda de umas escamas que embaçam os olhos do Ocidente cristão frente ao mundo árabe e muçulmano. Desde esse 11 de setembro, tão publicitado como se fosse o maior terrorismo da história, o Ocidente, cristão ou não, está necessariamente obrigado a reconhecer que o mundo árabe e o Islã existem, e que o Islã congrega mais de um bilhão de fiéis de diferentes povos e culturas. Durante muitos séculos a Sociedade ocidental e a Igreja –sempre ocidental demais– têm tido preconceito, hostilidade e guerra com o Oriente muçulmano.

Nossa Agenda Latinoamericana-Mundial de 2002 propõe, precisamente, como grande tema desta hora, "as culturas em diálogo", e a Agenda 2003 proporá, concretizando esse tema, o diálogo interreligioso: "as religiões em paz dentro de si e entre si, para a paz do mundo"; e a Agenda 2004, se Deus nos conceder ainda tempo de caminhada, estará dedicada, com espírito de conversão, aos "nossos respectivos fundamentalismos".

A campanha contra o Banco Mundial, realizada em Barcelona durante o passado mês de junho, estruturava-se em torno a sete eixos de debate e ação, que abrangem amplamente os maiores desafios e prospectivas desta hora:

- democracia, participação e repressão;
- direitos sociais e trabalhistas;
- migrações;
- direitos ecológicos, direitos ambientais, modelo agro-alimentar;
- globalização e militarismo;
- mulher e globalização;
- globalização e desenvolvimento.

MÍSTICA PARA O CAMINHO

Esses processos de mundança, que são sonho e missão, reclamam de todos nós, cristãos ou não, uma forte espiritualidade, uma mística de vida. Cada qual a viverá segundo a respectiva fé, porém sem essa espiritualidade não se faz caminho. Pensando nisso, e a raíz do retiro espiritual que celebramos todos os anos, a equipe pastoral da Prelazia à beira do Araguaia, naquele morro acolhedor de Santa Terezinha, eu resumia assim essa espiritualidade, tão nova e tão antiga, como sendo espiritualidade de:

• **Contemplação confiada.** Abrindo-se mais gratuitamente ao Deus Abbá, que é, por autodefinição suprema, misericórdia, amor. Uma contemplação mais necessária do que nunca nestes tempos de eficiências imediatas e de visibilidades. Confiada, digo, porque tenho a impressão de que volta – o quiçá nunca foi embora- a religião do medo, do castigo, da prosperidade ou do fracasso, segundo como a gente se haver com Deus. Falta-nos, pois, confiança filial, infância evangélica, a descontraida liberdade dos pequenos do Reino.

• **Coerência testemunhante.** Tem-se repetido até a saciedade que vivemos na civilização da imagem, que o mundo quer "ver". O testemunho foi sempre uma espécie de definição do ser cristão. "Vocês serão minhas testemunhas", dizia Ele por toda recomendação, por todo testamento. E esse testemunho, hoje mais do que nunca, quando tudo se vê e tudo se sabe, tem de ser coerente, sem fissuras, na vida pessoal e na gestão estrutural da Igreja (que poderá ser a Igreja Católica ou uma Igreja Evangélica, o Vaticano, uma diocese, uma congregação religiosa, uma comunidade). Veracidade e transparência pede o mundo, tão submetido à mentira e à corrupção.

O testemunho foi sempre uma espécie de definição do ser cristão. "Vocês serão minhas testemunhas", dizia Ele por toda recomendação, por todo testamento.

• **Convivência fraterno-sororal.** A isso se reduz o mandamento novo. Este é o desafio maior e o mais cotidiano para as pessoas, para as comunidades, para os povos. Conviver, não coexistir apenas; conviver carinhosamente em fraternura e sororidade; não apenas em tolerância mútua. Ajudar a tornar a vida agradável. Ser "sal da terra" deve significar isso também.

• **Acolhida gratuita e serviçal.** Capacidade de encontro e de diaconia. Não somente descer do burro e atender o caído quando por casualidade a gente o encontrar à beira do caminho, mas se fazer encontradiço. Acolher ás vezes somente com uma palavra ou com um sorriso, porém acolher sempre, gratuitamente. Fazer de todos os ministérios e de todas as profissões aquele serviço desinteressado e generoso que nos propunha aquele Senhor que não veio a ser servido mas a servir. É mais facil celebrar uma eucaristia ritual que exercer um lava-pés engajado.

• **Compromisso profético.** Continua a ser a hora, e talvez mais do que nunca, de se comprometer profèticamente contra o deus neoliberal da morte e da exclusão e em favor do Deus do Reino da Vida e da Libertação. É preciso sugar da fé toda a sua força política. Viver a fé militantemente, transformadoramente; fazer da profecia uma espécie de hábito conatural -fruto específico do batismo para os cristãos e cristãs-, de denúncia, de anúncio, de consolação. A caridade socio-política é a caridade mais estrutural. Vai às



Foto João Ripper

causas, não somente aos efeitos. Cuida a Vida. Transforma a História. Faz Reino.

• **Esperança pascal.** Depois da "morte de Deus" e da "morte da Humanidade", nesta pós-modernidade facilmente sem sentido, e já no "final da história", parece que a esperança não tem muito a fazer. Hoje, mais do que nunca, se impõe a esperança! Ela é a virtude dos "depois de". "Contra toda esperança" (produtivista, consumista, imediatista, passiva), esperamos. Devemos proclamar humildemente, porém sem complexos, nossa esperança pascal e escatológica. E devemos torná-la crível aqui e agora. Porque esperamos, agimos. O tempo e a história são o espaço sacramental da esperança.

AQUI, EM CASA

Dentro de casa, na Prelazia de São Félix do Araguaia, 2002 significa um ano de "transição". Oficialmente, o último ano de "mandato" (oxalá tenha sido de serviço) do primeiro bispo desta prelazia. Isso nos convoca a uma revisão e também a afirmarmos, modestamente mas conscientemente, as linhas fundamentais da nossa pastoral. Depois de vários anos de experimentação, acabamos de aprovar o "Manual da Prelazia de São Félix do Araguaia – Objetivo, atitudes, normas". Uma espécie de diretório espiritual e pastoral, breve porém denso, que recolhe o objetivo da nossa Igreja, as atitudes maiores que devemos cultivar e uma série de normas que configuram a estrutura e a ação desta Igreja particular de São Félix do Araguaia.

Evidentemente fazemos questão de recordar que, "bispo-indo-bispo-vindo", a Igreja continua. Sonhamos, então, com uma continuidade livre e criativa. O mesmo Povo, o mesmo Evangelho, o mesmo Brasil da América Latina. A mesma Igreja de Jesus, que é também para nós a de Medellín.

E a dos Mártires. Nos dias 14 e 15 de 2001, celebramos no Santuário dos Mártires da Caminhada Latino-americana, em Ribeirão Cascalheira, a grande romaria ani-



versário dos 25 anos do martírio do Pe. João Bosco Penido Burnier. Com o lema que resume esses sonhos cristãos de nossa pequena Igreja e deste bispo de fim de linha: "Vidas pelo Reino". O mantra, que Zé Vicente nos musicou e que já se canta por esse Brasil afora, expressa sentidamente o que com o lema queríamos dizer:

"Vidas pela Vida,
vidas pelo Reino,
todas as nossas vidas,
como as suas vidas,
como a vida d'Ele,
o mártir Jesus".

Na região da Prelazia, como em todo o Brasil, toca-nos viver um ano de eleições. Para presidente, governadores, senadores e deputados, federais e estaduais. Os nomes e os dados estão no ar, e os interesses e as intrigas também.

A Campanha da Fraternidade deste ano 2002 é uma bela convocatória à luta e à esperança. "Fraternidade e Povos Indígenas" é o tema. Com o lema do mito fundamental do povo guaraní: "Por uma terra sem males".

As forças da direita, as eternas oligarquias, a elite privilegiada e por isso mesmo conservadora, conchavam, aparentemente divididas, confluindo porém em última instância quando se tratar de assegurarem o poder. As direitas, pelos seus interesses, têm o dom da união; as esquerdas, pelas suas tendências, têm o nefasto carisma da divisão. Assim e tudo, acho que cresceu a consciência política do nosso povo e a vontade de mudança. A crua realidade diária de desemprego, de carestia, de corrupção e violência, grita. Há muito movimento popular andando, muitas expressões de cidadania e as pastorais sociais estão enraizadas e ativas no país. Mes-

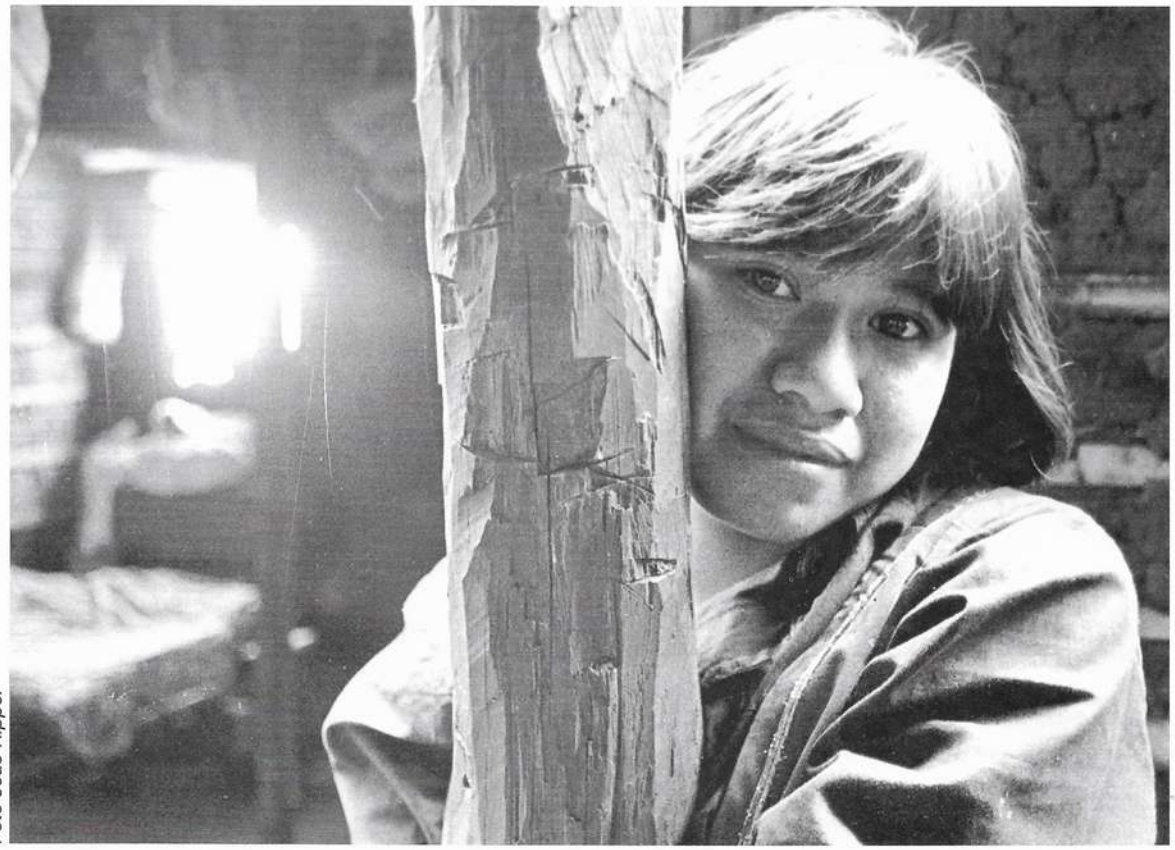


Foto João Ripper

mo quando devamos admitir que ainda, na hora de votar uma mudança mais ou menos radical, os pequenos não podem e os grandes têm o poder do dinheiro e dos meios de comunicação. Faça, porém, ou não faça o povo seu presidente popular, votar é indispensável, e o povo pode fazer senadores e deputados. Ir transformando as Assembléias Legislativas e o Congresso Nacional é uma das maiores urgências políticas do Brasil.

PARA "UMA TERRA SEM MALES"

A Campanha da Fraternidade de este ano 2002 é uma bela convocatória à luta e à esperança. "Fraternidade e Povos Indígenas" é o tema. Com o lema do mito fundamental do povo guaraní: "Por uma terra sem males". É pedir muito, mas é o que Deus quer e é o que nós necessitamos. Como lembrávamos na última Assembléia Nacional do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), essa "Terra sem males" deve se traduzir sobretudo numa "economia sem males", numa democracia sem os males do privilégio e da exclusão, numa sociedade participativa, solidária, livre e fraterna. Num mundo novo, que é possível e é necessário.

Que "o mundo tornou a começar" poderá soar à muita utopia. E é muita utopia mesmo. Porém, com muito fundamento. "Sabemos em Quem confiamos". O Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI) adota e adapta, em sua última felicitação de Natal, a palavra do jagunço arrependido, Riobaldo, para cantar "à criança nascida de Maria que enche de esperança o coração de todos e nos leva a proclamar: Minha Senhora Dona! Um menino nasceu, o Mundo tornou a começar!". Aí Riobaldo, o CEBI e esta carta circular estão de acordo com a promessa de Deus: "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21,5). •



Foto João Ripper

Religión étnica, modernización y procesos identitarios en América Latina

Un análisis sobre el conflicto interétnico en Araucanía - Chile

Dr. Ricardo Salas Astrain
UC Cardenal Silva Henríquez

Os conflitos de identidade das comunidades indígenas mapuche do Chile estão associados não apenas às tradições religiosas, mas também a uma redefinição de novas utopias étnicas que podem ser analisadas a partir de uma série de intercessões entre o imaginário religioso e o imaginário sócio-político. Evidencia-se a necessidade de pensar a religião étnica e a identidade a partir dos discursos e práticas de dirigentes indígenas que, através de novos processos de re-etnificação no quadro da globalização econômica e social, buscam caminhos e alternativas próprias para um desenvolvimento que não implique desenraizamento cultural.



Foto João Ripper

Doctor en Filosofía por la Universidad Católica de Lovaina en 1989 con una tesis sobre "Lenguaje, Hermenéutica y Símbolo Religioso. En la actualidad es académico del Dpto. de Humanidades de la Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez y es Investigador Responsable del Programa Mapuche CERC-U.A.H.C. (Santiago de Chile).

En esta última década surge un diagnóstico bastante complejo a nivel planetario, de las dificultades que encuentran las sociedades, las clases, grupos sociales y las minorías étnicas para alcanzar un desarrollo social y económico acorde a sus raíces culturales. Gran relevancia tiene el tema del desarrollo para las instituciones internacionales y gubernamentales, que lo hacen sinónimo, hoy día, no sólo de crecimiento económico o de satisfacción de ciertas necesidades básicas según la lógica de los países industrializados. Es así como han nacido expresiones tales como "desarrollo humano", "desarrollo social", "desarrollo integrado" y "desarrollo sustentable", entre otras, que buscan complementar otros aspectos. Lo relevante es que se ha empezado a reconocer que la dimensión cultural y étnica es crucial para el futuro de la humanidad. Estas expresiones apuntan a un problema gravísimo que afecta a cientos de millones de hombres y mujeres que, en algunas partes del planeta, terminan sufriendo enormes conflictos internacionales. Junto al desafío de superar la pobreza endémica de los países pobres, aparece hoy el desafío de superar la xenofobia, es decir, la exterminación del "otro" distinto (indio, negro, musulmán, entre otros).

Estas situaciones violentas han estimulado los estudios acerca del nexo entre modernización en el mar-



Foto João Ripper

co del mundo multicultural de hoy. Es, en este marco, que buscamos profundizar algunas cuestiones religiosas en territorios multiétnicos en vías de integración, donde frente a la "brutalidad" de este proceso modernizador surgen rechazos y resistencias, donde algunos dirigentes de las religiones étnicas corren el riesgo de caer en un "radicalismo étnico" o fundamentalista, de donde brotan acciones también "brutales". La escalada de estas acciones hacen temer siempre una espiral de mayor violencia, donde siempre las víctimas son mayores que los victimarios y afectan a los más "vulnerables".

Algunos estudios socioeconómicos muestran las relaciones estructurales profundas que tienen los sistemas de producción y distribución de la riqueza en las zonas donde hay un fuerte número de comunidades indígenas en América Latina, que se grafica por ejemplo en la composición mixta de elementos económico-culturales en los mercados locales y microregionales. Se demuestra claramente en los circuitos de contacto: la venta de productos agrícolas y de los animales, el empleo de los hombres y mujeres indígenas, la migración de los más jóvenes, etc. Estos datos son importantes porque ellos dan cuenta de una reestructuración de las bases de la experiencia sociocultural de los pueblos indígenas en América Latina. Estos cambios socioculturales son claramente fenómenos emergentes que trasuntan nuevas racionalizaciones del "mundo vivido" que aporta de un modo más radical "la globalización económica y cultural", y generan nuevos imaginarios religiosos y nuevas formas híbridas de lo Sagrado.

Se sabe que los cambios socioeconómicos han transformado una parte importante de las ideas, creencias, valores y prácticas culturales de las sociedades tradicionales, sin embargo lo que es relevante constatar hoy en día es el impacto masivo y la velocidad de los cambios. Es interesante constatar que estos cambios socioculturales ya no sólo acontecen en aquellos sujetos y grupos indígenas que emigran a las grandes ciudades, sino que ya se pueden constatar en los pequeños poblados y aún en comunidades indígenas aisladas geográficamente.

La problemática sociocultural que se plantea es muy interesante desde un punto de vista teórico y práctico porque si se toma esta experiencia de base se podrían discu-

Los cambios socioeconómicos han transformado una parte importante de las ideas, creencias, valores y prácticas culturales de las sociedades tradicionales.

tir dos tipos de presupuestos de los estudios culturales en estas últimas décadas. Se han exagerado a veces los rasgos tradicionales de las sociedades indígenas y se ha despreciado la relevancia de los mecanismos de impacto del contacto y de la evolución económica y política de la sociedad mayoritaria sobre la indígena y viceversa. En segundo lugar, se podría discutir también un análisis cultural de los pueblos indígenas en un marco de relaciones internacionales colonialistas basadas sobre relaciones de dominación y hegemonía con Occidente, que ha despreciado los procesos interiores que ha conducido a los pueblos indígenas hacia la utilización de técnicas y conocimientos que les ha aportado la sociedad dominante.

Nuestra perspectiva en este punto podría sintetizarse del siguiente modo: según los estudios de terreno, tanto en el caso del pueblo mapuche como de otros pueblos indígenas que conocemos, se observa frecuentemente que las comunidades indígenas se apropian y se integran a los nuevos procesos de modernización económicos, político-jurídicos y culturales, la mayor parte de las veces, a partir de sus propias matrices culturales. Si estos datos son correctos no se puede pensar la "integración" y la "resistencia" de las sociedades indígenas "en bloque" a la sociedad dominante, sino que habría que conceptualizarlo como un "dinamismo" que acrisola las diferentes interpenetraciones que se producen a través de relaciones permanentes en el tiempo, en el entrecruzamiento entre áreas de la economía y de la cultura, en los vínculos entre grupos tradicionales y emergentes de las comunidades con sectores tradicionales y emergentes de la sociedad dominante.

Lo interesante de este proceso de globalización económica y cul-



Foto João Ripper

En nuestra perspectiva intercultural lo que nos interesa sobre todo es precisar nuevas relaciones entre imaginarios religiosos e imaginarios políticos en el marco de las religiones étnicas de América Latina.

tural es que ella potencia a la vez la desintegración parcial del sistema cultural en sus bases tradicionales y produce un refortalecimiento de los movimientos identitarios de tipo étnico. Habría que formularse hoy día preguntas tales como: ¿no sería necesario reformular los lazos establecidos por las sociedades tradicionales con las sociedades modernas, racionalizadas y capitalistas?, ¿no habría que reconocer nuevos problemas ético-religiosos entre lo económico, lo político y lo cultural en el contexto de la globalización?, ¿es posible pensar la crisis mundial después de septiembre del 2001 sin hacer estas mediaciones entre modernización y fundamentalismo religioso?

Desde el punto de vista de la experiencia vivida con los pueblos indígenas en Araucanía y en América Latina, se observa que ellos desean y buscan más bienestar material, salud, participación política, técnicas, etc., pero uno se encuentra a la par con una condicional que es propia de un proceso identitario: "siempre a condición de no perder nuestra identidad, de no desvanecernos como pueblo". Esta afirmación condicional es clave para nuestro propósito porque implica pensar los imaginarios religiosos y los imaginarios políticos a partir de cuestiones que son económicas, políticas y al mismo tiempo ético-religiosas. Esto implicaría formularse nuevas cuestiones hoy en día: ¿es posible en un marco cultural indígena integrar elementos de la técnica y de la ciencia moderna sin perder necesariamente los valores transmitidos por las tradiciones culturales y religiosas?, ¿quién evaluaría las ganancias y las pérdidas de este proceso de desintegración e integración?, ¿cómo se pueden resolver los conflictos valóricos internos a la cultura indígena ente los líderes tradicionales y religiosos que no ven siempre la relación entre los beneficios de la integración económica y la visión cosmopolita?

En nuestra perspectiva intercultural lo que nos interesa sobre todo es precisar nuevas relaciones entre imaginarios religiosos e imaginarios políticos en el marco de las Religiones étnicas de América Latina. Existen muchas comunidades indígenas que han visto resurgir los movimientos étnico-políticos, y las comunidades mapuches no son una excepción. Nuestro enfoque no trata de escudriñar únicamente las estructuras sociopolíticas y económicas del proceso modernizador chileno, sino que busca sobre todo desplegar la cosmovisión religiosa de los sujetos en contacto interétnico, las percepciones acerca del otro y sobre todo los valores puestos en juego. En las relaciones interétnicas de las comunidades mapuches en Araucanía uno se encuentra, en general, con una larga historia regional caracterizada por la "negación del otro", que se expresa en la violencia, en la pobreza y en la discriminación en contra de los indígenas. Al mismo tiempo, nos encontramos con una rica cultura religiosa que mantiene aún los diversos pilares de su cosmovisión religiosa, tanto en la rogativa comunitaria (*Nguillatun*), la institución chamánica y las diversas ceremonias tradicionales. A pesar de lo señalado por algunos autores, la lengua aborigen continúa hablándose no sólo en el mundo rural sino entre los emigrantes; los movimientos étnicos en las ciudades se consolidan y acrecientan, etc. Esta vigencia de los elementos propios de la cultura indígena nos ha llevado a postular la vigencia y autenticidad de la cultura mapuche contemporánea.

Dentro de este marco regional chileno, nos parece muy relevante analizar los diversos movimientos identitarios que atraviesan la cultura mapuche, considerar las transformaciones de sus ceremonias y de sus liderazgos religiosos, como asimismo prestar atención al modo de considerar los conflictos crecientes entre las comunidades y grandes haciendas. Nos parece que los estudiosos muestran que efectivamente "la lucha por la recuperación de la tierra" aparece para los propios indígenas no sólo como una reivindicación socioeconómica, sino fundamentalmente de carácter religioso-cultural. En este sentido, el papel que asumen las autoridades indígenas es relevante porque muchos de ellos intentan regular la aceleración de los conflictos interétnicos y frenar la tendencia a "la justicia por las propias manos", y a la respuesta meramente emotiva a la provocación de policías y ejércitos "privados". Es menester indicar, que existen otros liderazgos muy minoritarios, que invocando motivos etnoreligio-

sos intentan aumentar "a cualquier precio" el conflicto interétnico con las clases dominantes y el Estado chileno. Por ahora, solamente son algunos miembros que participan de los movimientos étnicos radicalizados, pero es posible que esto vaya en aumento producto de los grandes "intereses estratégicos" en pugna. Con todo, es preciso mostrar tres conclusiones relevantes que arrojó nuestro estudio sobre los dirigentes y líderes entrevistados en las comunas de Temuco y Saavedra:

• Sobresale una opinión general donde se destaca una valorización del proceso de modernización que vive la sociedad chilena, pero que no excluye un juicio crítico sobre todo por las consecuencias paradójicas que tiene hacia los sectores más pobres y a los indígenas.

• Los dirigentes indígenas reconocen las nuevas posibilidades que abren los procesos de racionalización de la modernización. Pero ellos no creen que este proceso de integración a una lógica capitalista le traerá efectivamente el progreso y el bienestar al conjunto de las comunidades indígenas.

• El juicio político de los líderes sobre el proceso de modernización responde muchas veces a sus problemas particulares y obedece a las claras limitaciones socioeconómicas locales del proceso modernizador tal cual lo sufren las familias y las comunidades indígenas.

La complejidad de los conflictos interétnicos en las comunidades mapuches de la Araucanía tiene que ver en última instancia con una visión del futuro que requiere asumir, articular y discriminar los valores identitarios tradicionales y los valores instrumentales que predominan en la sociedad moderna dominante. En este sentido, las religiones étnicas tienen un papel relevante porque ellas han sido y son parte de la estructura temporal que asegura los lazos comunitarios y las relaciones tradicionales en términos de solidaridad y equidad. El proyec-



Foto João Ripper

Las religiones étnicas tienen un papel relevante porque ellas han sido y son parte de la estructura temporal que asegura los lazos comunitarios y las relaciones tradicionales en términos de solidaridad y equidad.

to modernizador chileno ha hecho, sin lugar a dudas, muchos aportes positivos a la reconstrucción democrática, pero mantiene aún una larga deuda con las minorías indígenas y en particular con el pueblo mapuche. Hasta la fecha, el Estado chileno ha intentado consolidar un proceso modernizador que no ha sido capaz de articular las diversas necesidades que emergen desde la propia cultura tradicional mapuche. En este sentido, continúa siendo un proyecto modernizador definido "desde arriba" y "desde la Capital", que no logra satisfacer las demandas de las comunidades indígenas. Ello justifica la acción de los miembros más radicalizados que aspiran a consagrar una "nueva utopía" o a una reconstrucción "romántica" del mundo tradicional que haga un dilema entre modernización o identidad étnica. Aparte de este particular sesgo, sabemos que la nueva Utopía indígena que surge en la mayoría de los movimientos étnicos no es sólo y exclusivamente para los indígenas, sino para todos los hombres que han ido olvidando los valores humanos esenciales que se requieren cultivar en sociedades multiculturales.

Estas situaciones vividas ya no sólo en Araucanía y en América Latina, permiten considerar la gran complejidad que asumen los problemas de la modernización en un marco interétnico. La tensión entre la racionalización creciente del mundo de vida étnico y las nuevas formas modernizadoras va en aumento creciente en muchas partes. En muchas comunidades étnicas, se constata que el proyecto modernizador impuesto ha sido, muchas veces, una opción monocultural en vistas a reproducir el sistema social y económico que favorece a las sociedades económica y culturalmente dominantes del planeta, y que termina "amenazando" y a veces, "arrasando" con los valores comunitarios que ha intentado preservar la religión en el pasado. Cuando se hace más evidente este diagnóstico, se ratifican las sospechas de los grupos étnicos más carismáticos y emotivos que no aprecian las "oportunidades" y las "promesas" de la modernidad. En este marco, las religiones étnicas no sólo son fuentes de "conflictos" y de sesgos "fundamentalistas", ellas son parte relevante en la medida que nos recuerdan una serie de valores culturales (comunidad, solidaridad, respeto de la naturaleza) que requerimos mantener y acrecentar como sociedades complejas, si es que buscamos consolidar un proyecto sostenible y utópico de Humanidad. ●

1. Los obispos del sur estimamos que los conflictos actuales que protagoniza el pueblo mapuche, pehuenche y huilliche que preocupan a la comunidad nacional, difícilmente tendrán una solución adecuada si no se asume como país los antecedentes históricos que los han originado. En efecto, el reconocimiento de los daños producidos por la ocupación del territorio ancestral del pueblo mapuche, por las políticas de división y fomento a la enajenación de sus tierras y de asimilación cultural impulsados por el Estado, son el punto de partida para todo diálogo posible. Si el pueblo mapuche en la actualidad se encuentra reducido a condiciones de pobreza y marginación, se debe particularmente a la pérdida de la mayor parte de su territorio y a la denigración de su cultura.

2. En 1993 se dio un paso fundamental con la promulgación de la legislación indígena. Esta dejó clara la condición pluricultural y pluriétnica de nuestro país y la urgencia de avanzar hacia el establecimiento de nuevas condiciones, que permitan la superación de la injusta situación en que se encuentra el pueblo mapuche. Fue, sin duda alguna, un avance con relación al pasado, pero aún insuficiente para lograr un marco de nuevas relaciones. A este respecto, miramos con esperanza los trabajos de la Comisión "Verdad histórica y nuevo trato".

3. Los tiempos urgen para generar una relación en justicia y verdad,

CARTA DE LOS OBISPOS DEL SUR
Por la dignificación del pueblo Mapuche

amor y paz, con toda la comunidad nacional. Estamos conscientes que hay que superar dificultades para generar los cambios que anhelamos. Nos hallamos ante una obligación de la sociedad entera. Se deben reconciliar las formas de pensar y juzgar con la verdad histórica, las legítimas aspiraciones de los pueblos originarios con la legislación vigente. Con la buena voluntad de todos podremos desarrollar una mirada y una actitud diferente hacia esta realidad. En esta tarea, los medios de comunicación social tienen una seria responsabilidad.

4. *El común empeño por la construcción de la justicia social en nuestra patria debe considerar el respeto a los derechos de los pueblos originarios. Esto implica la voluntad política de llegar a un reconocimiento constitucional del pluralismo étnico de la patria común. Esta voluntad se ve menoscabada por los prejuicios, el desconocimiento o la criminalización de las legítimas demandas de reconocimiento de los derechos del pueblo mapuche.*

5. *Reconocemos y valoramos el rol de las empresas en el desarrollo de esta región del país. Sus iniciativas, sin embargo, no pueden realizarse sin tener en cuenta las particularidades étnicas y culturales de esta zona. Llamamos a los empresarios a asumir una actitud abierta al diálogo con las comunidades mapuches. Su contribución para la superación de los conflictos necesita ir mucho más allá de la incorporación de mapuches en sus planes de empleo o a gestos de buena vecindad. Ella debe expresarse concretamente en una solidaridad organizada que ofrezca oportunidades reales, conducentes a una auténtica superación de su situación actual.*

6. *A las organizaciones mapuches y a sus líderes, les hacemos un llamado a avanzar en las transformaciones, mediante el esfuerzo por crear condiciones de verdadero diálogo, sin aislarse, excluyendo la violencia, que únicamente degrada y destruye, exacerba posturas extremas e impide la justa comprensión de las demandas; se trata de trabajar en conjunto con otros sectores del país, igualmente dispuestos a construir un país fraterno y solidario. El hecho de compartir un territorio y una historia nos desafía a construir una patria común.*

7. *Conscientes de la responsabilidad histórica de todo chileno por la actual situación del pueblo mapuche, exhortamos a todos a participar en un diálogo constructivo. Para esto es necesario un adecuado fortalecimiento de los auténticos representantes del pueblo mapuche, sin los cuales, difícilmente fructificará la búsqueda de soluciones pacíficas y definitivas. Se trata de ir más allá de los acuerdos formales, avanzando todos juntos hacia el reconocimiento constitucional y el respeto del pueblo mapuche como comunidad cultural no sólo de hecho, sino también de derecho.*

8. *Recordemos una vez más las palabras del Santo Padre al pueblo mapuche en Temuco: "Al defender vuestra identidad, no sólo ejercéis un derecho, sino que cumplís también un deber: el deber de transmitir vuestra cultura a las generaciones venideras, de este modo a toda la nación chilena, con vuestros valores bien conocidos: el amor a la tierra, el indómito amor a la libertad, la unidad de vuestras familias". (5-04-87)*

9. *Ponemos todas nuestras esperanzas en el Señor, a quien le pertenece el destino de todos los pueblos y que en su inmensa bondad nos llama a vivir en fraterna comunión.*

- *Antonio Moreno C., Arzobispo de Concepción*
- *Tomislav Koljatic M., Obispo Auxiliar de Concepción*
- *Felipe Bacarreza R., Obispo Auxiliar de Concepción*
- *Miguel Caviedes M., Obispo de Los Angeles*
- *Sergio Contreras N., Obispo de Temuco*
- *Jorge Hourton P., Obispo Auxiliar de Temuco*
- *Sixto Parziger F., Vicario Apostólico de la Araucanía*
- *Alejandro Goic K., Obispo de Osorno*
- *Ricardo Ezzati A., Administrador Apostólico de Valdivia.*
- *Juan Luis Isern de A., Obispo de Ancud*
- *Luigi Infanti de la M., Vicario Apostólico de Aysén*

Temuco, 05 de Septiembre de 2001

La teología

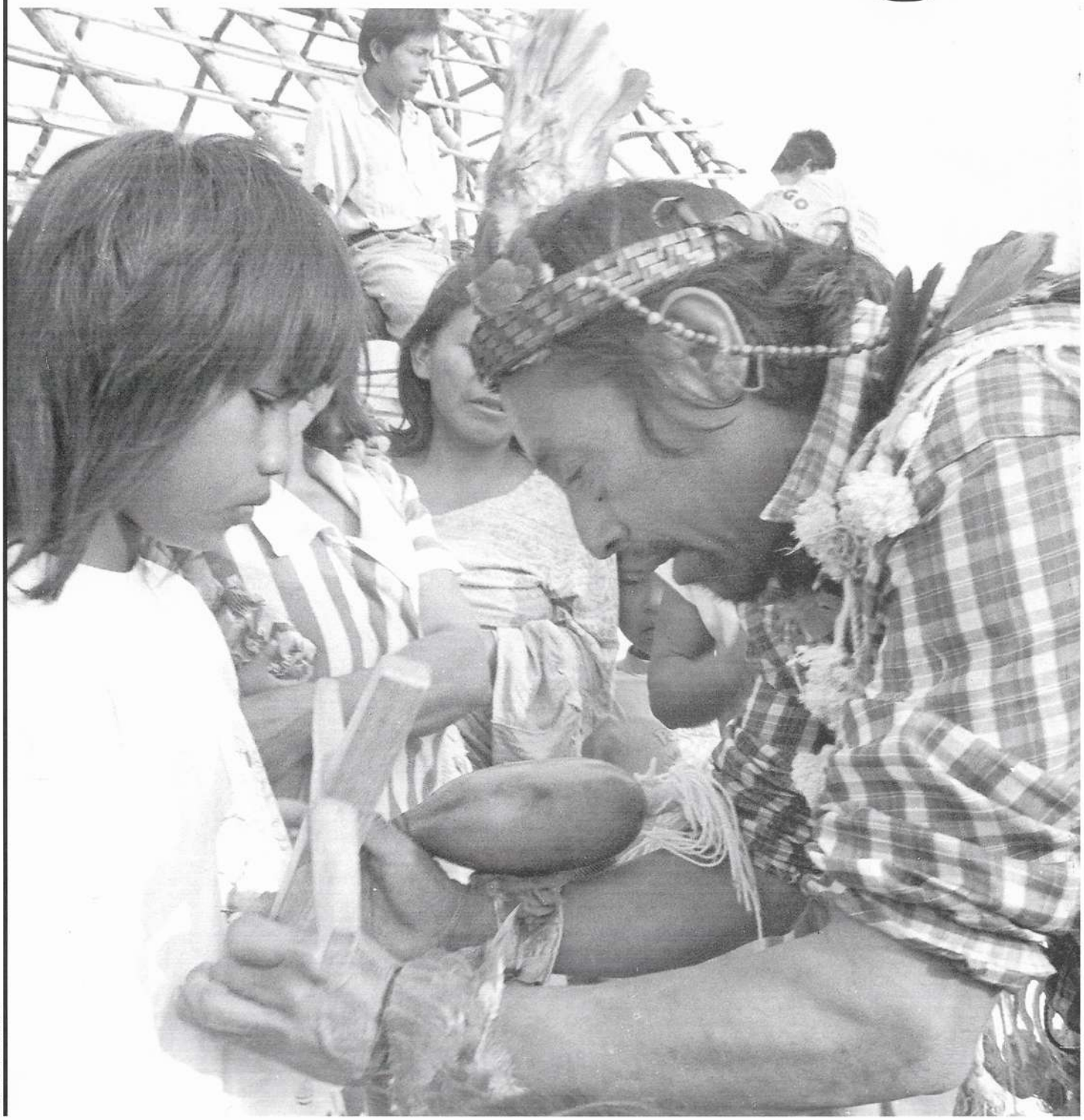


Foto João Ripper

india en la globalización actual

Eleazar López Hernández
México

A Teologia Índia reflete sobre a fé dos índios de hoje, sendo um fenômeno novo na Igreja Católica. Aos poucos, passa a propor alternativas de um futuro melhor para os índios e os pobres em geral, contexto que torna fundamental a memória histórica. Muitos vêem erroneamente a Teologia Índia como simples sabedoria popular, Teologia da Libertação com nova roupagem ou uma ameaça ao cristianismo. Cabe à Teologia Índia encontrar estratégias que diminuam temores desse tipo existentes na Igreja, bem como produzir a teologia de que os povos indígenas necessitam na luta pela vida.

TEOLOGÍA INDIA, REALIDAD NUEVA Y ANTIGUA

La Teología India, caracterizada como vertiente teológica de América Latina, que articula la reflexión de fe de los indios de hoy es ciertamente un fenómeno nuevo en la Iglesia. Se puede decir que es apenas de los últimos 30 años, e incluso hablando con más precisión, de la última década del siglo, en que se da la irrupción indígena en la sociedad y en la Iglesia. Los tres únicos encuentros latinoamericanos de Teología India se llevaron a cabo recientemente: el primero en 1991 en México, el segundo en 1993 en Panamá y el tercero en 1997 en Bolivia. De modo que es un fenómeno bastante nuevo, que recién está expresándose y encontrando su lugar en el concierto de otras voces teológicas más antiguas y reconocidas. Sin embargo, la Teología India, en cuando sabiduría religiosa de los pueblos originarios de Amerindia es muy antigua. Existe desde que existen el hombre y la mujer de este continente. Y se ha desarrollado de acuerdo a los desafíos que la vida de nuestros pueblos fue planteando antes, durante y después de la invasión occidental a estas tierras. En el período colonial la Teología India acompañó la lucha por la sobrevivencia y se convirtió en teología de resistencia para mantener

la terca esperanza de los pueblos vencidos. Se refugió en la clandestinidad, se enmascaró de cristianismo o se lanzó a la tarea ingente de hacer síntesis creativas de lo propio con los aportes venidos del exterior. La religiosidad popular indígena y mestiza han sido los lugares privilegiados en que la Teología India se ha reproducido.

TEOLOGÍA INDIA, PROTESTA Y PROPUESTA

En los últimos años, coincidentemente con la caída de otros paradigmas alternativos al capitalismo imperante y con la implantación del modelo neoliberal, se dio una irrupción fuerte, incluso violenta, de los indígenas en la sociedad y en la Iglesia. Muestra de ello es Chiapas. En ese contexto la Teología India además de ser voz de protesta de los indios, poco a poco se ha ido convirtiendo en voz de propuesta que articula el anhelo de un futuro mejor no sólo de los indios sino de los pobres en general. Esto es así porque la Teología India da la posibilidad de construir nuevos paradigmas de comprensión de la realidad y de construcción de alternativas de vida para todos sacándolos de sus *petacas* (baúles) ancestrales. Ejercer este papel de propiciadora de propuestas alternativas ha implicado para los impulsores de la Teología India acudir a los *Tepeyac* indígenas para juntar las flores de la sabiduría milenaria de nuestros pueblos; entrar a los mitos, ritos y utopías ancestrales para descubrir las verdades fundamentales de la humanidad y para activar la energía espiritual que sólo los pobres conocen. Esta novedad está empujando a la Teología India a no ser únicamente *Theología Indorum*, como señaló Fr. Bartolomé de las Casas, *teología de los indios*, sino un modo nuevo de hacer teología como los indios, es decir, dejando de ser meros repetidores de pensamientos foráneos, para forjar, a partir de nosotros mismos y de nuestra sabiduría, lo que creemos sobre Dios, sobre el mundo y sobre nosotros mismos. Sin aislarnos ni separarnos de los demás, pero asumiendo con gozo en la comunión nuestra identidad/alteridad. Hacer Teología India es dejar que se nos suba lo indio y pensar y actuar como tales, pues al final de cuentas, si antes no todos éramos indios, ahora la economía neoliberal nos está haciendo a todos indios. Hacer Teología India es asumir con pasión la tarea de defender la vida de todos: hombres y mujeres, plantas y animales, ríos y bosques. Y guiados con esta teología, actuar como mensajeros dignos de toda confianza para llevar la palabra divina y nuestra palabra a los demás, también a *los que viven en palacios* y a los que son *señores de los sacerdotes*, para

La Teología India es una interpelación radical a las teologías existentes y a la Iglesia en conjunto.

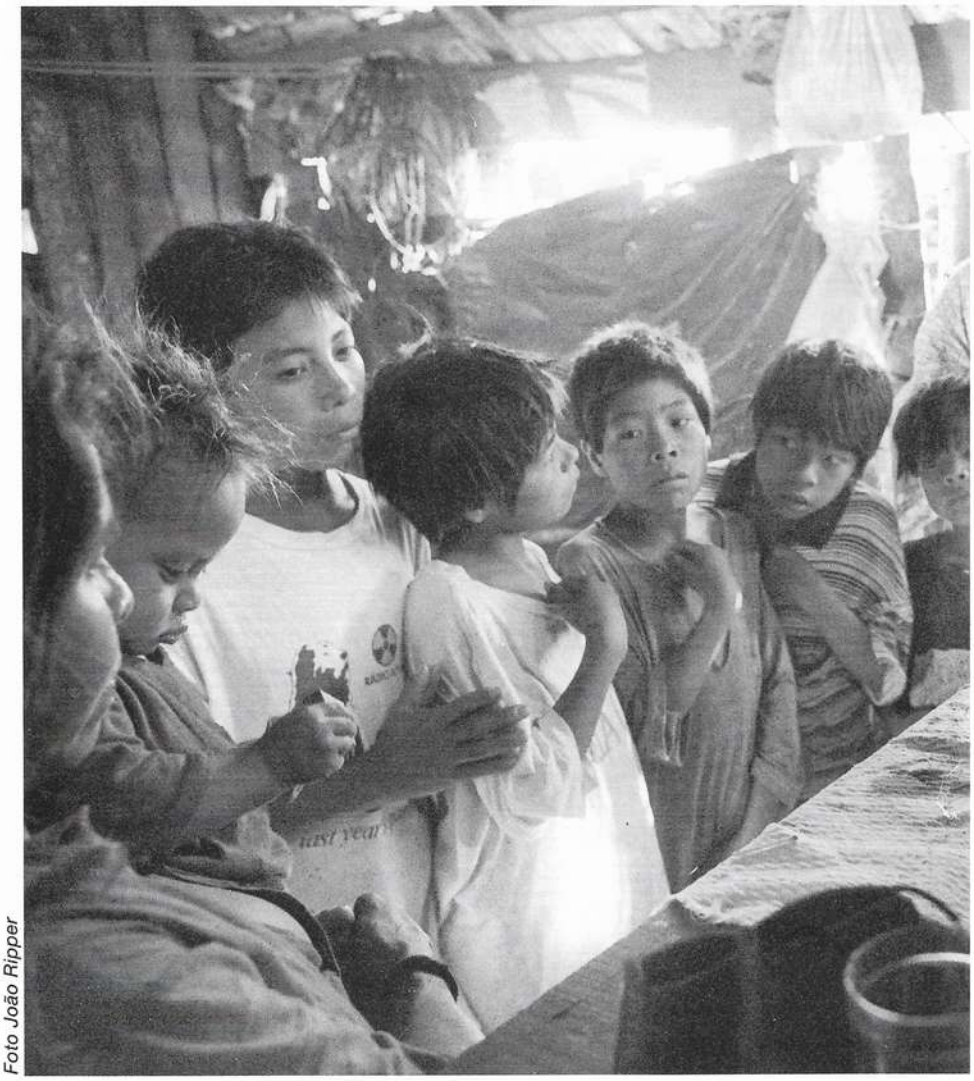


Foto João Ripper

hacer realidad la *Teocalli* o casa de todos donde sean escuchados y remediados los lamentos, miserias, penas y dolores del pueblo, y donde recibamos todo el amor, compasión, auxilio y defensa que soñaron nuestros antepasados. Es lo que nos dice el proyecto guadalupano, que coincide maravillosamente con casi todos los proyectos históricos indios.

PRESUPUESTOS METODOLÓGICOS DE LA TEOLOGÍA INDIA DE HOY

Para la Teología India que pretende ser articuladora de propuestas alternativas de vida, la memoria histórica es fundamental: ¿Qué nos está pasando y por qué? ¿De dónde venimos? ¿Quiénes son los antepasados que nos dieron existencia? ¿En qué sentido somos semilla de futuro? Es indispensable el refontanamiento o la vuelta a las raíces originarias de nuestros pueblos, que son a fin de cuentas raíces de la humanidad entera; la revalorización del lenguaje mítico-simbólico y del corporal como instrumentos más aptos para dejar hablar al espíritu; la importancia capital de la comunidad creyente, donde los servidores/servidoras no son dueños(as) de la teología, sino parteros(as), voceros(as) de una producción que es colectiva; donde el pensamiento teológico es compañero de la lucha por la vida y no meras logomaquias o juegos de palabras para libros o espacios de academia.



LA TEOLOGÍA INDIA Y LA INSTITUCIÓN

La Teología India es una interpelación radical a las teologías existentes y a la Iglesia en conjunto. La Teología India exige cambiar no sólo de contenidos o de sujetos teológicos, sino elaborar nuevos modos de hacer teología: nuevos paradigmas. Pero esta interpelación radical coincide con el deseo generalizado de transformaciones profundas en la sociedad y en la Iglesia. El entusiasmo e incluso la euforia que se ha dado en algunos sectores de la Iglesia por los indios y su teología tiene que ver con ese deseo - en parte fundado en conocimientos sólidos y en parte basado en cierta idealización - de encontrar en los indios lo que hace falta en la Iglesia. Los indios, por eso, estamos ganando a un buen número de pastores de la Iglesia. El contenido y el enfoque que adquirió el documento de Santo Domingo es un reflejo de este espacio ganado por la Pastoral y la Teología indígenas. También los discursos del Papa muestran este cambio en las palabras magisteriales. El acompañamiento episcopal a los encuentros teológicos es también prueba de esta nueva actitud de los pastores.

PROBLEMAS DE LA TEOLOGÍA INDIA EN LA IGLESIA

Sin embargo, la fuerza que tiene en la Iglesia una práctica teológica y pastoral homogeneizante de siglos hace que ella se resista a cambiar y está provocando el resurgimiento de la fobia por el mundo indígena. Prueba de esto es lo sucedido en Chiapas en torno a la sucesión de Dn. Samuel Ruiz; también los acomodos que se han dado en algunas Conferencias episcopales de América Latina para dar cabida en la Pastoral Indígena a la línea dura y conservadora de nuestras iglesias. En la Congregación para Doctrina de la Fe se ha dado cauce a la voz de quienes ven con recelo la Teología India y quisieran frenar de golpe su crecimiento. Representantes de esa Congregación han expresado ante varios Obispos las reservas que tienen respecto a la Teología India. Básicamente sostienen que la Teología India no es verdadera teología; pues no es de libros ni tiene grandes expositores; en todo caso, afirman, es sólo sabiduría popular o "materia prima para la teología". Añaden que, al utilizar la mediación de la cultura, la Teología India se hace inmanentista y horizontalista. También se nos dice que no es de los indios sino de los misioneros y antropólogos que manipulan a los indios por intereses inconfesables. Algunos añaden que la Teología India no es más que Teología de la Liberación enmascarada, y por tanto "teología de la violencia". Sus principales impulsores, señalan otros, son las "viudas de Marx" que se refugiaron con los indios a llorar la muerte de sus paradigmas. Más recientemente gente de la misma Congregación para la Doctrina de la Fe ha señalado puntualmente a los Obispos de México los problemas que la Congregación ve en la Teología India. Y son los siguientes:

La Teología India pone en duda el papel decisivo del Magisterio de los Obispos, pues remarca que las comunidades son dueñas de su fe.

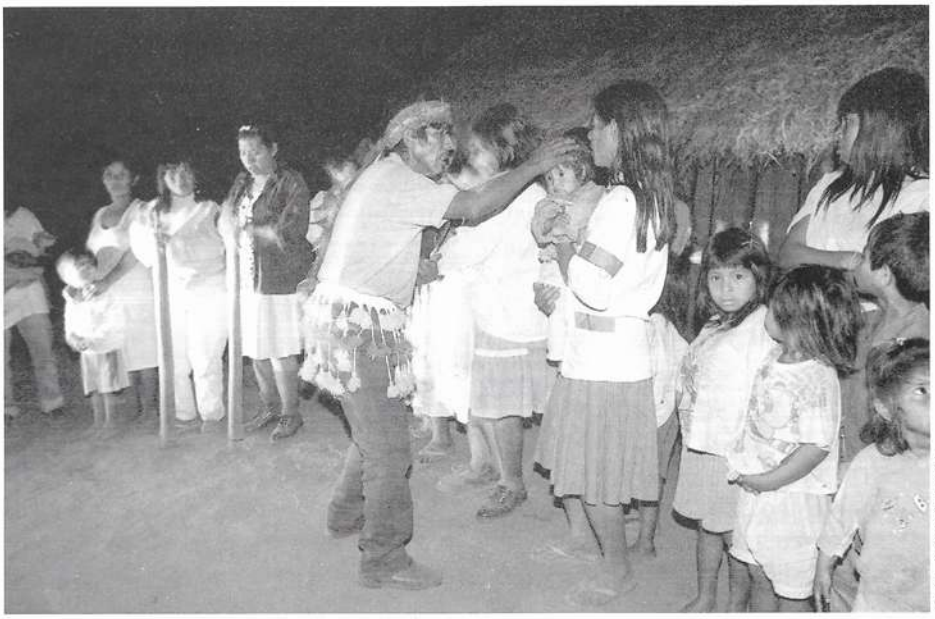


Foto João Ripper

La Teología India pone en riesgo la unicidad de la revelación de Dios, pues hace hincapié en la revelación de Dios en la historia de todos los pueblos. Con esto está desplazando el papel fundamental de la Revelación normativa. Además no está claro para la Congregación que los indios no seamos politeístas e idólatras.

La Teología India pone en riesgo la unicidad de Cristo, pues enfatiza las "semillas del Verbo" en las culturas, como si hubiera otras encarnaciones de Cristo. Es el mismo problema, dicen, que se observa en la Teología de la India.

La Teología India pone en riesgo la unidad de la Iglesia, pues habla de que hay que construir iglesias indígenas autóctonas, lo cual destruye la unidad de la Iglesia universal.

La Teología India pone en duda el papel decisivo del Magisterio de los Obispos, pues remarca que las comunidades son dueñas de su fe.

Estos temores no tienen ningún fundamento, se basan en un desconocimiento de la realidad indígena o en una lectura descontextualizada de expresiones sueltas de personas o de encuentros indígenas. Los estereotipos o los prejuicios con que ellos miran la Teología India hacen incomprensible el verdadero sentido de su producción teológica. Los indios no tenemos problema con el Dios cristiano. Desde el principio hemos sostenido que es el mismo que nos enseñaron nuestros antepasados. Tampoco tenemos problema con Jesucristo, pues para nosotros El es la presencia histórica tangible del Dios invisible de Yohualli-Ehecatl; es lo que expresamos en la figura de Quetzalcóatl, síntesis de lo humano y lo divino, del cosmos y de la tierra, del hombre y de la mujer. No tenemos problema con la Iglesia; nuestro más profundo anhelo es ser pueblo de Dios, comunidad de fe. Tampoco tenemos dificultad en entender y ubicar el papel de los Obispos; ellos son las *imágenes de nuestro Señor Jesucristo*, los que cargan al pueblo en su regazo, el palo mayor con que se construye la casa de la comunidad. Quienes se han acercado a nosotros y han sido en verdad nuestros pastores pueden testimoniar la veracidad de lo que afirmamos.

TAREAS DE LA TEOLOGÍA INDIA EN EL FUTURO

Es fundamental para la continuidad de la Teología India en la Iglesia encontrar estrategias eficaces de acción que acaben o aminoren el temor existente en las instancias de gobierno de la Iglesia respecto al mundo indígena. Afortunadamente hay también instancias episcopales y de producción teológica, como Amerindia y otras, que pueden asumir con nosotros esta tarea. Si no logramos a mediano plazo acabar con esta involución eclesial, la Institución podrá tomar decisiones equivocadas e injustas sobre la Teología India y sus sujetos. Lo cual haría un daño enorme a la fe de nuestros pueblos, pero sobre todo se lo haría a la misma Iglesia, que estaría en riesgo de perder su lugar en el futuro de los pueblos indios. Es necesario elaborar en solidaridad con otras teologías del continente los paradigmas y las herramientas metodológicas que ayuden a producir la teología que nuestros pueblos requieren en la lucha actual por la vida. Los indígenas tenemos cosas que aportar, pero necesitamos mucho recibir de los demás. Los indios somos optimistas respecto al futuro; porque tras la noche sabemos que vendrá un nuevo día; y tras el invierno llegará la primavera. Hay que seguir esperando activamente, para apurar los tiempos.

Casa La Salle - San Cristóbal, Guatemala. •

O Divino sonho do amor e os pesadelos das guerras

Marcelo Barros[1] - *Brasil*

De acordo com alguns sociólogos, os motivos de divisão entre os povos eram sócio-econômicos e ideológicos. A partir de agora, serão preponderantemente de natureza cultural e religiosa[2]*. Mesmo se tal visão se revela redutora e superficial, as religiões têm, mais do que nunca, o dever de colaborar para a paz do mundo, a justiça entre os povos e a proteção da natureza ameaçada. O Dalai Lama adverte: "Não existe terrorista islâmico, como não há terrorista cristão ou budista. Se alguém se coloca em qualquer caminho de Deus, Compaixão Suprema e Paz, não admite intolerâncias e terrorismos, sob pretexto de defender qualquer religião".*

Em 1992, no contexto das comemorações dos 500 anos da conquista da América, mulheres e homens, representantes de povos indígenas, de grupos negros e de organizações culturais e religiosas de todo o continente "*afrolatíndio*", como também alguns bispos, pastores e cristãos/ãs de algumas Igrejas, encontraram-se em Quito para o 1º Encontro da Assembléia do Povo de Deus. O Documento Final deste encontro declara: "Deus é Mistério. É em si Uno, mas se revela na diversidade das expressões religiosas das diferentes culturas. É encontrado na natureza, no coração e nos acontecimentos da história. Deus tem um sonho. Este sonho coincide com os sonhos mais significativos de todas as pessoas e de todos os povos: a Vida, no tempo e para além da morte, a Paz da Justiça, a Liberdade da diversidade, a Unidade da família humana num só mundo, sem um "primeiro" mundo nem um "terceiro", na lei suprema do amor.

(...) Todas aquelas pessoas, comunidades e povos que assumem este sonho-projeto de Deus são o povo de Deus. Nenhuma religião, nenhuma igreja, pode arrogar-se a exclusividade de ser este povo".

No 2º Encontro da Assembléia do Povo de Deus, em Bogotá, 1996, os participantes declaravam: "Diante da mundialização do ídolo da morte que o sistema neoliberal preconiza, proclamamos a mundialização do Deus da Vida e sua presença criadora no universo. Confessado em mil nomes, revelando-se a nós com mil rostos, Deus é sempre maior que todas as nossas confissões, mais belo que nossas imagens, uno nos mais diversos encontros. Como pertencentes a sua família, Deus nos quer vivos e livres, plurais e unidos, felizes, neste momento, nesta casa comum da Terra Pachamama e sob o teto luminoso do Sol, da Lua e das estrelas"[3].

O diálogo entre as culturas e entre as religiões precisa ter como base uma profunda espiritualidade ecumênica, ou como dizemos na América Latina, "macro-ecumênica". Elementos fundamentais são: 1. A busca de Deus como amor e doação absoluta e não como poder que se impõe e legitima poderes humanos, políticos ou, pior ainda, religiosos. 2. A escuta contemplativa de Deus como fonte de Vida que continua se revelando e, ao mesmo tempo, a necessidade de desenvolver em nós uma verdadeira paixão por seu projeto de libertação plena. 3. A maturidade e a liberdade na afirmação da identidade própria a partir das relações de gêneros, da cultura, da fé religiosa e da condição social. 4. A abertura fraterno-sororal a todas as pessoas em suas culturas e religiões e o diálogo sincero, autocrítico e crítico, em busca de pontos comuns que nos unam. 5. A sensibilidade misericordiosa e a solidariedade eficaz diante de todas as situações de marginalização e morte. 6. A celebração gratuita e plena de esperança, do Deus que se faz Vida, da Vida da humanidade e das maravilhas da terra e do cosmos, hoje dramaticamente ameaçados.

Dom Beda Griffiths, abade do Mosteiro de Prinknash na Inglaterra, sem deixar de ser monge beneditino, tornou-se guru hindu e viveu toda a vida na Índia. Em um de seus livros, declarou: "Além de ser cristão, preciso ser hindu, budista, jainista, zoroastrista, sikh, muçulmano e judeu. Só dessa maneira, poderei conhecer a verdade e encontrar o ponto de reconciliação de todas as religiões... É esta revolução que deve acontecer na mente do ser humano ocidental. Há séculos, ele se volta para fora e se perde no espaço exterior. Precisa agora aprender a voltar-se para dentro e empreender a longa e difícil peregrinação ao Centro, o profundo interior do seu próprio Ser" [4].

Que este caminho do diálogo e da comunhão nos ajude a ser mais felizes e a contribuir com a paz e unidade da humanidade.

---

1 Marcelo Barros, monge beneditino, teólogo membro da Associação Ecumênica dos Teólogos do 3o Mundo, é autor de 24 livros, dos quais o mais recente é o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

2 S. P. HUNTINGTON, **The Clash of Civilizations,** in "Foreign Affairs", LXXII (1993), 3, pp. 22- 49.

3 Cf. MARCELO BARROS, **O Sonho da Paz,** A Unidade das Igrejas, Comunhão das Religiões e Culturas a Serviço da Paz, Petrópolis, Ed. Vozes, 1996, 2a parte, p. 80.

4 BEDE GRIFFITHS, **Retorno ao Centro**, São Paulo, Ibrasa, 1992, p. 9 Dirección de la editora: Fax: 011-36 42 38 (Rua 13 de maio 361, São Paulo).

Diálogo inter-religioso no Brasil: minorias e educação nacional

Roseli Fischmann
São Paulo - Brasil

A pesar de la gran diversidad étnica y religiosa existente en Brasil, sería iluso suponer que existe una "democracia religiosa" en el país. Las minorías no cristianas, por ejemplo, son frecuentemente ignoradas e incluso discriminadas. Sin embargo, la práctica del diálogo resulta de un legado de aprendizaje y crecimiento personal. Es lo que concluye Roseli Fischmann, involucrada en trabajos como el "Forum de las Religiones", el "Proyecto Discriminación, Prejuicio, Estigma: Relaciones entre etnias y educación" y el "Encuentro Preparatorio de la UNESCO sobre la Tolerancia" en América Latina y el Caribe.



Foto Paulo Lima

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), articulista do Correio Braziliense (Brasília), e presidente do Júri Internacional do Prêmio Unesco de Educação para Paz, Unesco, Paris (edição 2001).

O relato que é apresentado a seguir, constitui-se de várias fases e distintos desafios, tratando-se, mais propriamente, de esboço de depoimento de atividades teóricas e práticas desenvolvidas ao longo de quase duas décadas, reunindo idéias já apresentadas em outros artigos, em outras ocasiões, assim como aspectos novos, próprios do momento complexo que vivemos. É uma mirada, a partir do lugar de educadora que ocupo e da reflexão-ação que pratico, constituinte de meu ser, como mulher e cidadã.

Tratar da temática das religiões no Brasil é tema que exige cautela. Cabe alertar, inicialmente, que o tratamento será sempre provisório e parcial, ainda que se pretendesse estudo exaustivo. Isto porque, como afirmamos em trabalho anterior, "a diversidade de grupos humanos, que estão presentes nesse amálgama que chamamos Nação Brasileira, configura-se como mais ampla que a diversidade étnica ou religiosa, porque engloba as duas, torna possível compô-las e decompô-las" (Fischmann, 1996).

Há um ponto fundador da discussão, que é a colonização portugue-

sa do Brasil, em tempos de Contra-Reforma:

"Pela força da Igreja Católica na constituição do Estado brasileiro, do qual se separou apenas em 1891, com a promulgação da primeira Constituição Republicana do Brasil, as fronteiras entre religião e cidadania ficaram muito confusas. Até a data de 1891, não eram permitidos cultos públicos de outras religiões ou denominações cristãs, o que significava certo tipo de exclusão social. Embora por força da Constituição do Brasil tal situação não esteja mais presente, há ainda entre a população resquícios de certa mentalidade remanescente dessa época." (Fischmann, 1996)

A prática de trabalho que desenvolvemos em São Paulo vincula-se a uma proposta tipicamente de educadora, de respeito à voz e à ação de cada Outro com quem vivemos e interagimos, devidamente reconhecido cada um como fonte de autoridade do saber sobre si mesmo. Saber esse que, em hipótese alguma, poderá ser substituído por construções teóricas, por mais elaboradas que sejam.[1]

Os primórdios de tal ação ligam-se, inicialmente, a anos de estudo sobre as religiões como parte de uma busca pessoal de contato com informações e reflexões sobre o Outro, aliadas a vivências pessoais de interrogação e transformação. A rejeição a uma postura acomodada ou fixa renderam desconforto pessoal e amplas possibilidades. Talvez um primeiro aspecto de qualquer diálogo religioso esteja aí: o abandono de atitudes rígidas, a abertura para o Outro, mantida a consciência das fronteiras que separam-nos uns dos outros, porém fronteiras que terão graus adequados de flexibilidade e permeabilidade: nem de mais, que leve à perda ou confusão de identidade, nem de menos, que impeça o intercâmbio.

Do ponto de vista da ação eminentemente prática, houve a marca de experiências preliminares de contato ativista com o Conselho da Fraternidade Cristão-Judaico[2] e com a Comissão Nacional de Diálogo Religioso[3], órgão da CNBB, ao longo de 1989. Vivendo em uma constante interação entre o mundo acadêmico e o mundo ativista, em 1990 apresentei um *paper* no "Simpósio Internacional Oriente, Ocidente: Projeções", promovido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, como iniciativa do Departamento de Letras Orientais, caracterizando o trabalho como campo de possibilidades acadêmicas.

O papel da universidade como solo comum confiável e seguro para o diálogo inter-religioso sempre foi amplamente demonstrado.

Pela triste época da Guerra do Golfo, em início de fevereiro de 1991, tive a oportunidade dada pelos Céus de encontrar o professor Mohamed Habib, em cerimônia promovida pelo jornal Folha de São Paulo em prol da Paz, em celebração de seus 70 anos. Nessa ocasião, selamos uma cooperação que tem rendido muitos frutos. A freqüência ao curso sobre Alcorão, ministrado pelo professor Helmi Nasr na FFLCH/USP, ao longo de 1991, foi parte importante da construção desse diálogo. Nessa época também freqüentei algumas disciplinas do curso de Hebraico na mesma FFLCH/USP. O papel da universidade como solo comum confiável e seguro para o diálogo inter-religioso sempre foi amplamente demonstrado.

Por isso, com Mohamed Habib articulamos trabalhos com sociedades científicas, ligando ambientalismo, religiões e paz, nessa época também com participação de Fábio Feldmann, então deputado federal, e de José Pereira de Queiroz Neto, na época Secretário Regional da SBPC em São Paulo. Promovemos, em cooperação com a diretoria nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC e a Regional São Paulo, de cuja diretoria executiva participava, simpósio sobre "O papel da Ciência na promoção da Paz", na reunião anual de 1991, em julho, no Rio e na 6ª Conferência Brasileira de Educação - CBE, de cuja Comissão Executiva participava, mediante um Ciclo de Debates, ao longo de três dias, com ênfase nas relações educação e meio ambiente, com a participação de destacados nomes do ambientalismo, em movimento de preparação para a Rio-92.

Em 1992, apresentei a proposta, coordenei a preparação e realização da mesa redonda "América 500 anos: Coexistência de Religiões", dentro do Congresso Internacional América 92: Raízes e Trajetórias, coordenado pela professora Anita Novinski que, acolhendo nossa proposta, fez dessa mesa uma atividade patrocinada pela comissão científica do evento. Essa mesa marcou o início das atividades do Fórum de Religiões, composto preliminarmente pelos participantes da mesa e alguns outros convidados, propondo todos que a coordenação executiva ficasse a meu cargo.

Participaram desse momento, além de Mohamed e eu, reverendo Gustavo Corrêa Pinto, pelo Budismo, Marcos Terena, pelas Tradições Indígenas, professores Muniz Sodré e Inaicyra Falcão dos Santos, pelas

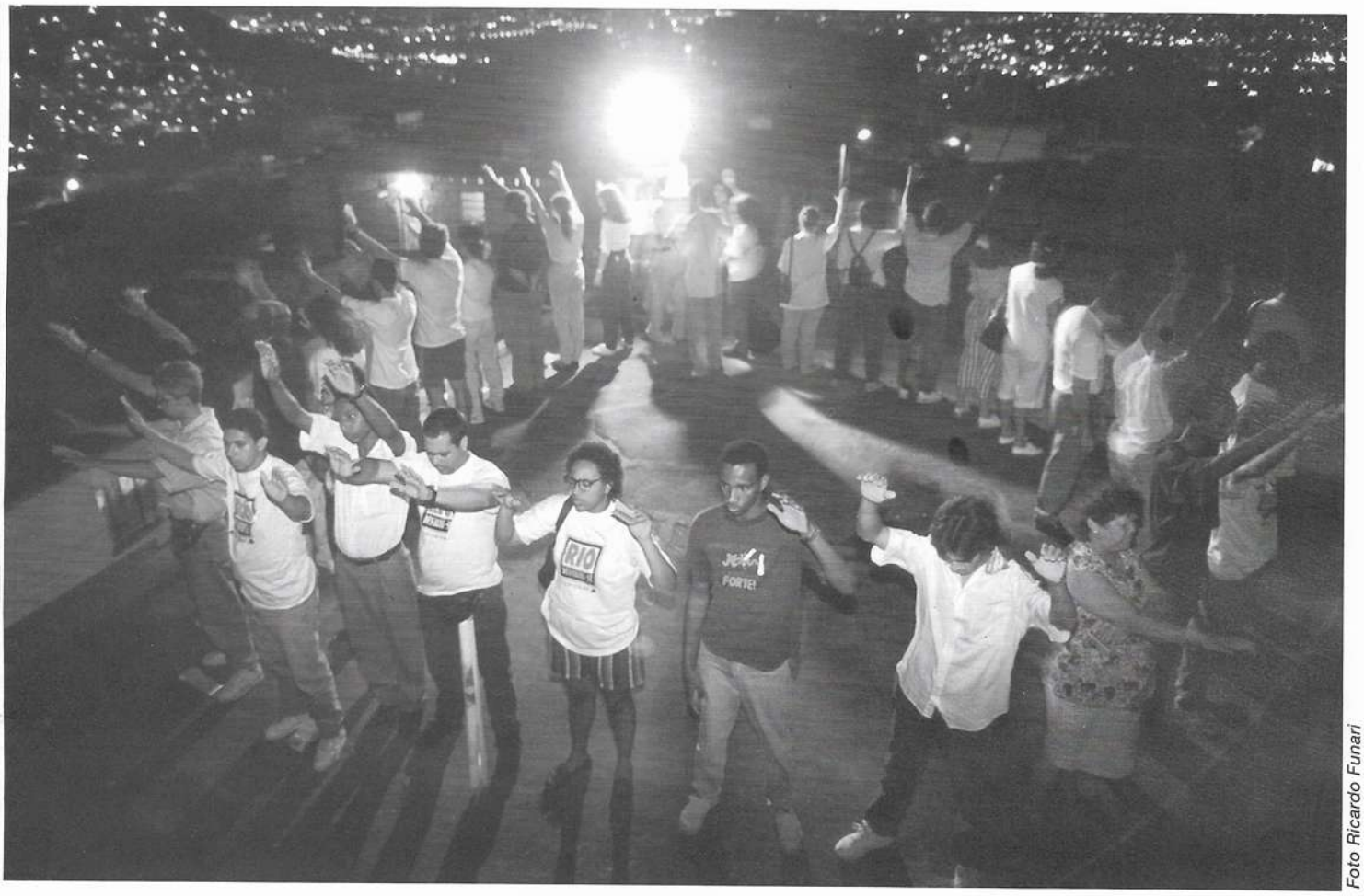


Foto Ricardo Funari

Tradições Africanas, representando Mestre Didi, Rabinos Alejandro Lilienthal e Michael Leipzieger, Professor Helmi Nasr, pelo Islamismo, Frei Leonardo Martin e Padre Jesus Hortal, à época vice-reitor da PUC do Rio de Janeiro, pelo Catolicismo, Pastor Dirck, pela Igreja Luterana, Pastora Nancy Cardoso, pela Igreja Metodista, Professor Hugo Schlesinger e Frei Bernardino Schreiber, pelo Conselho da Fraternidade.

Desde essa época contamos com o apoio da Faculdade de Educação da USP, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, pela apresentação que Marcos Terena fez de todos nós e pelo empenho do Oficial de Programa Ricardo Jatobá. Tal apoio foi formalizado apenas quando obtivemos o apoio do Itamaraty, por intermédio de contato que nos propiciou a Professora Beatriz Cardoso, da FEUSP, com assessores de seu pai, Professor Fernando Henrique Cardoso, nosso Presidente, à época Ministro das Relações Exteriores.

Realizávamos as reuniões do Fórum de Religiões em rodízio de sede. Tivemos grande apoio do Templo Honpa Hongwanji, pela apresentação que fez de nosso trabalho, às autoridades Budistas, o reverendo Gustavo Corrêa Pinto. Mobilizamo-nos por ocasião do Acordo de Paz de Washington, fazendo, Mohamed e eu, em nome do Fórum e enquanto ativistas do meio científico, antes do Acordo e em apoio a ele, mobilização junto às sociedades científicas via SBPC para que enviassem mensagens de apoio às embaixadas árabes e israelense no Brasil. E o Fórum, como um todo, manifestou-se em apoio no minuto seguinte à assinatura do Acordo, por fax, às Embaixadas Árabes, Israelense, Governo Federal e imprensa.

Tivemos a felicidade de organizar, com apoio do Rabino Michel Leipziger e Diretoria do Lar Golda Meir, e articulação do Professor Mohamed Habib, na segunda noite de Rosh Hashaná, no dois dias após a assinatura, uma celebração de agradecimento pelo Acordo de Paz, com participação de quase todos os membros do Fórum, ou representantes, e irmãos palestinos residentes no interior São Paulo, um momento de rara emoção.

Em 1993, fora convidada, pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP, a participar de Simpósio preparatório para as discussões sobre

O Islã e o respeito à diversidade

Leandro Moreira
Pós graduando em Sociologia da USP - São Paulo - Brasil

A participação de uma afiliação institucional islâmica num importante Congresso Internacional denominado "Valores Universais e o Futuro da Sociedade" realizado em São Paulo no ano de 2001 colaborou para uma evidência: O respeito à diversidade para o Islã inclui necessariamente o respeito à diversidade religiosa, pois esta decorre de acordo com o ponto de vista muçulmano, que deve seguir a maneira como o Criador dispôs as mensagens reveladas.

Com base nesta afirmação anterior, admitir inicialmente que atrás das mais variadas e complexas sociedades islâmicas que, com os seus mais de 1,3 bilhão de adeptos aceitam e reconhecem o "fundamentalismo" como uma forma eficaz e unânime de resolução dos conflitos amparados no Corão, seria antes de tudo discorrer num grande erro como também numa absoluta ingenuidade.

A questão é que o Islã, muitas vezes aparecendo na mídia e no senso comum tendo um caráter pejorativo, permanece ainda hoje entre nós pouco conhecido, naquilo em que a religião mais se apresenta mas às vezes pouco difunde, à saber: a tolerância e o ecumenismo.

Vale lembrar na história da expansão árabe, que os povos conquistados eram tratados com moderação. Entregando as suas armas e pagando os devidos tributos que lhes eram impostos, tinham respeitados as suas crenças e seus costumes. Judeus e cristãos (povos do livro) puderam viver com uma razoável liberdade nos regimes do Império Islâmico.

Entretanto, levando-se em consideração os dias atuais sobre o diálogo do mundo islâmico com o Ocidente moderno, podemos afirmar que nem todo o "movimento fundamentalista islâmico" surgiu sob o signo da violência. A Irmandade Muçulmana do Egito, por exemplo, inicialmente se ocupou em prestar serviços sociais à população carente em geral. É claro que os atos terroristas dos radicais islâmicos no Oriente Médio estão longe de uma resolução prática mais pacífica, mas também é correto afirmar e com segurança que boa parte do comunidade muçulmana condena tais atos. Segundo alguns especialistas islâmicos, existem vários fatores para a opção "fundamentalista muçulmana" que utilizam a violência para determinados fins. Desde o choque de interesses econômicos e geopolíticos dos países desenvolvidos com as monarquias conservadoras do Oriente Médio até problemas estruturais internos como a miséria, analfabetismo, desemprego articulado ao medo do Ocidente modernizador.

Por isso mesmo, dentro da perspectiva islâmica, distinguir os movimentos políticos autenticamente inspirados pela religião como forma de atingir objetivos universais para a qualidade de vida da população, daqueles que usam a religião como subterfúgio da dominação, exploração e violência, é também tarefa de todo "bom muçulmano". Já que para o Islã, a violência imposta e gratuita chamada de fundamentalismo pelos ocidentais não encontra sustentação na narrativa corânica. Verifica-se porém, que toda a violência ou morte contra os "infiéis" exposta no Corão não deve ser separada de um contexto histórico datado no nascimento da religião e dos acontecimentos do século VII.

Portanto, quando as circunstâncias políticas o permitem, o diálogo entre o Islã e o Ocidente moderno, sobretudo nas suas divergências também ocorre de forma positiva. E até onde se sabe, os muçulmanos na consideração das ações e conseqüências do diálogo inter-religioso atribui uma palavra em árabe "Ahlan Ossáhlan", como forma inicial da aproximação entre as diferentes religiões, que em português quer dizer sejam Bem-vindos.

o Ano Mundial da Tolerância, marcado para 1995, evento organizado pelo Instituto de Educação da UNESCO, em Hamburgo, representado naquela ocasião pela professora Vanilda Paiva. Foi momento de integrar teoria e prática, especificamente na discussão que vínhamos travando.

Em novembro de 1993 iniciei um processo de participação em concurso junto à Fundação MacArthur, de Chicago, para um fellowship individual. Selecionada na primeira fase, em janeiro de 1994 com o projeto que nascia, então, com o nome que se tornou público, "Projeto Discriminação, Preconceito, Estigma: Relações de etnias e educação". Ganhamos também novos aliados por essa época: Geledés, Federação Israelita do Estado de São Paulo, Reitoria da USP.

Em junho de 1994, após mais três etapas, o projeto foi selecionado como um dos oito, dentre quase 400 candidatos, iniciando-se em agosto. Nossos antigos participantes e outros nomes destacados que nos deram apoio integraram o Comitê Sênior, tivemos uma instalação solene dos trabalhos com a presença do Reitor da USP, um dos membros do Comitê, Professor Flávio Fava de Moraes.

Pouco antes dessa instalação solene, ainda em junho de 1994, por contato sugerido pelo Professor Nachman Falbel à Professora Vera Vidal, à época na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pudemos cooperar ativamente na organização do Encontro Preparatório da UNESCO sobre Tolerância na América Latina e Caribe, que discutiu posições da região para a Declaração da UNESCO sobre Tolerância, uma demanda da Assembléia Geral da ONU visando 1995, o ano de seu Cinquentenário.

O vigor presente na cooperação entre representantes de tantos grupos de minorias religiosas rendeu força suficiente para alavancar a redação do documento Pluralidade

Foto Ricardo Funari

Cultural dos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como uma cooperação ativa com a UNESCO, que tem se estendido ao longo dos anos.

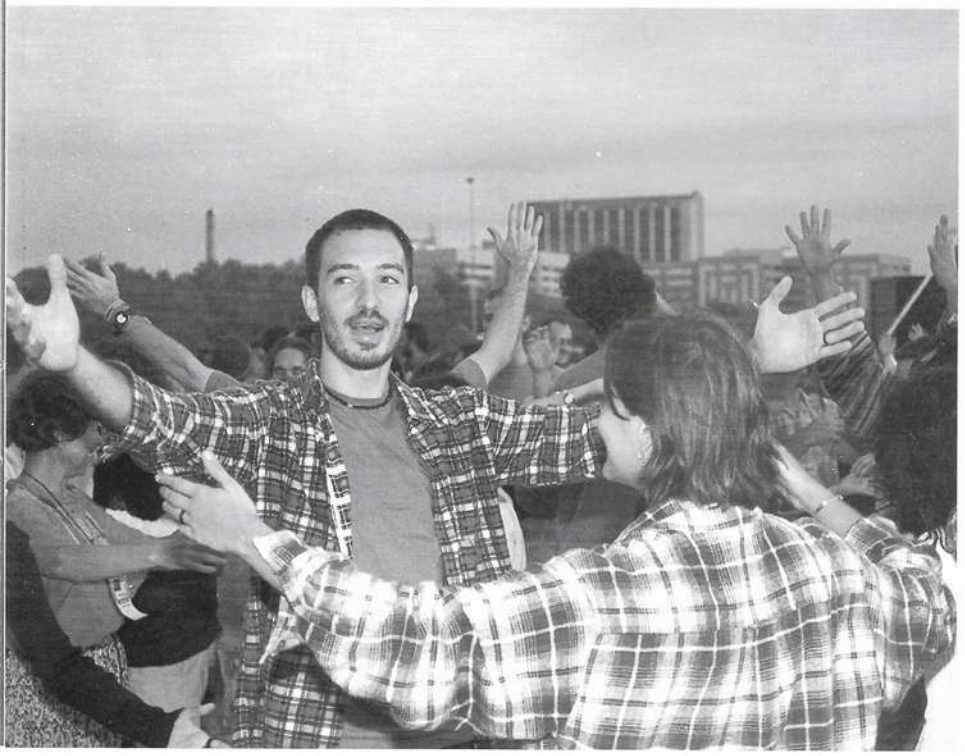
Nos tempos atuais, as dificuldades que têm se apresentando são muitas. A interação entre religiões no Brasil não foge ao que se encontra no mundo. Seria ilusão supor que temos aqui uma "democracia religiosa" (parafraseando o "mito da democracia racial", que tantos males causou à população afro-descendente e indígena no Brasil). Por exemplo, a pressão da Igreja Católica pela inclusão da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas, tema recorrente em todos os nossos processos constitucionais, e, logo depois, pela implantação desse ensino em moldes confessionais, é indicador das delicadas fronteiras entre religião e cidadania no Brasil, onde nem sempre setores religiosos conseguem perceber que é preciso "dar a César o que é de César". A discriminação que grupos religiosos sofrem, sendo chamados de seitas, é fator de tensão no cotidiano da população, pela zombaria que pode gerar de grupo para grupo.

A interação entre religiões no Brasil não foge ao que se encontra no mundo. Seria ilusão supor que temos aqui uma "democracia religiosa".

Minorias não-cristãs são freqüentemente ignoradas e, quando não o são, quase o desejariam ser – porque a carga de estereótipos ou caricaturas assume tal nível, que se infiltra no cotidiano sem que as pessoas possam dar-se conta de que estão discriminando. Entre minorias não-cristãs, a dificuldade de sobrevivência da própria identidade, frente aos riscos da assimilação, apresenta-se de múltiplas formas. Seja o que sofre o estereótipo perverso, e que, pelos vínculos com a identidade de origem, facilmente pode sentir-se (para citar Hannah Arendt) "nem em casa, nem à vontade no mundo". Seja para o que é estereotipado nos muitos símbolos de nova era, a tal que, se começou, ninguém sabe por onde anda depois de 11 de setembro de 2001.

Do Oriente Médio, o desafio dos tempos mais difíceis que se assistiu nas últimas décadas, e a tensão paralisadora e o medo, de que já seja difícil encontrar o que fazer. Seres de boa vontade, que as múltiplas crenças e formas de organização da fé que existem no Brasil possam ser dinamizadoras da esperança cautelosa possível, que tentamos ainda arrancar dos tempos que – jamais iríamos imaginar – ainda hesitamos em ter saudade.

A prática do diálogo e das dificuldades que o cercam, quando se tenta vivê-lo como realidade encarnada em cada um, não mera retórica ou pura agenda de lideranças, deixa um legado de aprendizagem e crescimento pessoal, que nos torna para sempre devedores daqueles que, conosco, dividiram seu destino. Que sirvam de Luz a guiar nestes tempos sombrios. •



1 Os próximos parágrafos retomam parcialmente relato apresentado em www.hottopos.com/convenit1 no artigo "Breve relato sobre o Instituto Plural".

2 Nessa época, com Rabino Michael Leipzieger, Frei Bernardino Schreiber, Professor Nachman Falbel, Irmã Isabel, da Congregação das Irmãs de Sion, e Professor Hugo Schlesinger - ambos de saudosa memória .

3 Com Rabino Henry Sobel, Frei Leonardo Martin e Irmã Giza.

EM DEBATE



Foto João Ripper

Religión y fundamentalismo

Consuelo Vélez
Bogotá - Colombia

Doctora en Teología
Directora del Curso de Ciencias Religiosas de la Universidad Javeriana



Toda religião tem uma certa dose de fundamentalismo. A Igreja Católica afirmou recentemente, por meio da Declaração *Dominus Iesus*, que não tem fundamento considerar outras religiões como vias de salvação, buscando evitar um maior questionamento sobre seus próprios fundamentos. Infere-se que toda religião tem um "fundamento" irrenunciável que a constitui como tal. Este "fundamento" converte-se em fundamentalismo quando só admite uma única expressão e formulação de suas verdades de fé, mas se torna uma possibilidade de diálogo e avanço quando se situa em uma mentalidade histórica consciente de que deve aceitar novas possibilidades, maior riqueza existencial, novos desafios.

Cuando ocurren hechos como el del 11 de septiembre en New York la pregunta que surge es: ¿De dónde pueden surgir las motivaciones para un acto de esta magnitud? Más aún, ¿qué motivos puede tener una persona para sacrificar su propia vida por una causa?

Una de las reacciones que se escucharon en ese entonces, fue la condena a todo fundamentalismo surja de donde surja, sea de la religión o de la ideología que sea. Sin embargo, queda una pregunta por hacerse: ¿No tiene toda religión una cierta dosis de fundamentalismo? Y la respuesta, objeto del presente escrito, es que sí. Toda religión tiene cierta dosis de fundamentalismo y, más aún, es la condición para que una religión se erija como tal.

Nos situamos en la religión católica y en un hecho reciente: la declaración *Dominus Iesus*[1]. Esta declaración surge en el contexto de la diversidad de religiones y culturas que actualmente conviven en un mismo espacio. El contexto occidental, tradicionalmente católico, se enfrenta ahora a una realidad distinta: el posicionamiento de otras religiones, con múltiples adeptos y una sociedad que está admitiendo esta pluralidad. Aferrarse a los llamados "grandes relatos", con una actitud de desconocimiento de los discursos alternativos, no caracteriza la mentalidad de nuestros días. En este sentido, nuestro mundo va dejando de ser el de los "grandes relatos" y, sobre todo, ha ido dejando de ser el mundo de un único discurso total[2].

Ante este hecho la religión católica experimenta un temor legítimo: el relativismo. En el plano religioso consiste en considerar que todas las religiones tienen el mismo valor salvífico o, al contrario, que ninguna es esencial para la salvación. Aceptar la pluralidad y atribuir el mismo valor salvífico a todas las religiones lleva a cuestionar las propias bases fundamentales de la ortodoxia católica. En este contexto una declaración como la *Dominus Iesus* pretende reafirmar lo fundamental de nuestra fe. Y esto no quiere decir que el magisterio eclesiástico no haya dado grandes pasos en su diálogo con otras religiones[3], sin embargo, ante la pregunta fundamental sobre el valor salvífico de la religión que se profesa se tiene que afirmar lo fundamental.

Ahora bien, "fundamental" no quiere decir exactamente lo mismo que "fundamentalismo". Sin embargo, el paso de uno a otro es muy fácil y en eso influye decisivamente la mentalidad que se tiene. Vayamos por partes:

1. La Declaración *Dominus Iesus* afirma lo fundamental de nuestra fe cristiana. Es una clara afirmación de la fe de la Iglesia Católica. El texto lo afirma de manera explícita (No. 3, 23). Brevemente y enunciada de manera sencilla, la profesión de fe que se hace en dicho texto es la siguiente:

- Jesucristo es el mediador único y universal de la salvación.

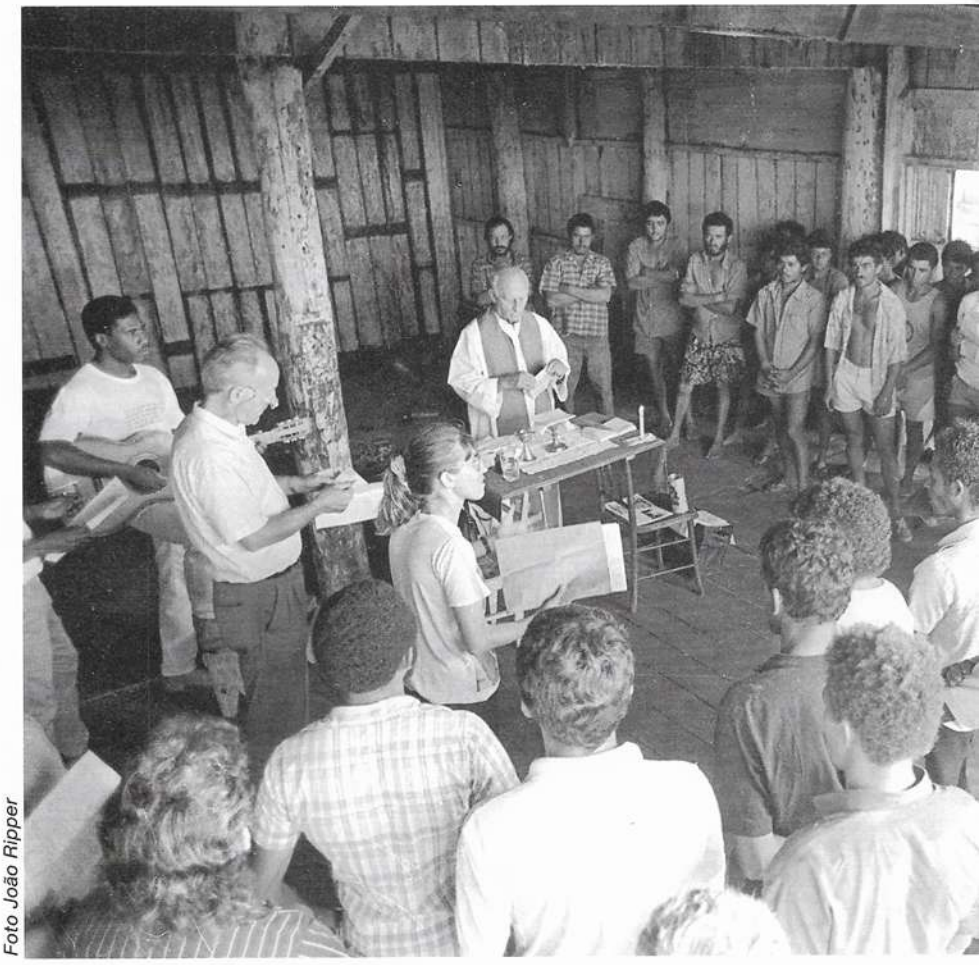


Foto João Ripper

- Jesús de Nazaret es el Hijo y el Verbo del Padre.
- Jesucristo es mediador, cumplimiento y plenitud de la revelación.
- Los valores de otras religiones derivan, en última instancia, de la mediación frontal de Jesucristo.
- El Espíritu Santo es siempre el Espíritu de Cristo.



- La Iglesia es signo e instrumento de salvación para todas las personas.
- Los seguidores de otras religiones están llamados a formar parte de la Iglesia.
- No tiene fundamento considerar otras religiones como vías de salvación.

Estas afirmaciones no son nuevas. Recogen lo que durante toda su existencia la Iglesia ha afirmado y ha quedado consignado en los diferentes pronunciamientos conciliares. En este sentido la Iglesia afirma lo fundamental, lo irrenunciable, lo que constituye nuestra confesión de fe como católicos, lo que nos hace optar por esta religión y no por otra. En este sentido podemos hablar de cierto fundamentalismo inherente a toda confesión de fe.

En Vaticano I la revelación se entiende como una acción de Dios por la cual El nos da a conocer la "verdad revelada".

2. La diversa mentalidad hace que eso "fundamental" afirmado en cada religión, se viva como "fundamental en nuestra fe" -un necesario fundamentalismo sano- o se convierta en "fundamentalismo" negando toda posibilidad de diálogo.

Para entender de que diversa mentalidad estamos hablando evocamos la mentalidad subyacente a Vaticano I y la mentalidad de Vaticano II y la manera como cada uno de esos textos entiende la "revelación de Dios". Al diferenciar las dos mentalidades subyacentes a cada época histórica no estamos descalificando ninguna. Por el contrario, estamos constatando como cada época tiene una mentalidad que responde a los desafíos del momento y que presta su mejor servicio en una situación determinada.

En Vaticano I la revelación se entiende como una acción de Dios por la cual El nos da a conocer la "verdad revelada". Esta verdad, que nos viene manifestada por etapas, a lo largo de la historia de la salvación del Antiguo Testamento, tiene su culmen de revelación en Cristo. Esa verdad es clarificada a los apóstoles por el Espíritu Santo y nos viene enseñada principalmente por medio de la Sagrada Escritura. Las tradiciones eclesiásticas complementan la enseñanza de la Biblia y las dos fuentes conforman el "depósito de la fe". Esta revelación viene confiada a la Iglesia, la cual tiene la responsabilidad de enseñarla a sus fieles y a todo el mundo, para lograr que esas verdades transformen la vida de las personas y la sociedad.

Esta forma de comprender la revelación pone el acento en la verdad doctrinal claramente afirmada y que puede ser enseñada a los otros. La revelación se objetiviza en unas enseñanzas que se transmiten. La salvación está íntimamente ligada al conocimiento, aceptación y puesta en práctica de las verdades de la revelación. La fe, respuesta de la persona a la revelación, consiste en "la obediencia del entendimiento y la voluntad" a esa verdad que Dios ha revelado y que nos trasmite la Iglesia[4].

En Vaticano II encontramos una nueva mentalidad, que podemos llamar histórica, para definir la revelación y la fe. La revelación no es el conjunto de verdades doctrinales sino la automanifestación de Dios



Foto João Ripper

en la historia mediante "hechos y palabras intrínsecamente conexos entre sí (...) Pero la verdad íntima acerca de Dios y acerca de la salvación humana se nos manifiesta por la revelación en Cristo, que es a un tiempo mediador y plenitud de toda la revelación"[5]. Se trata por tanto, de una revelación que es acción personal de Dios mismo en la historia y no la revelación de verdades, como contenidos objetivables de conocimiento. La fe entonces se constituye en una respuesta personal a ese Dios que nos habla a través de hechos y palabras. La fe se convierte en el desafío permanente de leer e interpretar los "signos de los tiempos" para responder de la mejor forma al Dios que nos sale al encuentro en nuestro presente histórico.

Esta interpretación de la presencia de Dios en la historia no se hace de modo individual sino a partir de la experiencia comunitaria. La Biblia y la tradición eclesial se convierten en criterios de interpretación de la revelación histórica de Dios. El objetivo de la formación cristiana no se reduce a conocer el "depósito de la fe" sino ante todo a realizar la misma experiencia de fe vivida por los primeros y consignada en la Sagrada Escritura. No es un asentimiento del entendimiento y la voluntad simplemente a unas verdades reveladas sino una adhesión personal al Dios vivo que nos sale al encuentro y nos invita a vivir en comunión con El.

Teniendo en cuenta estas dos mentalidades como horizonte hermenéutico para desarrollar el planteamiento de nuestro escrito podemos concluir lo siguiente:

- Toda religión tiene un "fundamento" irrenunciable que la constituye como tal.

- Ese "fundamento" ha tenido diferentes maneras de comprenderse según la mentalidad de cada época. En la Iglesia católica la mentalidad de Vaticano I ha imperado durante siglos ayudada por la visión imperante de su momento: un solo mundo, el occidental, que se sentía llamado a conquistar a todos los demás pueblos para imponerles su manera de vivir, de pensar, de actuar. Se vivía en el paradigma de una sola cultura "válida y universal" para todos los pueblos: la cultura occidental y la religión católica.

Dios nos mantenga en "fundamentos" sólidos que sostengan nuestra fe y nos hagan ser plurales desde una profunda identidad personal.

- Sin embargo, hoy estamos asistiendo a la emergencia de una nueva visión de mundo, de cultura y de historia. Vaticano II se abre decididamente a esta mentalidad y, sin embargo, sus planteamientos para ser entendidos con toda la audacia que proponen, precisan de una nueva mentalidad histórica que aún no ha llegado a todas las capas de la sociedad y de la Iglesia. Podríamos

decir que convive "vino nuevo en vasijas viejas" y como dice el evangelio "nadie echa vino nuevo en vasijas viejas, porque el vino las rompería. Así se echarían a perder el vino y las vasijas. ¡El vino nuevo, en vasijas nuevas!"[6]

- La Declaración *Dominus Iesus* muestra la convivencia de las dos mentalidades. Aunque continua afirmando lo fundamental y, en ese sentido, es válido su contenido, parece no tener en cuenta la nueva realidad imperante y no llega a abrir horizontes de comprensión de lo fundamental en este nuevo contexto. Parece que cierra puertas donde se precisa un nuevo ardor, un nuevo método, una nueva evangelización[7].

- El "fundamento" de una religión fácilmente se convierte en fundamentalismo cuando la mentalidad que impera es la mentalidad estática que sólo admite una única expresión y formulación de sus verdades de fe y que no sabe posicionarse en el mundo plural en el que actualmente vivimos.

- El "fundamento" de una religión se convierte en posibilidad de diálogo y avance cuando se sitúa en una mentalidad histórica que sabe que tiene que aceptar nuevas posibilidades, mayor riqueza existencial, nuevos desafíos.

Dios nos libre de "fundamentalismos" que lleven a entregar la propia vida por una causa que no responde a la mentalidad contemporánea y la conciencia de respeto, tolerancia, pluralismo que hoy en día el ser humano está conquistando. Dios nos mantenga en "fundamentos" sólidos que sostengan nuestra fe y nos hagan ser plurales desde una profunda identidad personal. En el primer caso entregar la propia vida se convierte en un absurdo imposible de entender. En el segundo caso entregar la vida sigue siendo signo y realización de una vida entregada por amor, por servicio y que se convierte en sacramento del Dios vivo encarnado en nuestra historia. ●

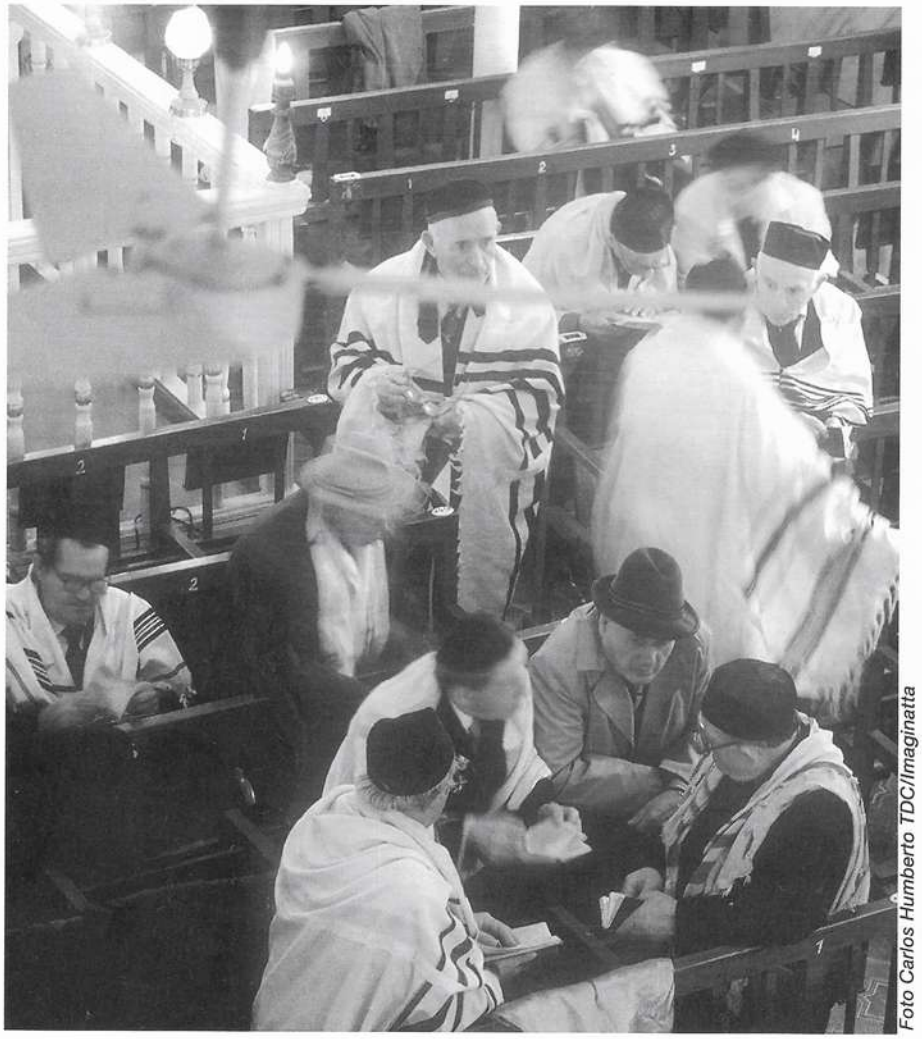


Foto Carlos Humberto TDC/Imaginatta

1 Congregación para la Doctrina de la Fe. Declaración *DOMINUS IESUS*, sobre la unicidad y la universalidad salvífica de Jesucristo y de la Iglesia. Ciudad del Vaticano, 2000.

2 Cfr. Mardones, José María, *Posmodernidad y cristianismo; el desafío del fragmento*. Santander: Sal Terrae, 1988, pp. 86-90 y 151-155.

3 Es bueno recordar los documentos más significativos del Magisterio que han abierto camino al diálogo con las otras religiones cristianas y no-cristianas: Documentos del Vaticano II: *Unitatis Redintegratio* (sobre las Iglesias cristianas y el ecumenismo), *Nostra aetate* (sobre las relaciones con las religiones no cristianas), *Ad gentes* (sobre la misión de la Iglesia de hacer llegar el evangelio a todos los pueblos). Tres encíclicas de Juan Pablo II: *Redemtoris missio* (1990) sobre el mandato misionero de la Iglesia, *Dominum et Vivificantem* (1986) sobre la acción del Espíritu Santo antes de la venida de Cristo y más allá de los confines de la Iglesia, *Ut unum sint* (1995) sobre el ecumenismo. Otros documentos: *Diálogo y misión* (1984) Pontificio Consejo para el Diálogo interreligioso, *Diálogo y anuncio* (1992) Pontificio Consejo para el Diálogo interreligioso y Congregación para la Evangelización de los pueblos.

4 Cfr. Vaticano I, Constitución dogmática *Sobre la fe católica*, cap. 3. La fe, Denzinger, 1789.

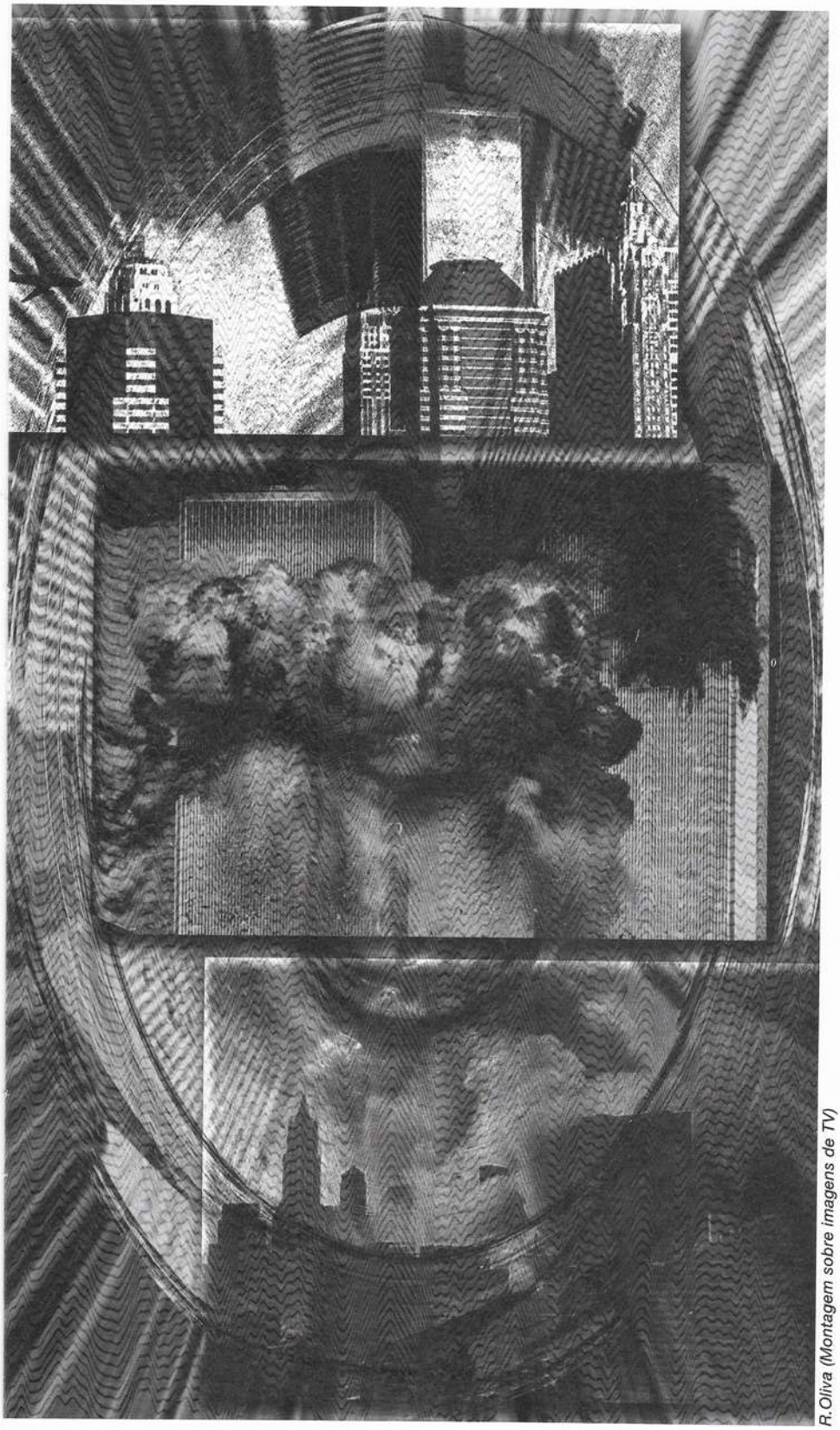
5 Concilio Vaticano II, Constitución dogmática *Dei Verbum* No. 2.

6 Marcos 2, 22

7 Cfr. Pablo VI, Exhortación Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

Toda religião tem um componente fundamentalista?

El fundamentalismo es un término polisémico que ha sido construido históricamente y que responde a diversas realidades socioculturales y geográficamente contextualizadas. El término fue usado de manera irresponsable por los medios de comunicación, los cuales asociaron el fundamentalismo islámico a la violencia, al terrorismo y a la guerra santa. La actitud fundamentalista se caracteriza por desarrollar un modo autoritario, intolerante y puede hacerse presente tanto en el ámbito secular como en el religioso. Según se ha constatado, por ejemplo, en las religiones afrobrasileñas, no toda religión posee elementos fundamentalistas.



R.Oliva (Montagem sobre imagens de TV)

Brenda Carranza
Campinas – São Paulo

Teóloga, Socióloga, doutoranda em Ciências Sociais Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Assessora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS).

NÃO

O fundamentalismo é um termo polissémico, construído historicamente e responde a diversas realidades sócio-culturais e geograficamente contextualizadas. No entanto, nos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, nos EUA, o termo foi utilizado de maneira irresponsável pela mídia, ao associar fundamentalismo islâmico a violência, a terrorismo e a guerra santa, homogenizando realidades culturais e religiosas diversas.

Em linhas gerais o fundamentalismo faz referência à atitude de se posicionar no mundo, mais do que propriamente a concepções de mundo (Cox, 1994). Essa atitude caracteriza-se por desenvolver um modo autoritário, intolerante, compulsivo ao se impor não admitindo-se o meio termo. O olhar fundamentalista é sempre de maneira unívoca, unidirecional e unidimensional. As pessoas fundamentalistas não aceitam, por princípio, aquilo que seja diferente daquilo que elas compreendem como componente insubstituível, ligado às origens. Nesse sentido o fundamentalismo está mais relacionado a correntes de pensamento tradicionalistas e conservadoras, nas

quais seus membros são invariavelmente reativos e reacionários. (Harvey, 1992; Castells, 2000).

O fundamentalismo está presente tanto no âmbito secular quanto no religioso, essa divisão só é possível fazer no nível analítico, pois na base social de todo fundamentalismo os aspectos culturais e religiosos encontram-se estreitamente unidos, sendo difícil poder distinguir o que pertence a que (Marty, 1993).

Na esfera secular é possível pensar que o fundamentalismo se manifesta em três campos: o científico, o político e o cultural. No primeiro campo, o fundamentalismo está referido a uma confiança cega na ciência, na técnica e na razão como únicas fontes da transformação humana e, no límite, sentido de felicidade. É essa promessa de felicidade que caracteriza a modernidade e é ao não cumprimento dela que é atribuído, por analistas sociais, o ressurgimento do sagrado e da magia que caracteriza este novo século.

No segundo campo, o fundamentalismo pode ser identificado com certas formas de totalitarismo no qual só há um modo de fazer política, uma única ideologia e, em nome dela, é legítimo manter um governo ou fazer uma guerra. Nesse sentido, a título de exemplo, podem ser apontados muitos traços de fundamentalismo na ultradireita latinoamerica que através de seus braços armados, os esquadrões da morte, eliminavam quaisquer concorrente ideológico em nome de ideologia de segurança nacional.

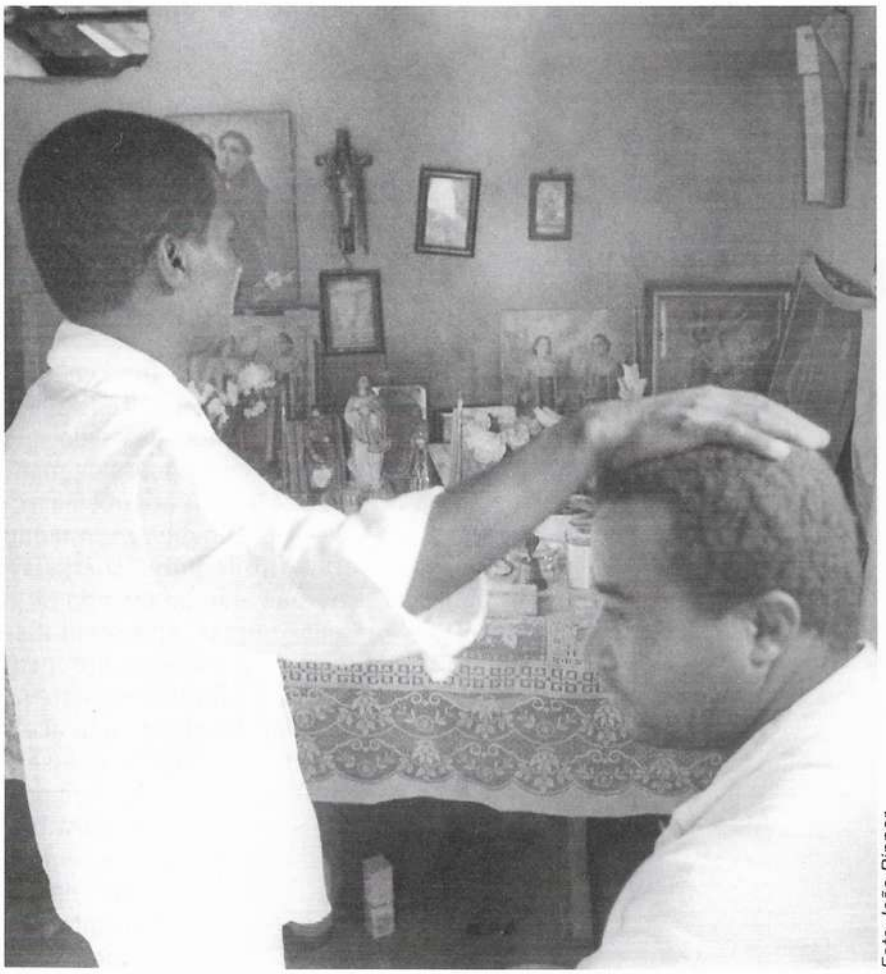


Foto João Ripper

No terceiro campo, destaca-se como traço fundamentalista a imposição da identidade cultural de um grupo sobre outros grupos ou indivíduos, compreendendo-se por identidade a fonte que dá significado às experiências de um povo. O fundamentalismo cultural tem-se mostrado como o esforço que certos grupos fazem para tentar enraizar na estrutura social seus valores e identidade. O enraizamento dessa visão de mundo se dá através de vários meios entre os quais podem ser mencionados a força e o proselitismo. A força pode ser física e simbólica, a primeira chega até o extremo do extermínio de pessoas que são diferentes, pensam e atuam de maneira diferente ao padrão estabelecido como certo pelos grupos que se impõem, exemplo temos nos grupos neo-nazistas da Europa. A segunda é muito mais sútil e sofisticada, consistindo na troca ou eliminação de símbolos de um grupo ou povo, o maior exemplo o temos no processo histórico sofrido pelos povos indígenas que resistiram à Colônia. Outro exemplo, que ilustra o uso de ambas forças é a Revolução Cultural Chinesa.

Na esfera religiosa o fundamentalismo compartilha dos elementos gerais acima mencionados, sendo a sua especificade perfilada a partir de três elementos constititutivos. Os princípios universais exclusivos como bem e mal, por exemplo, que se tornam referência na sua concepção de mundo dos adeptos. A ética-religiosa que perpasse a vida cotidiana de seus fiéis, sendo o parâmetro que permite ter um objeto de controle social, tanto de corpos como de consciências, por parte de grupos e estados que sustentam o poder. Finalmente, a fonte única de interpretação de um livro sagrado, o qual contem leis e princípios divinos. Essa interpretação é intermediária, entre Deus e a humani-

As religiões afrobrasileiras são, fundamentalmente, de troca e manipulação do sagrado, (...) não pretendem impor uma visão de mundo, uma atitude cultural ou assumir um poder político ou religioso.



Foto João Ripper

dade, tornando-se fonte de poder para os indíviduos ou grupos que se atribuem o direito de interpretação. Segundo Kepel, as religiões que possuem um livro santo serão as que tem mais propensão para se tornarem fundamentalistas (Kepel, 1992).

Como vemos os princípios universais, a ética religiosa e o livro sagrado são elementos constitutivos do fundamentalismo religioso, no entanto existem religões que não os contêm. Um exemplo contemporâneo está nas religiões afro-brasileiras que, apesar da perseguição durante séculos por parte do Estado e da Igreja Católica, detêm o estatuto de religião. Elas são basicamente rituais, não tem livro sagrado, são a-éticas e não contêm como princípios universais a distinção entre o bem e o mal (Prandi, 1996). Nelas não está presente a idéia do dever, da retribuição e da piedade para com o próximo, que são o fundamento ético-religioso da salvação, presente nas religiões universais (cristianismo, judaismo, islamismo...). No Candomblé, por exemplo, não há um sistema de moralidade referido ao bem-estar da coletividade humana, ele está mais preocupado com o destino individual, com o aprendizado ritual e iniciático de seus seguidores.

As religiões afrobrasileiras são, fundamentalmente, de troca e manipulação do sagrado, nelas a festa, a dança e a comida cumprem o papel de conectar o seguidor com a divindade (orixá), não pretendem impor uma visão de mundo, uma atitude cultural ou assumir um poder político ou religioso. Elas não concorrem com a modernidade (ciência), nem com outros sistemas de crenças e experiências religiosas. Os seguidores destas religiões usufruem da modernidade, se adaptam aos sistemas políticos e participam de outras religiões, se eles lhes permitem uma dupla pertença, e não exigem para si nem para seus grupos fidelidade de pertença e proselitismo. É aí uma ilustração de que nem todas as religiões contêm elementos fundamentalistas. ●

CASTELLS, Manuel (2000). O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 2. São Paulo, Editora Paz e Terra.

COX, Harvey (1994). La religión en la ciudad secular – hacia una teologia postmoderna. Santander, España, Sal Terrae,

HARVEY, David (1992). Condição Pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola.

KEPEL, Giles (1992). A revanche de Deus, São Paulo, Siciliano.

MARTY, Martin & APPLEBY, Scott (1993). Fundamentalism and Society: Relcaiming the Siences, the Family, and Education. Chicago, USA, The University of Chicago Press.

PRANDI, Reginaldo (1996). Herdeiras do Axê: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo, Editora HUCITEC.

El terrorismo carece de sustento religioso, ético o cultural ya que tiene su origen en el odio, en la destrucción y en la violencia. A su vez, la genuina tradición islámica habla del amor y el respeto al prójimo. En encuentros recientes entre musulmanes y cristianos se ha buscado alertar sobre el riesgo de convertir los atentados terroristas en Nueva York, en un choque irreversible de civilizaciones. El fundamentalista, trátese del tipo religioso, político o militar, quiere imponer su punto de vista, dominar. Lo ideal, sin embargo, es darle espacio al pluralismo, al diálogo interreligioso e intercultural.



EL MOMENTO ACTUAL

La crisis mundial desatada por el ataque terrorista contra el World Trade Center y el Pentágono no puede tener su origen en el "mundo islámico". El fanatismo fundamentalista que llevó a cabo los execrables atentados terroristas de New York no responde a la genuina tradición islámica que habla de amor y respeto al prójimo. Por eso, los encuentros que se han dado entre musulmanes y cristianos, por ejemplo la Cumbre Musulmán-Cristiana en Roma, buscan estar alerta ante la tentación de convertir estos hechos en un choque irreversible entre dos civilizaciones. El terrorismo no tiene sustento religioso, étnico, ni cultural, sino que se origina en el odio, la destrucción y la violencia. Y frente a él se deben erguir el diálogo y la constante búsqueda de la coexistencia pacífica entre países de diferentes tradiciones culturales.

LA RELIGIÓN

En medio de la crisis que se vive está la religión. Tristemente, a lo largo de la historia, la humanidad ha vivido guerras y persecuciones en nombre de Dios o en fidelidad a determinada religión. Frases como éstas, "tenemos la suficiente religión para odiarnos unos a otros, pero no tenemos la suficiente religión para amarnos unos a otros" (Johnatan Swift) son verdaderos desafíos para los creyentes de las diversas confesiones religiosas. Otras parecidas nos siguen desafiando: "las religiones, todas ellas, sin excepción

El diálogo interreligioso

Juan Luis Martín
Pucallpa – Perú



Foto Dri Medeiros

nunca han servido para aproximar y congraciar a los hombres; que por el contrario, han sido y siguen siendo causa de sufrimientos inenarrables. Dice Nietzsche que todo estaría permitido si Dios no existiese, y yo respondo que precisamente por causa y en nombre de Dios es por lo que se ha permitido y justificado todo, principalmente lo peor, principalmente lo más horrendo y cruel" (Saramago). Y nos preguntamos ¿dónde está el Dios que vino para que tengamos vida y vida en abundancia? ¿Qué Dios hemos mostrado los cristianos? Ciertamente no el que llora sobre Jerusalén doliéndose que no comprenda lo que le conduce a la paz.

CREENCIA Y ORTODOXIA

¿Fe o intransigencia, creencia u ortodoxia? Distinguir la "creencia" de la "ortodoxia", en el sentido que lo hace Jean Grenier, puede ser sugerente para diferenciar realidades que están tan presentes en el momento actual. El "Ensayo sobre el espíritu de la ortodoxia" es una larga protesta contra las ortodoxias, las cuales se comportan como doctrinas de exclusión en cuanto se declaran como la opinión recta y verdadera, rechazando cualquier opinión diferente que no puede ser ni lo uno ni lo otro. Mientras que el creyente acude a todos los hombres para que compartan su fe, el ortodoxo rechaza a todos los hombres que no comparten su fe. El fundamentalismo del ortodoxo es intransigente ante la opinión, el modo de vida o cultura de los demás.

EL FUNDAMENTALISMO

La expresión "fundamentalismo" alude al comportamiento que tiende a una absolutización del "yo" en detrimento del "otro" y se entiende como cualquier doctrina o práctica social que busca seguir determinados "fundamentos" tradicionales, generalmente basados en algún libro sagrado o en prácticas consuetudinarias. Aunque la forma más común del fundamentalismo es el religioso, no es el único, entre otros están el político y el militar. No falta razón cuando se afirma que en el actual conflicto no están en juego un fundamentalismo, sino dos. El fundamentalismo del taliban en suelo Afgano y el fundamentalismo del mercado que tiene al capital como el Dios Supremo, donde se confina a lo moral y a lo religioso

al ámbito puramente privado.

El fundamentalista no dialoga, impone, quiere dominar, es aquél que siempre tiene convicciones firmes y por ello actúa como creador de conflictos y como enemigo del progreso. Lo bueno sería, por el contrario, el respeto mutuo, la escucha, la sana autocrítica, la permanente actitud de discernimiento, el desarrollo de movimientos modernos no dogmáticos. La alternativa es el diálogo, el dar cabida al pluralismo, al diálogo intercultural, al diálogo interreligioso. En el diálogo se llega a transformar la mirada, la perspectiva y en él se crean nuevas relaciones de convivencia social. La diversidad cultural puede darse en un diálogo fructuoso que no busca convencer a nadie y que enriquezca a todos.

EL DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

La dominación no va con el sincero encuentro y diálogo interreligioso que parte siempre de una actitud de respeto por el otro. "Quienes sienten u obran de modo distinto al nuestro en materia social, política e incluso religiosa, deben ser también objeto de nuestro respeto y amor. Cuanto más humana y caritativa sea nuestra comprensión íntima de su manera de sentir, mayor será la facilidad para establecer con ellos el diálogo". (N° 28 Gaudium et Spes). El diálogo es una característica reiterada constantemente en el lenguaje religioso, el cual es un lenguaje interpersonal, entre personas, y no entre ideas abstractas o entidades metafísicas. El objeto del lenguaje religioso es una persona, un Tú, no una cosa; una persona con quien el ser humano mantiene las relaciones existenciales más importantes y decisivas y de quien todo lo recibe y a quien está dispuesto a entregarle todo.



Foto João Ripper

"Existen diferentes formas de diálogo interreligioso. Cuatro son las más mencionadas:

a) El *diálogo de la vida*, en el que las personas se esfuerzan por vivir en un espíritu de apertura y de buena vecindad, compartiendo sus alegrías y penas, sus problemas y preocupaciones humanas; b) El *diálogo de las obras*, en el que los cristianos y las otras personas colaboran con vistas al desarrollo integral y la libertad de la gente; c) El *diálogo de los intercambios teológicos*, en el que los expertos buscan profundizar la comprensión de sus respectivas herencias religiosas y aprecian recíprocamente sus propios valores espirituales; d) El *diálogo de la experiencia religiosa*, en el que las personas enraizadas en sus propias tradiciones religiosas comparten sus riquezas espirituales, por ejemplo en lo que se refiere a la oración y la contemplación, la fe y las vías de la búsqueda de Dios y del Absoluto». ("Diálogo y Anuncio", N° 42, 19 de mayo de 1991, Pontificio Consejo para el diálogo interreligioso y Congregación para la Evangelización de los Pueblos).

Juan Pablo II ha tocado el contenido y las actitudes de fe y de humildad, que son necesarias para toda forma de diálogo. El dice que el diálogo interreligioso "se manifiesta en el compromiso común de todos los creyentes por la justicia, la solidaridad y la paz. Se expresa en las relaciones culturales, que siembran semillas de ideales y de trascendencia en las tierras con frecuencia áridas, de la política, de la economía, de la existencia social. El diálogo religioso, en este sentido, supone un momento cualificado en el que los cristianos ofrecen el testimonio íntegro de la fe en Cristo, único Salvador del mundo. Por esa misma fe son conscientes de que el camino hacia la plenitud de la verdad (Cf. Juan 16,13) requiere la humildad de la escucha para comprender y valorar todo rayo de luz, que es siempre fruto del Espíritu de Cristo, independientemente de donde venga".

EL SENTIDO DE LA CRISIS

El cristiano, a causa de su misión, debe afrontar el desafío de dar razón del conflicto, de buscar el sentido de la crisis. El Dios de los cristianos es el de la Encarnación, que supone la presencia real de Dios en la historia humana. "El Hijo de Dios se hizo hombre y habitó entre nosotros". (Jn.1, 14). De ahí la vocación y misión del discípulo, habitar entre los hombres. Si el Dios de los cristianos es el Dios con los hombres y para los hombres, y es más, es el Dios Hombre, el mundo, las culturas se le convierten a los cristianos en lugar de presencia, de encuentro con su Dios. De ahí que los cristianos estén llamados a dar testimonio con experiencias concretas de diálogo y de comunicación que sean luz en la oscuridad, y "cuando la oscuridad es mayor, un fósforo encendido, una chispa, una luciérnaga, tienen un alcance inusitado y levantan nuestra esperanza. Por instantes nos permiten vernos las caras, saber que estamos ahí, percibir rostros menos deprimidos y temerosos de lo que las tinieblas nos podían hacer pensar, sentir miradas que invitan al diálogo y a la colaboración. Eso nos anima a encender otras luces y quebrar la incomunicación". (Gustavo Gutiérrez, SIGNOS XIII, Nº 11-12).

"Tenemos la suficiente religión para odiarnos unos a otros, pero no tenemos la suficiente religión para amarnos unos a otros."
(Johnatan Swift)

Alcanzar el sentido de este momento requiere el diálogo, el interreligioso, el intercultural, entre otros, porque la vivencia de la fe siempre es la vivencia de un cristianismo inculturado. No existe un cristianismo puro, él nació inculturado. Se trata, entonces, de revisar las relaciones dadas entre el cristianismo y las culturas. En este contexto, nuestro ser de evangelizadores, de portadores de la Buena Noticia, requiere una especial conciencia y criticidad ante las mediaciones socioculturales que emplea nuestro discurso de fe. La violencia y la dominación han llegado a puntos álgidos, la discontinuidad entre la teoría y la práctica sólo puede ser superada por el acto creador de la libertad; la vivencia de una fe cristiana cada vez más auténtica se nos convierte en una exigencia impostergable. Se le demanda a los cristianos una fe encarnada que se manifiesta en personas y asociaciones interpersonales verdaderamente fraternas y liberadoras. Estamos ante el desafío de mostrar en nuestra cotidianeidad el fin que perseguimos.

Ante esta realidad violenta nos podemos preguntar: ¿son nuestras comunidades espacios para el encuentro interreligioso? Procedentes de diversos universos culturales ¿nos respetamos? Si cada cultura es portadora de una narrativa, es decir, de una forma particular de ver la realidad y de expresarla con símbolos propios, ¿hay en nuestras comunidades espacios de acogida para las diversas narrativas? En el mundo se han silenciado muchas veces las diversas expresiones culturales o religiosas con formas variadas de violencia, desde el desprecio racista hasta la ironía mordaz. Esta frustración ha producido en el interior de las personas y de los pueblos, profundos sentimientos que también deben encontrar en nuestras comunidades humanas, en nuestros países, espacios de expresión y clarificación. De lo contrario tales sentimientos no expresados constituyen verdaderos puntos ciegos en la comunicación e interrelación en el mundo actual.

"Hombre se te ha dicho ya lo que tienes que hacer: tan sólo practicar la justicia, amar con ternura y caminar humildemente con tu Dios". (Miq.6, 8) •

O diálogo inter-religioso

Juan Luis Martín
Pucallpa – Perú

O MOMENTO ATUAL

A crise mundial que aconteceu por causa do ataque terrorista contra o World Trade Center e o Pentágono não pode ter a sua origem no "mundo islã". O fanatismo fundamentalista que deu origem aos execráveis atentados terroristas de Nova Iorque não responde à autêntica tradição islã que fala do amor e do respeito ao próximo. Por isso, os encontros que ocorreram entre muçulmanos e cristãos, por exemplo, a Cúpula Muçulmana-Cristã em Roma, procuraram se manter alerta diante da tentação de transformar estes fatos num confronto irreversível entre duas civilizações. O terrorismo não tem fundamento religioso, étnico ou cultural, mas tem a sua origem no ódio, na destruição e na violência. Para combatê-lo, devem-se erguer o diálogo e a constante procura da coexistência pacífica entre países de diferentes tradições culturais.

A RELIGIÃO

No meio da crise que está se vivendo, encontra-se a religião. A Humanidade viveu, tristemente, ao longo da história, guerras e perseguições em nome de Deus ou em nome da fidelidade a determinada religião. Frases como estas: " temos a religião suficiente para odiarmos uns aos outros, mas não temos a religião suficiente para amarmos uns aos outros" (Johnatan Swift) são verdadeiros desafios para os crentes das diversas confissões religiosas. Outras semelhantes, continuam a nos desafiar: "as religiões, todas elas, nunca, sem exceção alguma, serviram para os homens se aproximarem ou para entrarem em graça uns com os outros; muito pelo contrário, foram e continuam sendo a causa de sofrimentos inenarráveis. Diz Nietzsche que tudo seria permitido se Deus não existisse, mas eu contesto que precisamente por causa e em nome de Deus, é que se permitiu e justificou tudo. Principalmente, o pior, o mais horrendo e cruel" (Saramago). E nos perguntamos: aonde está o Deus que veio para que tenhamos vida e vida em abundância? Que Deus mostramos nós, os cristãos? Com certeza, não Aquele que chora sobre Jerusalém e se condói de que ela não compreenda o que a conduz à paz.



Foto João Ripper

"Temos a religião suficiente para odiarmos uns aos outros, mas não temos a religião suficiente para amarmos uns aos outros"
(Johnatan Swift)

CRENÇA E ORTODOXIA

Fé ou intransigência, crença ou ortodoxia? Distinguir a *crença* da *ortodoxia*, no sentido que as distingue Jean Grenier, pode ser sugestivo para diferenciar realidades que se encontram tão presentes no momento atual. O "Ensaio sobre o Espírito da Ortodoxia" é um longo protesto contra as ortodoxias, as quais se comportam como doutrinas de exclusão enquanto declaram-se como a opinião correta e verdadeira, recusando qualquer opinião diferente, a qual não pode ser nem uma coisa nem a outra. Enquanto o crente aproxima-se de todos os homens para compartilhar a sua fé, o ortodoxo recusa todos os homens que não compartilham a sua fé. O fundamentalismo do ortodoxo é intransigente diante da opinião, do modo de viver ou da cultura dos outros.

O FUNDAMENTALISMO

A expressão "fundamentalismo" faz alusão ao comportamento que apresenta inclinações ao absolutismo do "eu" em detrimento do "outro" e entende-se como qualquer doutrina ou prática social que procura seguir determinados "fundamentos" tradicionais, geralmente baseados em algum livro sagrado ou em práticas consuetudinárias. Mesmo que a forma mais comum do fundamentalismo se mostrar, seja a religiosa, não é a única. Entre outras, encontra-se a política e a militar. Não sem razão, afirma-se que no atual conflito não estão em jogo um fundamentalismo, mas dois. O fundamentalismo do taliban em solo Afegã e o do fundamentalismo do mercado que tem o capital como Deus Supremo. Desta forma, confina-se a moral e o religioso ao âmbito puramente privado.

O fundamentalista não dialoga, impõe, quer dominar, é aquele que sempre tem convicções firmes e age por causa delas, criando conflitos e mostrando-se como inimigo do progresso. Bom seria, pelo contrário, o respeito mútuo, saber ouvir, uma autocrítica saudável, a permanente atitude de discernimento, o desenvolvimento de movimentos modernos não dogmáticos. A alternativa é o diálogo, é dar espaço ao pluralismo, ao diálogo intercultural, ao diálogo inter-religioso. Através do diálogo, pode-se transformar o olhar, a perspectiva e podem-se criar novas relações de convivência social. A diversidade cultural pode estar presente num diálogo fecundo que não procure convencer ninguém e que enriqueça a todos.

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A dominação não se encaixa com o encontro sincero e com o diálogo



Foto João Ripper

inter-religioso que sempre parte de uma atitude de respeito pelo outro. "Aqueles que sentem e agem de modo diferente ao nosso em matéria social, política e até religiosa, devem ser também alvo do nosso respeito e amor. Quanto mais humana e caridosa seja nossa compreensão íntima sobre a forma de sentir deles, mais fácil será estabelecer com eles o diálogo" (N.º 28 Gaudium et Spes). O diálogo é uma característica que se repete constantemente na linguagem religiosa e esta é uma linguagem inter-pessoal, entre pessoas, e não entre idéias abstratas ou entidades metafísicas. O objeto da linguagem religiosa é uma pessoa, um Tu, não é uma coisa; é uma pessoa com quem o ser humano mantém as relações existenciais mais importantes e decisivas e de quem recebe tudo e por quem está disposto a lhe entregar tudo.

"Existem diferentes formas de diálogo inter-religioso. As mais mencionadas são quatro:

a) O *diálogo da vida*, no qual as pessoas esforçam- se em viver num espírito de abertura e de boa vizinhança, compartilhando as suas alegrias e tristezas, seus problemas e preocupações humanas; b) O *diálogo das obras*, no qual os cristãos e as outras pessoas colaboram para conseguir o desenvolvimento integral e a liberdade das pessoas; c) o *diálogo dos intercâmbios teológicos*, no qual os profissionais procuram aprofundar a compreensão das suas próprias heranças religiosas e apreciam reciprocamente seus próprios valores espirituais; d) o *diálogo da experiência religiosa*, no qual as pessoas que fizeram raízes nas suas próprias tradições religiosas compartilham suas riquezas espirituais, por exemplo, no que se refere à oração e contemplação, à fé e aos caminhos de procura de Deus e do Absoluto. (Diálogo e Anúncio, n.º 42, 19 de maio de 1991, Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos).

João Paulo II percebeu o conteúdo e as atitudes de fé e humildade que são necessárias para toda forma de diálogo. Ele diz que o diálogo inter-religioso "manifesta-se no compromisso comum de todos os

crentes pela justiça, a solidariedade e a paz. Expressa-se nas relações culturais, que semeiam ideais e transcendência nas terras com freqüência áridas, da política, da economia, da existência social. O diálogo religioso, nesse sentido, supõe um momento de qualificação no qual os cristãos oferecem como testemunha a sua fé em Cristo, único Salvador do mundo. E é por essa mesma fé, que são cientes de que o caminho à plenitude da verdade (Cf. João 16, 13) exige a humildade própria de quem sabe ouvir para compreender e valorizar todo raio de luz, que é sempre fruto do Espírito de Cristo, independente de onde ele vier".

O SENTIDO DAS CRISES

O cristão, por causa da sua missão, deve afrontar o desafio de encontrar a razão do conflito, de reconhecer qual é o sentido da crise. O Deus dos cristãos é o Deus da Encarnação, e isto supõe a presença real de Deus na história humana. "O Filho de Deus se fez homem e habitou entre nós" (João 1, 14) Daqui, desprendem-se a vocação e a missão do discípulo, habitar entre os homens. Se o Deus dos cristãos é o Deus com os homens e para os homens, e mais ainda, é o Deus Homem, o mundo e as culturas se transformam, para os cristãos, em espaços onde Ele se faz presente e onde é, portanto, possível o encontro com Ele. É, por isso, que os cristãos são chamados para dar testemunho com experiências concretas de diálogo e de comunicação que sejam luz na escuridão, e "quando a escuridão é maior, um fósforo aceso, uma faísca, um vaga-lume têm uma abrangência inusitada e despertam novas esperanças. Por alguns instantes, permitem vermos as nossas próprias caras, saber que estamos aqui, perceber rostos menos deprimidos e temerosos do que as trevas podiam nos fazer imaginar, sentir olhares que convidam ao diálogo e à colaboração. Isso nos anima a acender outras luzes e a quebrar a falta de comunicação" (Gustavo Gutiérrez, SIGNOS XIII, N.º 11 - 12).

Captar o sentido desse momento exige diálogo, o diálogo inter-religioso, intercultural, entre outros. Porque a vivência da fé sempre é a vivência de um cristianismo "inculturado".

Não existe um cristianismo puro, ele nasceu inculturado. Trata-se, então, de fazer uma revisão das relações existentes entre o cristianismo e as culturas. Neste contexto, nosso ser evangelizadores, de portadores da Boa Nova, requer uma especial consciência e capacidade crítica diante das mediações socio-culturais que utiliza nosso discurso da fé. A violência e a dominação chegaram a pontos críticos, a descontinuidade entre a teoria e a prática só pode ser superada pelo ato criador da liberdade; a vivência de uma fé cristã cada vez mais autêntica é uma exigência impostergável. Demanda-se dos cristãos uma fé encarnada que se manifesta nas pessoas e associações inter-pessoais verdadeiramente fraternas e libertadoras. Encontramo-nos diante do desafio de mostrar no nosso dia-a-dia o fim que perseguimos.

Diante desta realidade violenta podemos nos perguntar: são nossas comunidades espaços para o encontro inter-religioso? Procedentes de diversos universos culturais, respeitamos nossas diferenças? Se cada cultura é portadora de uma narrativa, ou seja, de uma forma particular de ver a realidade e de expressá-la com símbolos próprios, existem nas nossas comunidades espaços de acolhida para as diversas narrativas? No mundo, foram silenciadas muitas vezes expressões culturais e religiosas com formas variadas de violência, do desprezo racista e até de ironia mordaz. Esta frustração provocou, no interior das pessoas e dos povos, profundos sentimentos que também devem encontrar em nossas comunidades humanas, em nossos países, espaços de expressão e esclarecimento. Caso contrário, aqueles sentimentos não expressados constituem verdadeiros pontos cegos na comunicação e inter-relação no mundo atual.

"Homem, foi dito já o que deves fazer: pratica a justiça, ama com ternura e caminha humildemente com teu Deus" (Miq. 6, 8). •



Foto Paulo Lima



Foto Ricardo Funari

Pode-se conceber o ecumenismo como uma corrente poderosa, ampla e duradoura, que aprofunda a plena unidade entre todos os cristãos para que, a partir de sua fé e suas atividades comuns, se faça presente a própria missão de Jesus. A Igreja Católica, inclusive, passa a adotar uma postura baseada na dignidade humana e nos direitos de todos à liberdade religiosa. No processo de desenvolvimento, purificação e enriquecimento das tradições cristãs, torna-se necessária uma plena unidade entre todos os cristãos, bem como uma relação respeitosa e crítica com as outras religiões e correntes de pensamento.

Ecumenismo 2002

Un acercamiento de hermanos

Patricio Rodé
Montevideo - Uruguay

Hoy por hoy podemos concebir al ecumenismo como una corriente poderosa, de larga duración y amplia envergadura, que fue gestándose desde diversos ámbitos en el correr del siglo XX, y se proyecta como una dimensión relevante para la sociedad y para las Iglesias y otras corrientes religiosas, en medio de los desafíos que se plantean a la humanidad al comienzo del siglo XXI.

Desde nuestra perspectiva de cristianos católicos, podemos leer ese dinamismo con nuestras propias ópticas, marcadas por nuestra identidad, nuestra idiosincrasia y nuestra historia, y a la vez atentas a los acontecimientos, entusiasmantes y dramáticos, que moldean ese riquísimo cúmulo de temas en el continente latinoamericano y en todo el mundo de hoy.

Si asumimos la vida cotidiana, la vida en sociedad como tarea y misión, al servicio del hombre y del Evangelio - realidades inseparables-; es decir, si asumimos una perspectiva eclesial, cristiana y laical, nos aproximamos a la corriente ecuménica privilegiando y enfatizando en ella, aquellos aspectos que tienen que ver con la construcción de una convivencia respetuosa entre los seres humanos y orientada a la promoción de su dignidad radical, abierta a la vida nueva en Cristo.

En esa tarea, en ese camino, nos encontramos con muchos, con quienes, juntos, compartimos proyectos y aspiraciones, apostamos a ideales y valores, participamos en organizaciones y en movimientos de acción colectiva. Nos encontramos con quienes tratamos de calar hondo en los valores fundantes de la

más profunda dignidad humana y de la más fraterna convivencia social. Con ellos tratamos de descubrir las dimensiones de lo humano que apuntan más allá de nuestros pequeños y superficiales horizontes, hacia la profundidad honda y polifacética de la vocación humana y de sus exigencias en los procesos de la convivencia social y política.

Y nos encontramos en ese esfuerzo con quienes, más o menos explícitamente, refieren esos valores a una dimensión espiritual y trascendente, y muy en especial, con quienes se reclaman discípulos, convocados por el testimonio y la persona de Jesús de Nazaret, y muy particularmente por el núcleo de su misión: la entrega servidora de su vida y por su victoria ofrecida a todos. Es decir, con hermanos cristianos, integrados a Iglesias y comunidades fuertemente marcadas por la Palabra y por la fe, y por lo tanto en comunión con nosotros en ese aspecto, aunque aún no en una plena comunión eclesial, todavía por lograrse.

En ese contexto, la corriente ecuménica, en su sentido más estricto, profundiza en la búsqueda de una plena unidad entre todos los discípulos de Jesús, entre las Iglesias y comunidades que los agrupan, para que a partir de su profesión de la fe y de su servicio común se haga presente la misión y el propio servicio de Jesús, que le condujo a su victoria y glorificación, compartida con todos los seres humanos y con todo el cosmos. Una búsqueda de unidad también en todas las dimensiones de la profesión de fe, de los gestos sacramentales y de la organización visible y canónica.

PARA QUE EL MUNDO CREA

Es claro que el movimiento ecuménico intenta dialogar, enriquecerse y aportar sus propios descubrimientos desde la perspectiva de la fe cristiana, en medio de la pluralidad de culturas y del diálogo entre ellas, ensanchando el campo de los interlocutores a los humanismos y a las tradiciones religiosas, a menudo lejanas y diferentes en sus intuiciones básicas y en sus formulaciones históricas, pero no por eso carentes de valores.

El movimiento ecuménico es aproximación, diálogo, discernimiento, tarea común, profundización reflexiva, descubrimiento de nuevas dimensiones en la propia identidad –como toda identidad histórica, esencialmente dinámica - y abierta a aportar las propias riquezas y a recibir de las riquezas de los compañeros de camino.

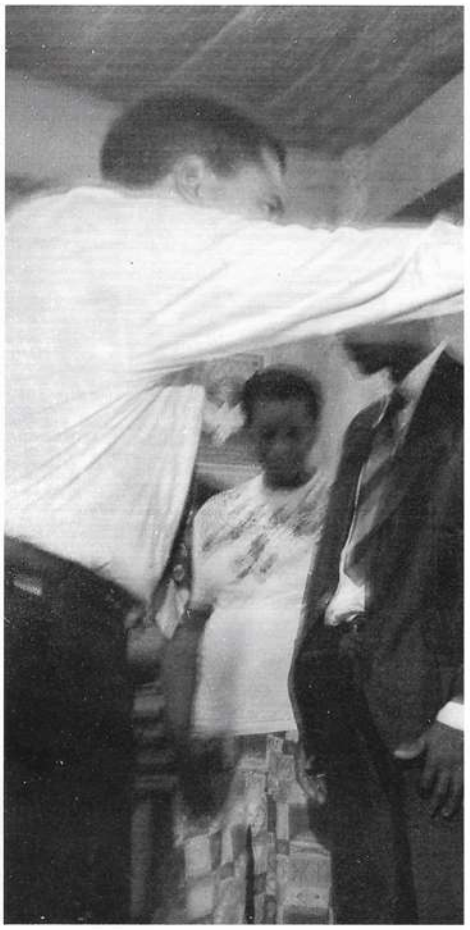


Foto Ricardo Funari

Es claro que el movimiento ecuménico intenta dialogar, enriquecerse y aportar sus propios descubrimientos desde la perspectiva de la fe cristiana, en medio de la pluralidad de culturas y del diálogo entre ellas.

Así, podemos verlo como una respuesta al llamado a construír una historia digna para todos los seres humanos en todas sus dimensiones, desplegando las riquezas evangélicas y enriqueciéndonos con los valores humanos no explícitamente cristianos, y aún críticos o muy lejanos de nuestras Iglesias, pero cuyas dimensiones positivas vamos reconociendo e incorporando como frutos del Espíritu que sopla donde quiere, como semillas del Verbo presente en todos los entresijos del cosmos, de la historia y de las culturas humanas.

Y podemos verlo también, como un paso decisivo en el proceso de evangelización, que es misión irrenunciable de todo cristiano, de toda comunidad. La evangelización, en efecto, es un proceso múltiple que



integra el testimonio de la vida y de los esfuerzos compartidos, que encuentra nuevos lenguajes para expresar el descubrimiento de la vida nueva que se nos ofrece en el Señor resucitado, que reexpresa su profesión de fe según códigos de comunicación rectos y renovados, para que se constituya, para nuestros interlocutores, en anuncio explícito de la Buena Noticia y en denuncia del mal. "Que sean uno para que el mundo crea", fue la oración de Jesús a su Padre.

El camino ecuménico pasa necesariamente también por la "purificación de la memoria", por la conversión de nosotros mismos y por la reforma y purificación continua de la Iglesia. Es un proceso de desarrollo, purificación y enriquecimiento de nuestras propias tradiciones cristianas, en su camino hacia una unidad plena y visible entre todos los cristianos y hacia una relación respetuosa y dialogante, crítica y propositiva, con las grandes corrientes que configuran la historia. Una nueva credibilidad de nuestro anuncio está así en construcción.

Descubrir y afirmar valores no significa desconocer lo negativo, las limitaciones, los errores y el pecado, en nosotros y en los demás, sino enfrentarlos e intentar superarlos, gracias al soplo del Espíritu y a nuestro propio esfuerzo. Por eso, a la apertura básica e inicial se acompaña pronto, en un clima constructivo, la franqueza crítica que también aprendemos en el Evangelio, y la autocrítica que se expresa en la revisión de la historia pasada y en el pedido de perdón, necesarios para seguir el camino hacia delante.

UN CAMINO A RECORRER

Los pasos dados en el camino ecuménico por la Iglesia católica, desde el Concilio Vaticano II hasta hoy, ilustran y ponen en funcionamiento esos aspectos. Sin ellos, el aliento es corto y la autenticidad falla. El camino se hace a veces áspero, y más lento de lo que todos querríamos. Pero lo importante es no tomar falsos atajos (llamados, de parte católica, con términos tales como irenismo, sincretismo, relativismo y, en términos más coloquiales, "cualquiercosismo", o "todo vale"). Tampoco, caer en las viejas tentaciones de autosuficiencias y exclusivismos.

En esos complejos procesos de discernimiento, la consulta entre los interlocutores, aún antes de definir posiciones netas, es fundamental, como lo demostró Juan XXIII durante el período del Concilio. Y como lo propone Juan Pablo II nada menos que sobre el tema clave del ministerio petrino y su ejercicio en la historia y hacia el futuro.

Ahora contamos con una ya rica experiencia en el camino ecuménico como Iglesia católica, además de los aportes del trabajo ecuménico realizado por el pionero Consejo Mundial de Iglesias y por las grandes tradiciones cristianas.

Y ello, no sólo a nivel de cúpulas, de los responsables máximos, pastores y teólogos, a escala mundial. También contamos con los avances, quizás menos visibles pero no menos importantes, en los niveles de los diversos continentes; nuestra América Latina puede mostrar muchas iniciativas y apoyarse en profundas y sostenidas experiencias. Y ni que hablar de la convivencia y el servicio común a escalas locales y en comunidades de base.

Contamos también con un camino recorrido en el relacionamiento con los judíos y con los musulmanes, dentro de la común tradición abrahámica. En una dimensión todavía más

Pasamos de una postura que negaba derechos y generaba intransigencias e intolerancias, a una postura basada en la dignidad humana y en los derechos a la libertad religiosa de todos.

amplia, se ha acumulado una vasta experiencia en el diálogo con otras religiones y espiritualidades, en las culturas oprimidas o minoritarias, o en culturas de amplia difusión e historia milenaria. Los diversos fundamentalismos e integrismos, propios y ajenos, siguen vivos y a veces dificultan los avances deseados.

La experiencia de convivencia, apertura y crítica dialogal con humanismos no religiosos, según diferentes instancias e interlocutores, permite también mirar hacia delante con esperanza, aunque a menudo no encontramos fácilmente puntos de encuentro e intercambio fructífero. Allí, los secularismos y laicismos agresivos y el "pensamiento único" que acompaña a la globalización neoliberal, son piedras en el camino.

Podemos decir que en el siglo XX pasamos los católicos, "del anatema al diálogo", de un cierto triunfalismo a explícitos pedidos de perdón, de la autosuficiencia a solicitar ayuda para avanzar en nuestro propio camino.

Pasamos de mantenernos aferrados a un ideal de cristiandad históricamente ya anacrónico y superado en la práctica e incluso en la reflexión, a abrirnos a las búsquedas históricas en torno a ejes como la promoción humana, los derechos humanos, la justicia y la paz, el diálogo entre las culturas y la construcción de una ética global.

Pasamos de una postura que negaba derechos y generaba intransigencias e intolerancias, a una postura basada en la dignidad humana y en los derechos a la libertad religiosa de todos.

Se ha abierto por ello un amplio espacio para un trabajo de construcción de la convivencia social, llevado a cabo entre todos y "desde abajo", con la irrenunciable inspiración de la fe cristiana y el servicio que ella conlleva, en la dimensión ecuménica que describíamos, ayudados por una práctica, un pensamiento y una enseñanza eclesial referentes a nuestro servicio en medio de los problemas de la sociedad humana. Son elementos que apoyan e impulsan y constituyen una "base de prudencia" para el servicio testimonial en la sociedad, y no un modelo de sociedad preestablecido, ni una receta de "occidentalización" que olvida el compromiso irreversible de la inculturación.

¿Y AHORA QUÉ?

Podemos preguntarnos: ¿y ahora qué?

Vemos, en este comienzo de siglo y de milenio, desafíos y gestos de gran envergadura.

El desafío de la pobreza y la exclusión, de los derechos humanos, el de las colosales migraciones, el del diá-

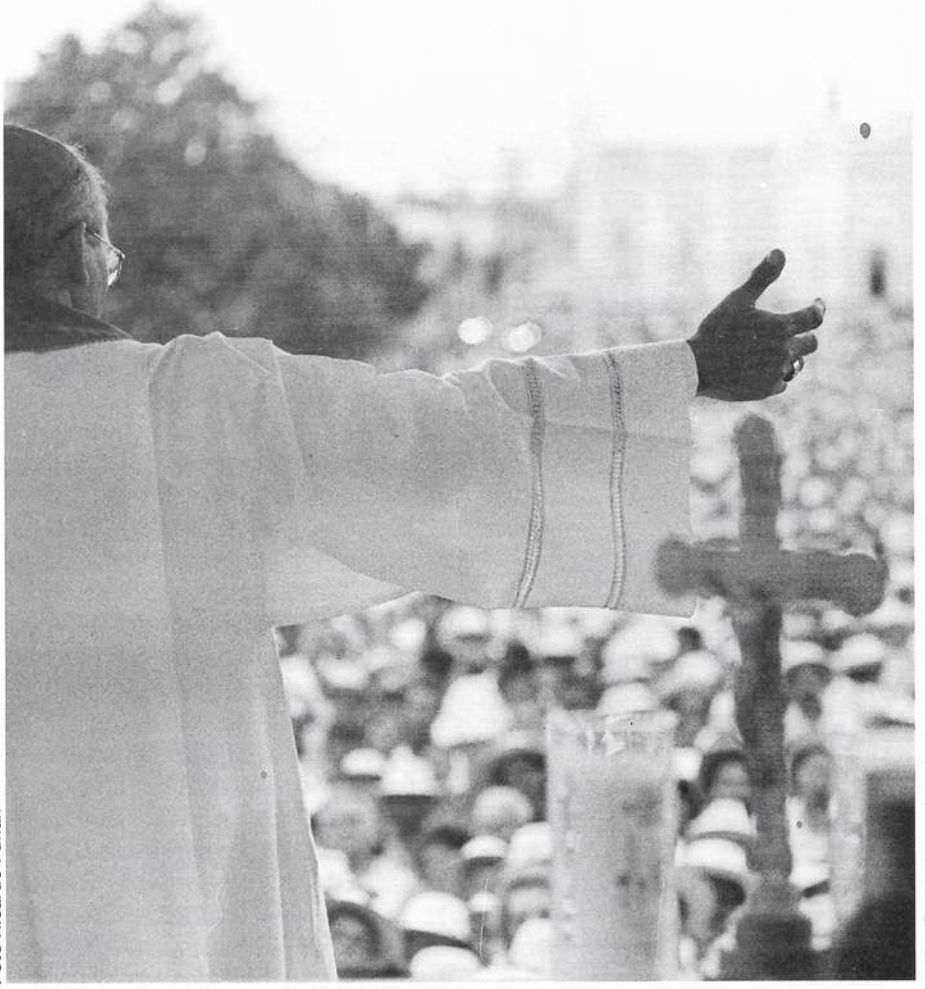


Foto Ricardo Funari

logo entre culturas y religiones que verifique su autenticidad en frutos de construcción de la paz, el del dominio adecuado de la naturaleza para la sustentabilidad del desarrollo, el de una gobernabilidad que asegure el bien común, encausando y orientando los procesos económico-financieros y las relaciones internacionales al servicio de todas las personas humanas, sin exclusiones.

Frente a esos desafíos, y en virtud del imperativo evangélico de la unidad para que el mundo crea, vemos gestos hasta hace poco impensables de acercamiento. Las Iglesias pre-calcedonianas, las Iglesias ortodoxas, las de la Comunión anglicana y las de la Reforma, nuestra propia Iglesia católica organizada en torno a la comunión petrina, dialogan y colaboran entre sí. Los encuentros de servicio a la sociedad se multiplican y diversifican. En todas partes hay Comisiones de ecumenismo y eventos de oración en común que revelan acercamientos profundos en espacios menos visibles.

Desearíamos avanzar más y más rápidamente, porque todos sentimos muy adentro el impulso por la búsqueda de la unidad. Los primeros acercamientos, afectivos y de mutuo conocimiento, ya están avanzados. Ahora se tocan las cuestiones más profundas, aquellas que refieren a las identidades, a lo que cada uno, de buena fe, entiende crucial, innegociable para su fidelidad al Evangelio.

Pienso que las sacudidas de la historia, como el 11 de setiembre y sus secuelas de guerra y fanatismo seudorreligioso, obligan a denunciar el abuso de las tradiciones religiosas, a revisar los restos de fanatismo que pueden anidar entre nosotros y a buscar espacios para un servicio en común. Acontecimientos como los de la Argentina en torno a la Navidad, llaman a la acción. Y la convocatoria del Papa a la oración por la paz en Asís, subraya la profundidad y la urgencia de un esfuerzo profundo. 2002 se abre, sin duda, en perspectiva ecuménica. •

As religiões afro-brasileiras e o diálogo inter-religioso

Patrícia Ricardo de Souza
Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
São Paulo - Brasil

O termo religiões afro-brasileiras é, na verdade, bastante amplo e serve para designar uma vasta gama de religiões que incorporaram elementos das práticas religiosas africanas trazidas pelos negros escravizados à época da colonização. Trata-se de um conjunto de modalidades religiosas bastante diversificado e dinâmico, presente em todo o território, e muito importante na formação da cultura e identidade nacional.

Desse amplo espectro religioso destacam-se por sua importância e alcance o candomblé e a umbanda. O primeiro mais vinculado à herança africana surgiu em meados do século XIX no nordeste do País e depois se expandiu por todo o território; a segunda surgiu no início do século XX no sudeste, logo também se espalhou por todo o Brasil e hoje é sem dúvida a religião afro-brasileira mais difundida.

O centro das religiões afro-brasileiras é o rito — e não a palavra, como é o caso das religiões cristãs — e cada templo religioso tem plena autonomia de culto. Existem muitas federações e instituições que buscam agregar e representar as comunidades de culto, mas a padronização do rito não é preocupação dessas. Não há portanto qualquer instituição que tenha centralidade na representação dessas religiões e que seja capaz de elaborar um discurso e uma prática das mesmas no sentido do diálogo inter-religioso.

Ao lado dessa fragmentação estrutural no entanto, há um fator histórico de suma importância na formação dessas religiões num país de hegemonia católica, que é o sincretismo. As religiões afro-brasileiras surgiram e permanecem ainda hoje sob um forte sincretismo com o catolicismo. Esse sincretismo num primeiro momento foi necessário para a própria sobrevivência dessas religiões, tendo em vista que eram proibidas e, posteriormente, foi incorporado de tal modo que passou a fazer parte dessas modalidades religiosas.

Hoje as religiões afro-brasileiras desfrutam de ampla liberdade de culto sob o regime democrático, e ainda que não haja, por impossibilidade estrutural conforme já assinalamos, uma única posição oficial em relação ao diálogo inter-religioso, na prática a postura de abertura e convivência existe e foi historicamente forjada ao menos em relação ao catolicismo.

Há no entanto um importante segmento religioso profundamente hostil às religiões afro-brasileiras que é o pentecostalismo. Com esse segmento não há diálogo possível para as religiões afro-brasileiras porque são demonizadas por esses, tendo muitas vezes, inclusive, seus templos agredidos.

Ademais há uma percepção difusa entre os líderes das religiões afro-brasileiras, sobretudo nos grandes centros urbanos, de que os espaços de diálogo inter-religioso, que se devem em grande medida aos esforços do movimento ecumênico, ainda que incipientes, devem sim ser ocupados a fim de reduzir o estigma de que essas religiões ainda são vítimas, garantir sua expressão e visibilidade sociais e consequentemente sua reprodução em meio a um mercado religioso cada vez mais competitivo.

MOSAICO cine

Cláudio Marques



O CHAMADO DE DEUS

Direção: José Joffily

Brasil - 2000
Documentário - 80'00"

O Chamado de Deus utiliza-se da discussão de dois grupos de jovens que se decidem pela vida religiosa, abandonando amigos e família. Inicialmente, são apresentadas as duas maiores correntes de pensamento dentro da Igreja Católica no Brasil: a grandiosidade dos cultos comandados pelo padre Marcelo Rossi, em São Paulo, ou show-missas no Rio de Janeiro – de adeptos da Renovação Carismática –, em contraste com as missas e apresentações teatrais com seminaristas mais próximos à Teologia da Libertação, em Bom Jesus da Lapa. Durante esta exposição, surgem os personagens escolhidos pelo diretor para os testemunhos sobre fé, vida e o porquê da opção pela carreira religiosa, que, não raro, envolvem fatores como a oportunidade de poder continuar os estudos ou até mesmo de alcançar o sucesso de um Marcelo Rossi e arrebanhar fiéis-fãs.

ENCRUCIJADA: LA FE EN CUBA (AT THE CROSSROADS: FAITH IN CUBA)

Dirección: Eddie Cabrera

Cuba - 1999
Documental - 52'00"

Este documental explora la religión y la convicción política en Cuba cuatro décadas después de la revolución de 1959. Con la pérdida del apoyo soviético y los efectos del embargo norteamericano, los cubanos experimentan serios problemas económicos. Un número creciente de cubanos recurre a la religión cristiana y afrocubana como referencia espiritual. El Bautismo y los Casamientos por iglesia están en boga y rituales religiosos en otros tiempos reservados, ahora se realizan al aire libre. La obra contiene entrevistas con representantes de los campos de la política, de las artes y de la religión.

LATINOS: LA VIDA DEL ESPÍRITU (LATINOS: THE LIFE OF THE SPIRIT)

Dirección: ?

México - 1992
Documental - 28'00"

Los latinos y el catolicismo ya no gozan de una relación tan estrecha. Este documental aborda temas como: la reciente tendencia entre los latinos a dejar la Iglesia Católica por religiones evangélicas o protestantes; el redescubrimiento por parte de los «chicanos» en California de la espiritualidad nativa y de los rituales religiosos que antecedieron a la llegada de Colón; la peregrinación del tradicional «Feliz Viernes» hacia el santuario Chimayo, en Nuevo México, que muestra que la espiritualidad tradicional sigue viva en estos tiempos modernos.

FÉ

Direção: Ricardo Dias

Brasil - 1998
Documentário - 91'00"

Fé retrata o mosaico de crenças, cultos, seitas e religiões que se estendem por todo o Brasil, enfocando a relação do brasileiro com a divindade e destacando exemplos particulares de religiosidade ao lado das grandes manifestações de fé. Os realizadores partem de um princípio básico: religião não é ópio do povo. Pelo contrário, a fé possuiria importância decisiva para grande parte da população brasileira, e sua presença é ainda maior do que aparenta. Entre as manifestações religiosas retratadas, estão: as festividades do Círio de Nazaré, em Belém do Pará; os romeiros de Padre Cícero, no Ceará; os adeptos da nova era no Vale do Amanhecer, em Brasília; os cultos evangélicos; a Festa de Iemanjá na Praia Grande, em São Paulo; e o fenômeno do médium espírita Chico Xavier, em Uberaba.

ATLÂNTICO NEGRO - NA ROTA DOS ORIXÁS

Direção: Renato Barbieri

Brasil - 1998
Documentário - 75'00"

Partindo das mais antigas tradições religiosas afro-brasileiras, o vídeo do cineasta Renato Barbieri transporta o espectador para a terra de origem dos orixás e vodus: Benin, na África Ocidental, onde estão as raízes da cultura jejê-nagô. É uma viagem no espaço e no tempo que resgata a ponte Brasil/África em busca da ancestralidade ainda presente em terreiros de Salvador (Bahia) e São Luís (Maranhão). A valorização das raízes africanas da nacionalidade brasileira, a influência na religiosidade, a interculturalidade e a história do relacionamento entre o Brasil e o continente africano são alguns dos temas discutidos.

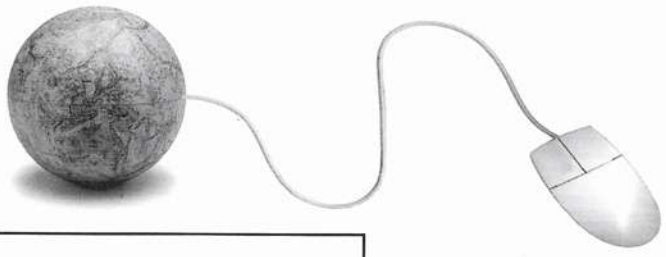
SANTO FORTE

Direção: Eduardo Coutinho

Brasil - 1997
Documentário - 80"00'

Santo Forte mostra que a religião continua sendo um tema central na questão da identidade cultural do brasileiro. Em 5 de outubro de 1997, uma equipe de cinema entra na favela Vila Parque da Cidade, situada na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Os moradores assistem à missa celebrada pelo Papa no Aterro do Flamengo. Em dezembro, a equipe volta à favela para descobrir como seus moradores vivem a experiência religiosa. Católicos, espíritas ou evangélicos, todos eles têm em comum a crença numa comunicação direta com o mundo sobrenatural através da intervenção, em seu cotidiano, de santos, orixás, guias, ou do Espírito Santo. O filme termina em 24 de dezembro, quando alguns personagens celebram, cada um a seu modo, o Natal.

sites



www.asreligioes.com.br

Esta página brasileira é uma apresentação objetiva das principais religiões do planeta, seus personagens, fundamentos, ritos e datas importantes. O intuito não é discutir aspectos teológico-pastorais, muito menos fazer distinção entre religião, seita, filosofia ou movimento religioso, mas apenas relatar crenças e doutrinas, que, através dos tempos, acompanham a humanidade. Em português, espanhol e inglês, o site também disponibiliza, entre outros serviços, chats para debate de idéias.

www.iser.org.br

O Instituto de Estudos da Religião (ISER) é uma ONG que trabalha pelo fortalecimento da sociedade civil e pela plena cidadania no Brasil através de projetos de pesquisa, formação e assessoria. Fundado por pesquisadores interessados nas relações entre religiosidade, cultura brasileira e transformações sociais, o ISER preserva essa linha realizando pesquisas sobre a reconfiguração das correntes católicas, o crescimento evangélico e o surgimento de novas formas de manifestações religiosas. O site disponibiliza notícias e informações sobre projetos.

www.islam.org.br

O site do Centro de Estudos e Divulgação do Islam se propõe a divulgar a religião islam, disponibilizando informações e esclarecendo questões diversificadas. Referindo-se ao tema fundamentalismo islâmico, por exemplo, o site afirma que o islam e seus métodos legislativos rejeitam a violência, o terrorismo e o extremismo. Disponibiliza dezenas de artigos, fórum, fotos, recitações do alcorão em áudio e referências de pesquisa.

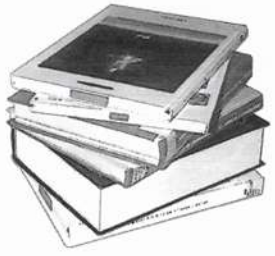
www.naya.org.ar/religion

La Asociación de Científicos Sociales de la Religión en el Mercosur fue fundada en Uruguay, después de las IV jornadas sobre Alternativas Religiosas en Latinoamérica. Nació de la preocupación de un grupo de sociólogos y antropólogos de Argentina, Brasil, Uruguay y Chile por constituir un campo de estudios científicos de la religión, con especial énfasis en el acelerado proceso de cambio y trasnacionalización religiosa vivida por los países de la región. Busca incentivar la investigación y la enseñanza de las ciencias de la religión a partir de una perspectiva latinoamericana. El sitio está en construcción, pero pone a disposición informaciones sobre jornadas científicas y el newsletter *Estudios sobre religión*.

www.multimedios.org

El sitio de la asociación católica VE Multimedios, de Perú, pone a disposición un servicio llamado Biblioteca Electrónica Cristiana (BEC). El objetivo es colaborar en la construcción de una cultura más humana y cristiana. Para tal fin, contribuye con informaciones y reflexiones sobre temas relevantes para las personas de hoy. La BEC ha venido creciendo rápidamente tanto en relación a la cantidad de documentos e informaciones disponibles en formato digital, como en relación a los servicios prestados a los internautas. Los textos están divididos en seis bloques temáticos: «Magisterio», «Nueva Evangelización», «Filosofía», «Teología» (que incluye el tópico «Ecumenismo y diálogo interreligioso), «Ciencia y técnica» y «Humanidades».

livros/libros



Um catolicismo desafiado: Igreja e pluralismo religioso no Brasil
Mário França de Miranda
Editora Paulinas. Brasil, 1996.

Segundo Miranda, a hegemonia do catolicismo, freqüentemente apoiada nos governantes, anulava a incidência social das outras religiões minoritárias, mantendo os católicos, de certo modo, imunes à sua influência. Hoje, contudo, a moderna sociedade pluralista é tolerante com relação às crenças religiosas e o Estado dispensa a legitimação religiosa para garantir sua aceitação e estabilidade. O catolicismo se vê rodeado de "concorrentes", numa incômoda situação já caracterizada como a de um "mercado de bens religiosos". Um catolicismo desafiado analisa esse novo contexto, em que ocorre uma homogeneização dos conteúdos e das práticas das religiões.

Identidade e mudança na religiosidade latino-americana
Roberto Cipriani, Paula Eleta, Arnaldo Nesti (organizadores)
Editora Vozes. Brasil, 2000.

Esta coletânea é um panorama que analisa a profunda mudança sócio-cultural e religiosa ocorrida na América Latina nas últimas décadas, enfatizando o processo de pluralização religiosa. O livro é indicado para estudos de sociologia da religião, filosofia, teologia e história da América Latina.

Globalizar la Esperanza: Reflexiones desde América Latina y el Caribe en la Aurora del Tercer Milenio
(diversos autores)
Ediciones Dabar, México, 1999.

Selección de ensayos sobre diversos temas, incluyendo la globalización, la inculturación, el neoliberalismo y los problemas sociales. Los textos fueron escritos por teólogos y científicos sociales latinoamericanos, a partir de una perspectiva teológica o pastoral.

SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R$40,00

Otros Países Latinoamericanos y África: U$15,00

Asia y Estados Unidos: U$30,00

Europa €35,00

Suscripción de ayuda: U$50,00

Cada número: R$8,00/U$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

Pagos de suscripciones en España por depósito bancario:
Caja España - Cta. Corriente nº 2096 0106 95 2041969804 -
Titular: Maria del Carmen López

PUEDE SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

Argentina: *Elena Picasso*
Moreno 935 3560 - Reconquista -
Santa Fe Tel: 03482-421794
E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

Bolívia: *Rina López*
Calle Aureleo Meléan 753, Calilla 2419
Cochabamba Tel/Fax: /4/231851
E-mail:rilov@supernet.com.bo

Brasil: *Cecilia Botana*
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.280-030
Tel/Fax: 021 2295-8033/2542-6244
E-mail: novamerica@alternex.com.br

Chile: *Maria Paz Sanches y Antonia Altuna*
Vergara 174, Santiago 3
Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844
E-mail: poveda@interaccess.cl

Colombia: *Consuelo Vélez*
Avda. Caracas 41-44 Apto.503
Santafe de Bogotá - Colombia
Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.co

Europa, Ásia África y Estados Unidos: *Maria Isabel Ruiz*
Calle Francisco Silvela, 52, 8º B
28009 - Madrid Tel: /34/9 1/ 573-3539

Maria del Carmen López
Calle Regalado, nº 13, piso 10 47002
Valladolid
E-mail: mcarlopez@terra.es

Guatemala: Maria del Carmen Aguilar
6ª Calle 2-42 zona 1 Colonia El
01001 Guatemala
Tel: /502/232 3388 Fax: 323 5261
E-mail: itguat@terra.com.gt

México: *Paulina Jaime Mugiro*
Uxmal 388-1 Col. Navarte C.P. 03020
Benito Juaréz México DF Tel: 56829926
E-mail: paulis117@hotmail.com

Perú: *Fabíola Luna*
Islas Canarias 164, Lima 21
Tel: /1/ 4632252
E-mail: caaaplima@amauta.rcp.net.pe

República Dominicana: *Irene Veras*
Juan Pablo Pina 14, Santo Domingo,
Fax: /809/ 6899276.
E-mail: verasirene@hotmail.com

Centro Cultural Poveda
Pina 210 A - Ciudad Nueva
Santo Domingo D.N.
Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: *Maria Camino Trapero*
Pascual Costa 3265 ap. 810
Parque Posadas 11.700 - Montevideo
Tel: /2/ 3360027
E-mail: ctrapero@adinet.com.uy

Silvia Rivero - Vizconde de Maria 669
Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - Lindoro Forteza 2496
Código postal: 11400 - Montevideo
Tel: /2/5083395
E-mail: rosal2@adinet.com.uy

Venezuela: *Maria Gorette Rodríguez Fernández*
De Platanal a Desamparados,
Edif. Platanal 37, Piso 1º, Apto 1ª
La Candelaria, 1001, Caracas 1011
Tel: 212/4621823 e 04166359574
E-mail: gore23@telcel.net.ve

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

Diretora
Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial
Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Rina López
Brasil - M.ª Guadalupe Pedrero
Chile - María Inés Wuth
Peru - Fabíola Luna
Uruguai - Rosario Alves
Mexico - Enriqueta Castro Hernández

Comitê Técnico
Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramírez
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Revisão
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração
Cláudio Marques

Assistentes de Marketing
Jackeline Paullier
Alejandra Briceño Fiebig

Secretária
Cecilia Botana

Administração
Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico, Programação Visual e Ilustração da Capa
Rodolpho Oliva

Projeto Gráfico da Capa
Néstor Sacavino

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160,
Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil
CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 2542-6244/2295-8033
E-mail: novamerica@alternex.com.br
www.novamerica.org.br

A direção da revista não se responsabiliza pelas opiniões disseminadas nos artigos.

Publicação indexada em CLASE

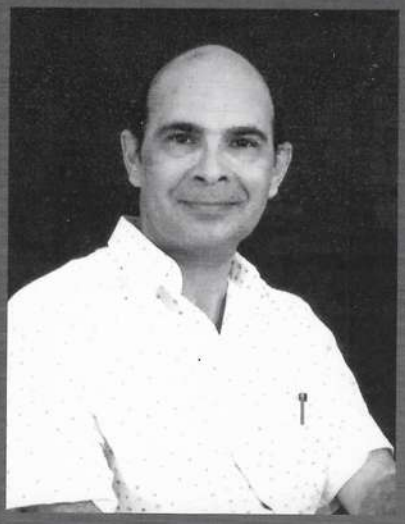
Apoio

Espanha

fundación santa maría

Brasil

I·N·T·E·R cultural



O Deus Uno e seus múltiplos caminhos: o diálogo entre as religiões, caminho de busca espiritual

MARCELO BARROS[1] Brasil

Uma característica do mundo atual é o pluralismo cultural e religioso. Esta diversidade manifesta uma grande riqueza de expressões culturais, mas também provoca fechamento e rigidez institucional. Se uma religião pensa ser proprietária exclusiva da revelação divina e compreende a si mesma como a única verdadeira, descartará as outras e as combaterá. Hans Küng, teólogo suíço tem razão: "Ou as religiões se entendem, ou não teremos paz neste mundo".

Para que as religiões dialoguem e colaborem para a paz e a justiça, não bastam relações diplomáticas. Desde 1893, em Chicago, um pastor evangélico organizou o Parlamento das Religiões pela Paz. Desde o início deste caminho, procuram-se aprofundar bases espirituais, nas quais todas as crenças sintam-se chamadas à unidade. Cada vez mais, muitos crentes concordam: a base do diálogo inter-religioso é a compreensão do próprio mistério divino como Vida que se dá amorosamente e pede de quem a acolhe a mesma disponibilidade de amor e doação. Em um documento recente, a Federação dos bispos católicos da Ásia declarou: "O fundamento do diálogo entre as religiões é a certeza da universalidade do amor de Deus. Deus se dá. Sobre isso, nós, seres humanos, não temos nenhum controle. Por isso, devemos conhecer o que Deus disse e continua a dizer, de mil maneiras e nas mais diferentes expressões religiosas que existem no mundo. Consagrar-se a isso é uma forma de acolher a graça divina. Podemos compreender as religiões como respostas ao encontro com o mistério divino ou com a realidade última. Por isso, todas as tradições religiosas da humanidade têm um sentido e ocupam um lugar no projeto divino da salvação"[2].

O diálogo inter-cultural e inter-religioso é exigência intrínseca da própria mística. Por isso, encontros inter-religiosos organizados pelo Papa e por grandes líderes institucionais podem ser exemplares e proféticos, mas precisam ser complementados, no dia-a-dia, pelo diálogo e testemunho de pessoas mais livres e verdadeiramente espirituais que tragam aos encontros ecumênicos suas experiências de amor e compaixão. Só a mística fornece às diversas religiões um idioma comum para a compreensão mútua e a colaboração a serviço da Paz, Justiça e Defesa do universo.

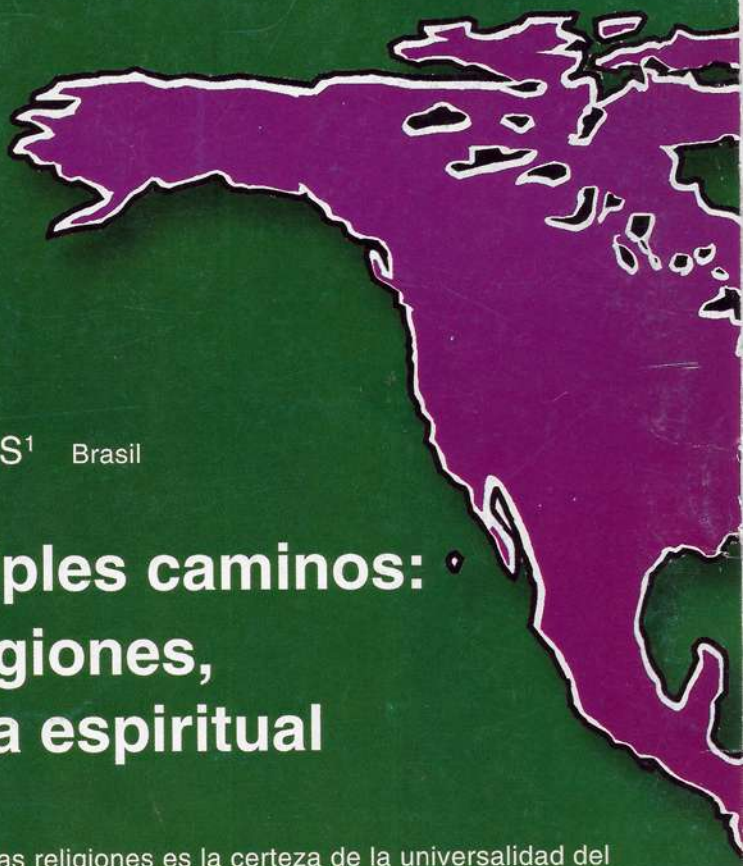
---

[1] Marcelo Barros, monge beneditino, 57, é teólogo e autor de 24 livros, dos quais o mais recente é o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. É assessor nacional da Pastoral da Terra e das Comunidades Eclesiais de Base. Fax: 062-3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

[2] Federação dos Bispos Asiáticos, "O que o Espírito diz às Igrejas", Documentos, 1999. Tradução do italiano publicado na íntegra por ADISTA, 11/ 10/ 99, p. 05 - 10.

Nº 93 - ISSN 0325-6960 NOVAMERICA - Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo CEP: 22280-030 Tel/Fax: (55) (021) 2542-6244 E-mail: novamerica@ax.apc.org Rio de Janeiro - RJ - Brasil





MARCELO BARROS[1] Brasil

El Dios Uno y sus múltiples caminos: El diálogo entre las religiones, un camino de búsqueda espiritual

Una característica del mundo actual es el pluralismo cultural y religioso. Esta diversidad pone de manifiesto una gran riqueza de expresiones, pero también produce el cierre y la rigidez institucional. Si una religión se piensa a sí misma como la dueña exclusiva de la revelación divina y, también, a sí misma se comprende como la única verdadera, descartará a las otras y las combatirá.

Hans Küng, un teólogo suizo, tiene razón al afirmar:» O las religiones se entienden, o no tendremos paz en este mundo».

Para que las religiones dialoguen y colaboren por la paz y la justicia, no bastan las relaciones diplomáticas. En 1893, en Chicago, un pastor evangélico organizó el Parlamento de las Religiones por la Paz. Desde que se inició este camino, se busca profundizar bases espirituales en las cuales todas las creencias se sientan llamadas a la unidad. Cada vez son más los creyentes que concuerdan en que la base del diálogo interreligioso es la comprensión del propio misterio divino como Vida que se da amorosamente y pide a quien lo acoge la misma disponibilidad de amor y entrega. En un documento reciente, la Federación de los obispos católicos de Asia declaró: «El fundamento del diálogo entre las religiones es la certeza de la universalidad del amor de Dios. Dios se da a sí mismo. Sobre esto, nosotros, seres humanos, no tenemos ningún control. Por ese motivo, debemos conocer lo que Dios dijo y continúa diciendo de mil maneras y a través de las más diferentes expresiones religiosas que existen en el mundo. Consagrarse a esta tarea equivale a acoger la gracia divina. Podemos comprender las religiones como respuestas al encuentro con el misterio divino o con la realidad última. Por eso, todas las tradiciones religiosas de la humanidad tienen un sentido y ocupan un lugar en el proyecto divino de salvación»[2].

El diálogo intercultural e interreligioso es una exigencia intrínseca de la propia mística. Por esa razón, los encuentros interreligiosos organizados por el Papa y por grandes líderes institucionales pueden ser ejemplares y proféticos, pero necesitan ser complementados día a día, a través del diálogo y del testimonio de personas más libres y verdaderamente espirituales que lleven a los encuentros ecuménicos sus experiencias de amor y compasión. Sólo la mística provee a las diferentes religiones un idioma común para la comprensión mutua y la colaboración al servicio de la paz, la justicia y la defensa del universo.

---

[1] Marcelo Barros, monje benedictino, 57 años, es teólogo y autor de 24 libros, de los cuales el más reciente es la novela «La Fiesta del Pastor», Ed. Rede. Es asesor nacional de la Pastoral de la Tierra y de las Comunidades Eclesiales de Base. Fax: 062 - 3721135. E-mail: mostecum@cultura.com.br

[2] Federación de los Obispos Asiáticos, «Lo que el Espíritu le dice a las Iglesias», Documentos, 1999. Trad. del italiano publicado integralmente por ADISTA, 11/ 10/ 99, p. 05 - 10.

NOVAMERICA